

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

ADRIANA DA SILVA MOREIRA

**PROTAGONISMO FEMININO EM HERÓDOTO:
Da herança épica às estruturas de poder**

Versão Corrigida

São Paulo
2020

ADRIANA DA SILVA MOREIRA

**PROTAGONISMO FEMININO EM HERÓDOTO:
Da herança épica às estruturas de poder**

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas para obtenção do título
de Mestre em Letras Clássicas.

Área de Concentração: Letras Clássicas e
Vernáculas.

Orientador: Prof. Dr. Breno Battistin Sebastiani.

São Paulo
2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M835p Moreira, Adriana da Silva
 Protagonismo Feminino em Heródoto: da herança épica às
 estruturas de poder / Adriana da Silva Moreira ; orientador
 Breno Battistin Sebastiani. - São Paulo, 2020.
 94 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e
Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento
de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração:
Letras Clássicas.

1. Historiografia. 2. Mulheres. 3. Protagonismo feminino
. I. Sebastiani, Breno Battistin, orient.
II. Título.

ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): Adriana da Silva Moreira

Data da defesa: 30/04/2020

Nome do Prof. (a) orientador (a): Breno Battistin Sebastiani

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 19/06/2020



(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: Adriana da Silva Moreira

Título: **Protagonismo feminino em Heródoto: da herança épica às estruturas de poder.**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras Clássicas.

Programa de Pós Graduação Letras Clássicas e Vernáculas.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

Banca Examinadora

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra.: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Em memória daqueles que partiram, Sebastiana, que com determinação e amor formou minhas bases e ao irmão, Zeca, pela alegria, proteção e generosidade, com quem tive a sorte de dividir a caminhada. E com carinho a que chegou, Maya.

AGRADECIMENTOS

Ao professor-orientador Dr. Breno Battistin Sebastiani, pela dedicação como professor, que torna os estudos clássicos um saber acessível, pelo acolhimento sempre sincero, que me incentivou com os estudos na área, mostrando a seriedade do método desde a primeira IC, até agora, com esta dissertação de mestrado. Sou especialmente grata pela paciência durante todos esses anos. Obrigada, professor.

Aos professores do departamento de Clássicas da USP, Prof. Dr. Daniel Rossi Nunes, Prof. Dr. José Mariani Macedo, Prof^a. Dra. Mary Lafer, Prof^a. Dra. Giuliana Ragusa, Prof. Dr. José Torrano, Prof^a. Dra. Adriane Duarte, Prof. Dr. André Malta, pelo muito que contribuíram com a minha formação, compartilhando seus saberes.

Às colegas Camila Zanon e Lucia Sano por aceitarem o convite e pelas valiosas observações no relatório de qualificação.

Aos colegas Vinícius Guimarães, Flávia Benini, Lucas Nascimento, que juntamente com a Camila Zanon toparam iniciar um grupo de estudos no início do mestrado e com isso colaboraram para os primeiros passos dessa dissertação.

No âmbito particular, agradeço às irmãs Helena, Laíce, Tânia, Josi e Cleide, mulheres que protagonizam minha história, pelas tardes de cafés aos sábados, pelos almoços alegres aos domingos, pelas orientações, críticas e apoio em todas as situações, pelo imprescindível suporte na tristeza e por me ensinarem todos os dias o sentido de família, obrigada por serem um porto seguro na minha vida.

Aos irmãos Renato e Cleiton, pelo companheirismo e cumplicidade desde a infância, por tornarem os encontros familiares tão divertidos e leves, agradeço de coração pelo cuidado, ternura e amor que se fazem sempre presentes na nossa relação.

Aos sobrinhos amados, Daiane, Jhoni, Bruno, Vinícius, Raquel, Nathan, Michele, Gabriel, Miguel, João e Lucas pelas alegrias e ensinamentos que acrescentaram na minha vida.

Às melhores amigas, Juliana e Nilda, pela amizade que se fortalece a cada ano, pelos encontros animados, pelas longas conversas, pelas risadas sem fim, por me acompanharem e contribuírem nos momentos mais frágeis e também nos mais fortes.

Às amigas professoras Jaque e Fernanda, que durante o processo do mestrado se revelaram inestimáveis companheiras no ambiente de trabalho e, sobretudo, fora dele.

Aos queridos Leopoldo e Janete, pelo terno incentivo à minha prática profissional, desde as primeiras aulas na FIEB, por me fazer compreender a riqueza da diferença na prática pedagógica e por ser uma fonte de inspiração pela ética e dedicação que empregam na árdua profissão de professor.

Aos colegas da FIEB: Amanda, Jô, Geraldo, Fabi, Thais, Tássia, Vanessa, Edson Carlos, Edno, Alessandra, Ednelson, Amarildo, Rosa, Rubia, Bruno, Débora, Alexandre, Luciene, Vanessa, Gibson, Patrícia e todos os que compartilharam saberes e impressões e contribuíram para que minha jornada fosse tão rica.

A todos os meus alunos, por ensinarem que para ser professora é necessário conhecer e respeitar o outro, por ser a motivação que encontro para evoluir em todos os aspectos e por me fazer ter esperança na educação do Brasil.

Em especial, agradeço ao Alexandre, primeiro a me encorajar a seguir nos Estudos Clássicos no início da graduação, pelo companheirismo, pela paciência e, sobretudo, pelo amor.

RESUMO

A proposta desta dissertação é abordar o tema “participação feminina” nas *Histórias* de Heródoto. O caminho adotado para esse fim passou pelo levantamento de dados sobre a presença feminina em Heródoto, exposto por Carolyn Dewald, em 1981, no qual as mulheres que aparecem no relato do historiador estão classificadas em grupos diferentes de acordo com a atuação de cada uma delas. A partir das considerações da estudiosa, apresenta-se um recorte dessa atuação no Livro I, com os episódios nos quais as mulheres estão atuando, para, em seguida, destacar um grupo de cinco mulheres que aparecem em momentos diferentes da narrativa. São elas, a esposa de Candaules, Espaco, Semíramis, Nítocris e Tómiris. Essas personagens atuam como protagonistas dos casos que as envolvem, demonstrando a escolha de Heródoto em registrar importantes ações tanto de homens quanto de mulheres em seu relato. Este estudo visa também traçar um paralelo entre o modo como o autor expõe essas personagens e a técnica narrativa de criação de personagens nos relatos épicos, *Iliada* e *Odisseia*. Para tanto, optou-se por identificar como o comportamento dessas mulheres em Heródoto reflete, muitas vezes, aquele apresentado nas referidas epopeias com base no conceito de excelência grega (*arete*). Em última análise, partindo da tradução dos trechos, esta dissertação procura explorar o modo como as cinco mulheres identificadas como protagonistas nas principais ações do Livro I estão envolvidas na configuração política de poder das sociedades expostas por Heródoto.

Palavras-chave: *Histórias*. Heródoto. Mulheres. Protagonismo feminino.

ABSTRACT

This study aims to address the theme “female participation” in Herodotus’ *Histories*. The methodological path adopted for the elaboration went through the lifting of data on the female presence in Herodotus, exposed by the author Carolyn Dewald, in 1981, in which the women who appear in the historian’s report are classified in different groups according to the performance of each one of them. Based on the scholar’s considerations, a section of this performance is presented in Book I, with the episodes in which women are active, to then highlight a group of five women who appear at different moments in the narrative. They are Candaules’ wife Espaco, Semiramis, Nitocris, and Tomiris. These characters act as protagonists of the episodes involving them, thus demonstrating Herodotus’ choice to register important actions of both men and women in his account. This study intends to draw a parallel between the way the author exposes these characters and the narrative technique of character creation in epic plots like *Iliad*’s and *Odyssey*’s. To this end, the analysis identifies how the behavior of these women in Herodotus frequently reflects that presented in the referred epics and based on the concept of Greek excellence (*arete*). Ultimately, based on the translation of the excerpts, this study seeks to explore how the five women identified as protagonists in the main actions of Book I are involved in the political configuration of power in the societies exposed by Herodotus. Based on the translation of parts of Book I, this study seeks to explore how the five women identified as protagonists in the main actions of this book and how they are involved in the political configuration of power in the societies described by Herodotus.

Keywords: *Histories*. Herodotus. Women. Female protagonism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.8-12; 91.....	55
Quadro 2 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.110 -113.....	63
Quadro 3 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.184 e 1.185-187	73
Quadro 4 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.205-214.....	81

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 AS MULHERES NO LIVRO I – CATEGORIZAÇÃO E ILUSTRAÇÃO NA PESQUISA ACADÊMICA	18
1.1 Aproximando o olhar: Influências da participação feminina no Livro I	24
2 HERANÇA ÉPICA NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS <i>HISTÓRIAS</i>	34
3 AS ESTRUTURAS DE PODER E O PROTAGONISMO FEMININO NO LIVRO I DE HERÓDOTO	47
3.1 Mulheres na trama do poder político: os percursos de transmissão de poder no regime político do Livro I – Estudo de casos	50
3.1.1 A Esposa de Candaules: transmissão de poder pela Esposa-Rainha.....	50
3.1.2 Espaço/Cino: o poder nas mãos de uma serva.....	59
3.1.3 Semíramis e Nítocris: o feminino na conquista da Babilônia.....	68
3.1.4 Tómiris: o limite do poder de Ciro	77
CONCLUSÃO	88
BIBLIOGRAFIA	91

INTRODUÇÃO

A produção literária de Heródoto (Hdt) passou muito tempo por uma enorme crítica calcada na acusação de um autor “crédulo” e “ingênuo”, com um discurso parcial e relativo. Juntou-se a essa crítica a corrente positivista do século XIX, que fez com que sua obra fosse ainda mais desacreditada e desconsiderada como uma produção científica *strictu sensu*. Devido a essas concepções acadêmicas, o autor ganhou a fama de “fabulista” ou “contador de histórias sobre o maravilhoso”, sendo diversas vezes colocado no extremo oposto de seu contemporâneo, Tucídides.

Nino Luraghi (2009)¹, porém, constrói a figura de Heródoto como uma autoridade reconhecida na comunidade de estudos clássicos por seu saber e por ter conhecimento dos fatos. De acordo com Luraghi, o narrador das *Histórias* atribui muitas vezes a fonte de seus conhecimentos aos *logoi andres* – uma espécie de memorialistas orais iletrados. Essa análise é importante, pois Luraghi revela um problema em colocar questionamentos sobre o conceito de verdade em Heródoto, já que se corre o risco de considerar, por exemplo, que sua obra carregue uma verdade do século XIX, XX ou XXI.

A partir desse questionamento, Luraghi chama atenção para a falta de correspondência entre a verdade moderna e contemporânea e o conceito de verdade em Heródoto, uma vez que os mecanismos de acesso à informação produziram a verdade que aquele público e aquele autor/narrador consideravam como tal. Portanto, começar a leitura de Heródoto julgando-a como uma não verdade, uma fábula ou como uma verdade inferior em relação à reproduzida nos dias atuais, constitui-se como um erro.

Forsdyke (2006, p. 224) assume a frente de estudos em que Heródoto é visto como “[...] um narrador qualificado, o qual, através de uma construção cuidadosa de padrões temáticos e verbais, expressou o ponto de vista sobre algumas das questões políticas mais pertinentes do seu tempo”. Para além do registro histórico sobre as guerras entre gregos e medo-persas e sobre as maravilhas apresentadas em sua obra, ele refletiu também sobre diversos parâmetros morais, filosóficos e políticos da época.

Considerando, novamente, as afirmações de Forsdyke (2006) relativas ao pensamento político em Heródoto, é fundamental então o entendimento de uma nova abordagem sobre a política nas *Histórias*. A autora defende que o exame das diversas culturas, gregas e não gregas, na obra de Heródoto, é agora visto como fortemente ligado à sua preocupação com a

¹ Todas as traduções da língua inglesa para o português são de minha autoria e responsabilidade.

cultura política e a história das comunidades sobre o que ele discute e não um elemento separado, que precise ser explicado. Em parte, a identificação do significado político no texto de Heródoto ocorreu devido aos estudos narratológicos. Forsdyke (2006) afirma que, por meio dos exames de padrões narrativos, estudiosos foram capazes de entender a maneira como Heródoto deu sentido político às narrativas e expressou sua visão política, usando de sua própria voz (metanarrativa), além de diferentes tipos de narrativa, como a interrupção da sequência cronológica para expressar sua opinião sobre o significado dos eventos históricos.

Com essas considerações, é possível concluir que, os estudos sobre a obra de Heródoto se aprofundaram ao longo do tempo e buscaram acompanhar as preocupações sociais pertinentes ao período histórico em que foram produzidos. Hoje em dia, há diversas abordagens sobre os temas trazidos para a narrativa de Heródoto, como a relação do historiador com Homero² e a aproximação da criação das histórias com o relato épico³, abordagens que discutem ainda acerca da aproximação da estrutura narrativa das *Histórias* com características próprias da tragédia⁴. Ademais, a corrente narratológica⁵ o inclui em seus estudos e é comum deparar-se com análises muito ricas e profícuas dos métodos e papéis narrativos usados em Heródoto. Além desses, incluem-se com igual valor os conhecimentos produzidos por estudiosos do historiador voltados às questões morais⁶, religiosas⁷, etnográficas⁸ e políticas⁹.

² Cf. MARINCOLA, J. Herodotus and the poetry of the past. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 13–28.

³ Cf. FOWLER, R. Herodotus and his prose predecessors. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 29–45.

⁴ Cf. GRIFFIN J. Herodotus and tragedy. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 46–59.

⁵ Cf. JONG, I. J. F. de. **Narratology and Classics: A Practical Guide**. Oxford: Oxford University Press, 2014.

⁶ Cf. FISHER, N. Popular Morality in Herodotus. In: BEKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de.; WEES, H. van. (Eds.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002, p. 199-224.

⁷ Cf. MIKALSON, J. D. Religion in Herodotus. In: BEKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de.; WEES, H. van. (Eds.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002, p.187-198.

Cf. SCULLION, S. Herodotus and Greek religion. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 192–208.

⁸ Cf. HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Tradução de Jacynto Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

Cf. THOMAS R. The intellectual milieu of Herodotus. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 60–75.

⁹ Cf. RAAFLAUB, K. A. Philosophy, Science, Politics: Herodotus and the Intellectual Trends of his Time. In: BEKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de.; WEES, H. van. (Eds.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002, p. 149-186.

Cf. FORSDYKE, S. Herodotus, political history and political thought. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 224–241.

Assumiu-se, desta forma, que a riqueza da obra de Heródoto permite abordagens muito diversificadas. Por isso, não está fora da realidade acadêmica abordar também estudos da participação feminina a partir de sua obra. Dentre os temas cotejados em pesquisas recentes sobre as *Histórias* está a representação da mulher que, embora nas últimas três décadas tenha recebido maior atenção acadêmica, não foi explorado em sua totalidade, podendo assim oferecer esclarecimentos importantes para o atual cenário da pesquisa acadêmica e das relações existentes no sistema social e político vigente.

Uma das dificuldades para a abordagem acadêmica sobre o papel das mulheres nas *Histórias* é uma espécie de “apagamento feminino”, pois não é costume encontrarmos a participação ativa de mulheres nos episódios constituintes da história ocidental, sendo a elas quase sempre relegado o lugar exclusivo da esfera particular em detrimento da pública.

Entretanto esse cenário tem apresentado mudanças, nota-se que as pesquisas sobre a condição feminina na literatura vêm ocupando papel importante no palco dos meios sociais e acadêmicos contemporâneos, pois é um assunto que suscita grandes reflexões acerca da configuração social atual. É possível afirmar que, conforme as mudanças sociais vão acontecendo, surgem novos meios para analisar e compreender as relações históricas dos papéis de gênero¹⁰ na sociedade.

Justamente por causa desse novo impulso, que se irradia desde a década de 70, novas e profundas motivações ganharam fôlego para a análise da atuação feminina nas *Histórias*. O presente trabalho insere-se nesse contexto ao abordar a participação de figuras femininas na obra de Heródoto. O objetivo é expor, com foco no Livro I, a participação das mulheres no retrato amplo de sociedade que Heródoto produz; quais recursos são evidenciados pelo narrador na descrição das passagens em que essas mulheres participaram e, por fim, de que maneira as mulheres do Livro I estão ligadas à narrativa do poder político que vigorava naquelas sociedades. Para se chegar a esse objetivo, o estudo a seguir examina a atuação de cinco mulheres participantes nos principais episódios do primeiro livro a compor as *Histórias* de Heródoto, sendo elas a esposa de Candaules, Espaço, Semíramis, Nítocris e Tómiris.

¹⁰ Joan Scott (1995), no artigo: *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, faz esclarecimentos importantes para o uso do termo “gênero”. Entre eles, sua aparição inicial ocorrida entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. Segundo a historiadora (1995, p. 72): “A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como ‘sexo’ ou diferença ‘sexual’. O termo ‘gênero’ enfatiza igualmente o aspecto relacional das definições normativas de feminilidade.” Essa reflexão leva-nos a entender as razões pelas quais a pesquisa atualiza-se de acordo com cada contexto histórico-social. Não há como afirmar que Heródoto tivesse consciência de uma distinção de gênero, entretanto não é possível negar que ele representou as figuras femininas de uma maneira surpreendente e por isso, hoje, há estudos que olham para um conceito tão recente e veem seu reflexo em textos tão antigos.

O caminho percorrido na análise passou primeiro pelo estudo acerca da atuação feminina proposto por Dewald (1981); em seguida, somou-se aos estudos realizados pela pesquisadora uma investigação que enfatiza o protagonismo das mulheres no Livro I; o terceiro passo tratou de verificar os paralelos entre a produção épica homérica e os recursos narrativos usados por Heródoto para a construção das cinco personagens femininas analisadas; e por último, refletiu-se a respeito das estruturas de poder nas quais elas estavam envolvidas.

Para Dewald (1981), os estudos sobre a participação feminina em Heródoto devem ser incorporados ao quadro da pesquisa acadêmica, uma vez que contribuem para a compreensão mais ampla da sociedade grega antiga. Pesquisas sobre mulheres nas *Histórias* elaborada pela própria C. Dewald (1981), bem como por R. V. Munson (1988), J. Blok (2002) e de outros renomados pesquisadores apontam para a mesma direção: as personagens atuam de forma decisiva nos sucessos e fracassos daquele contexto. Deste modo, as mulheres em Heródoto podem ser vistas como parte de um universo narrativo que promove integração entre ações particulares e públicas, as figuras femininas conectam-se aos personagens que detêm o poder político das sociedades retratadas na obra.

Dewald (1981) acrescenta também que a participação feminina em Heródoto é ratificada pela amplitude e originalidade de sua realização literária, que por si só sugere um retrato das mulheres construído por Heródoto, não como um reflexo ingênuo dos clichês de sua cultura, mas um trabalho capaz de expressar sua própria conquista intelectual. Por outro lado, de acordo com a autora, a imagem de Heródoto sobre as mulheres faz parte da primeira tentativa historiográfica grega existente de olhar seriamente para a cultura humana, por seu próprio bem e por seus próprios termos.

Amaral (1994), por sua vez, julga que a obra herodoteana é marcada pela presença de quatro figuras femininas principais:

No grande contexto das *Histórias*, o horizonte feminino é marcado pela presença de quatro figuras cimeiras. A Mulher de Candaules (I. 8-12) causa a mudança de dinastia no reino lídio, pois projecta na história a ofensa de que foi vítima. Candaules elogia sobremaneira a beleza da mulher e cai na cegueira trágica: não se apercebeu de que o seu poder oscilava tanto mais quanto maior era a sua idolatria pela formosura da mulher. Tómiris (I. 201-214), que é precedida por Semíramis e Nítocris que ocupam uma dimensão estratégico-política em relação ao conquistador Ciro, pois prepararam a vitória da rainha masságeta e contribuíram para o seu fim, põe termo ao reinado de Ciro, o grande unificador dos povos medo e persa, depois de uma ascensão assaz gloriosa. Atossa (III. 68, 88, 133-134; VII. 2, 3, 64, 82), no início do percurso político do reinado de Dário, vai fazer surgir uma

etapa fundamental nas conquistas persas — a primeira verdadeira tentativa de introdução do poder bárbaro no território helénico. Artemísia (VII. 99; VIII. 68-69, 87-88, 93, 101-104, 107), com a sua actuação, está presente no momento fatal do conflito que opõe Bárbaros e Gregos, marco que assinala o fim da política expansionista levada a cabo por Xerxes. (AMARAL, 1994, p. 17).

Além do ponto de vista citado, Amaral acrescenta que não encontramos em Heródoto figuras femininas rodeadas de adornos orientais, sinônimo de futilidade e de passividade vital. Pelo contrário, são personagens apresentadas com uma roupagem de atividade guerreira, inerente ao conflito Medo-Persa. De acordo com a autora:

À concepção historicista de Heródoto corresponde um heroísmo que justifica a sublimação a que foram sujeitas figuras como Tómiris e Artemísia. A sua personalidade é conduzida numa perspectiva histórico-heroica em que a ideia de existência denuncia uma fugacidade vital, mas que o anseio de glória convida à lembrança dos feitos (cf. I. 1). (AMARAL, 1994, p. 18).

Entretanto, não é apenas no âmbito social da realeza que as mulheres determinam os acontecimentos narrativos das *Histórias*, pois é possível observar, embora em menor quantidade, atividades de mulheres em posição de servas, como Espaco (ou Cino, para os gregos). Era ela a esposa de um cuidador de bois e ovelhas, também na mesma condição de serva, a qual trama uma estratégia para evitar a morte de uma criança, propondo a troca desta por seu filho, nascido morto. A criança trocada mais tarde crescerá e será reconhecida como Ciro, o responsável pela expansão do Império Persa.

As amazonas, grupo de mulheres guerreiras presentes no Livro IV, receberam atenção dos estudiosos no sentido de serem classificadas como mito e história. Esse grupo conta também com a fonte homérica, já que participam da guerra de Troia combatendo contra os gregos. Em Heródoto são essas as mulheres que originam os saurômatas, advindos da união entre um grupo de homens citas e mulheres amazonas. Para concretizar a união com esses citas, as amazonas exigem que elas não sigam os costumes das mulheres citas, por isso, de acordo com o narrador de Heródoto (Hdt.4.116), as mulheres dos saurômatas conservaram seus costumes, “[...] montam a cavalo, vão à caça ora sozinhas, ora acompanhadas com os maridos e seguem-nos também à guerra, vestindo-se da mesma maneira que eles”¹¹.

Para encerrar a narrativa, Heródoto escolhe relatar também a atuação de uma mulher, Amétris, esposa de Xerxes, elaborando uma vingança pela infidelidade do marido. Para

¹¹ Todas as traduções da obra de Heródoto presentes nessa dissertação são de minha autoria e responsabilidade.

Dewald (1981), embora Heródoto não apresente a esposa de Candaules e Améstris como heroínas inocentes e indignadas, ele as descreve como atores sociais sérios e suas ações como respostas sérias a questões de autoridade e status. A autora conclui que:

Quando uma esposa é ignorada como independente e responsável membro de sua sociedade, ela age em seu próprio nome para corrigir o desequilíbrio. Desse modo, por causa da sensibilidade à convenção e seus limites, elas tendem a ter mais sucesso do que os homens em atingir seus objetivos. (DEWALD, 1981, p. 109).

A partir das considerações apresentadas acerca do caráter acadêmico da obra de Heródoto e da sua relevância para traçar a representação da mulher na sociedade grega, foi possível então estabelecer as bases para a análise que se segue. Essencialmente, elas buscam refletir o modo como as mulheres participam dos conflitos, levando em conta: a recorrência dessa atuação, o conceito de *arete* aplicado à construção narrativa de cinco mulheres atuantes no Livro I e o envolvimento dessas mesmas mulheres na transmissão do poder político em seus respectivos reinos.

1 AS MULHERES NO LIVRO I – CATEGORIZAÇÃO E ILUSTRAÇÃO NA PESQUISA ACADÊMICA

As considerações de Dewald (1981, p. 94) a respeito do número de vezes em que mulheres são mencionadas ao longo dos nove livros causam admiração pela quantidade. No Livro I, tal afirmação pode ser conferida ao verificarmos 69 menções das 375 totais identificadas pela autora. Ela divide a participação das mulheres na obra de Heródoto em dois numerosos grupos: I- Mulheres que não atuam, com 128 casos citados, e II- Mulheres ativas, com 212 referências à participação feminina; acrescentam-se ainda um grupo menor, com 35 menções a mulheres: III- Feminino como uma abstração.

Do grupo I, as mulheres passivas, que não atuam diretamente, são associadas a um contexto narrativo de medo ou perigo relacionado geralmente à agressão externa ou conflitos dentro da própria família. Desse derivam dois subgrupos: a primeira categoria aborda “mulheres passivas individuais apresentadas em contexto familiar”, cujas aparições no Livro I de Heródoto somam 15.¹² Nessa situação estão incluídos, por exemplo, os raptos de mulheres, Io, Europa, Medeia e Helena (Hdt.1.1-5); a estátua da provável padeira de Cresos (Hdt.1.51); a mãe de Cresos e de seu irmão, que causa conflito na herança do poder entre os irmãos (Hdt.1.92), além de outras da mesma natureza.

A segunda categoria de personagens femininas circunscritas no âmbito de mulheres passivas é chamada por Dewald de “Mulheres passivas em grupos”. No Livro I, esse grupo é mencionado em duas¹³ ocasiões distintas, primeiramente em 1.164, onde os homens da cidade de Focea embarcam suas mulheres, filhos e bens móveis, empreendendo uma fuga do ataque do medo Hárpagos; e em seguida na passagem 1.176, quando os lícios cometem um genocídio, reúnem na acrópole suas mulheres, filhos, bens e escravos e ateiam fogo à cidade, deixando-a arder por completo, para em seguida morrerem em combate contra o exército de Hárpagos. Essas duas situações denotam o papel da mulher dentro de um determinado grupo social, atuando para a continuidade ou aniquilação de um grupo cultural.

De acordo com Dewald (1981 p. 96), o grupo II, de mulheres atuantes, é retratado com personagens trabalhando para garantir a estabilidade da família e da cultura. Diferente do grupo anterior, Heródoto não permite que a sensação de vulnerabilidade ou perigo afete a atuação dessas mulheres. O historiador mostra figuras femininas não apenas ensinando as

¹² Estão incluídas nesse número as seguintes passagens do Livro I: 1.1; 1.2a; 1.2b; 1.3; 1.7; 1.34; 1.51.5b; 1.59; 1.74; 1.75; 1.84; 1.92.3a; 1.92.3b; 1.107; e 1.173.2.

¹³ 1.164 e 1.176.

convenções e culturas a seus filhos, “[...] mas também lembrando aos colegas do sexo masculino as regras dentro das quais toda a sociedade deve agir”. (DEWALD, 1981, p. 97).

O grupo II possui um total de 212 passagens com atuação de personagens femininas. No Livro I é possível encontrar 52 deste total e elas se subdividem em cinco categorias, sendo a primeira: “Grupo de mulheres atuando dentro de uma pólis”, cujas atividades são complementares às masculinas, como por exemplo, o caso da mãe de Cléobis e Bítôn (Hdt.1.31), levada pelos filhos ao templo de Hera para honrar as festividades da deusa. Os filhos, que a tinham carregado, foram muito elogiados, recebendo a mãe felicitações pelos excelentes rebentos. Consequentemente, a mãe pede a Hera que conceda aos seus filhos o melhor que um homem pode obter e eis que a deusa atende sua prece e faz com que eles adormeçam no próprio templo, não se levantando nunca mais¹⁴.

Desse mesmo grupo II, fazem parte também as mulheres agindo independente do controle masculino, que, no Livro I¹⁵, são exemplificadas por meio das mulheres da Cária (Hdt.1.146.3). Essas, depois de terem sido capturadas e obrigadas a se casar com um grupo de jônios¹⁶ – e que se consideravam os mais nobres – recusam-se a comer junto de seus maridos e chamá-los pelo nome, já que eles haviam matado seus pais, filhos e maridos cários, costume esse passado para suas filhas como uma maneira de perpetuar o despreço que essas mulheres tinham por seus novos maridos. É interessante perceber nessa situação que as filhas que recebiam esse costume das mães, também eram filhas de seus captores, assim, embora compartilhassem das duas culturas, materna e paterna, mantinham apenas as práticas das mães. Nesse exemplo de mulheres que atuam, não é possível deixar de perceber a maneira como o narrador expõe um grau de protagonismo nas personagens femininas, atribuindo a elas, além de um lugar surpreendente, dentro da proposta do *thoma*¹⁷ (maravilhoso), uma atuação que lhes permite estabelecer uma tradição.

A próxima categoria, “Grupo de mulheres dentro do relato etnográfico”¹⁸, revela um interessante painel trabalhado por Heródoto com informações sobre aparência, vestuário, família, adaptações sexuais, religiosas e sociais de mulheres. No Livro I, estão 23 passagens

¹⁴ A honra se dá porque os irmãos tiveram um fim enquanto estavam no auge de suas forças, não houve declínio e eles puderam ser dignos de adoração.

¹⁵ Há duas passagens em Heródoto Livro I: 1.31 e 1.146.

¹⁶ Esse grupo era proveniente do pritaneu de Atenas. Em nota, Ferreira e Silva (2014, p. 158, nota 79) chamam a atenção para um possível puritanismo racial por parte desse grupo jônico.

¹⁷ *θῶμα* – jônico para *θαῦμα*. Sentido adotado para essa dissertação é o primeiro que se encontra no dicionário LSJ On-line - Lof objects, *wonder, marvel*.

¹⁸ No Livro I, têm-se as seguintes passagens: 1. Vestuário e aparência: 1.182; 2. Família: 1.135, 1.136, 1.137, 1.146.3b, 1.173.4, 1.173.5a, 1.173.5b, 1.196.1a, 1.196.1b; 3. Sexo: 1.93, 1.181.5, 1.182.2a, 1.182.2b, 1.196.5, 1.198a, 1.198b, 1.199.1, 1.199.5, 1.203, 1.216.1a, 1.216.1b; e 4. Social (coletivamente) 1.172.

das 76 totais apontadas por Dewald. São passagens que permeiam a obra, formando uma espécie de “costura” entre os acontecimentos da guerra e os costumes dos povos que estavam envolvidos direta ou indiretamente nela. Outro ponto narrativo que une dois elementos, costumes femininos e costumes masculinos, é a manutenção de uma sociedade estável, de maneira que, presumivelmente, Heródoto não tenta sobrepor uma cultura ou gênero ao outro, mas buscando evidenciar a importância do olhar para todo o corpo social de uma cultura, a fim de estabelecer seus pontos de equilíbrio/desequilíbrio.

A intenção do autor, por meio dos trechos sobre a participação feminina, sobretudo na atuação de tais figuras em relatos etnográficos, indica o caráter de alteridade em sua obra. A alteridade foi um dos principais conceitos trabalhado em François Hartog (2014), com foco na relação entre os citados, o “outro” para os gregos. Heródoto procura afastar-se da sua posição de grego para observar aquele que é diferente dele. Hartog (2014, p. 243) afirma: “Dizer o *outro* é enunciá-lo como diferente – é enunciar que há dois termos *a* e *b*, e que *a* não é *b*. Por exemplo: existem gregos e não gregos. Mas a diferença não se torna interessante senão a partir do momento em que *a* e *b* entram num mesmo sistema”.

No caso das passagens com participação feminina no Livro I, é possível afirmar, respeitadas as devidas particularidades, que a diferença apresentada por Hartog pode ser refletida também na oposição feminino e masculino. *A* e *b* podem representar o lugar do grego e não grego, mas também podem ser considerados como a participação de mulheres e de homens na narrativa, tornando-se uma diferença interessante, já que são elementos que entram no mesmo sistema, compartilhando o mesmo universo narrativo.

Embora não se identifique com clareza um movimento de afastamento de Heródoto de seu próprio gênero, com fins de se relatar a mulher como o “outro”, ainda assim, do lugar que ocupa, ele não esconde a relevância da participação feminina em seu relato. Apenas algumas passagens recebem um julgamento de valor, pois, na maioria das citações, as personagens femininas não são apresentadas necessariamente como pior ou melhor do que passagens com atuação masculina.

Para a terceira categoria, “Mulheres que agem individualmente em contexto familiar”, há 40 citações em toda a obra de Heródoto, dentre essas participações estão a atuação de filhas, mães, esposas e irmãs. No Livro I, objeto deste estudo, podem ser encontradas cinco¹⁹ passagens com participação de filhas e esposas. Dewald (1981, p. 105) pontua que, quando uma mulher entra em conflito com um parente do sexo masculino, seu papel é lembrar ao

¹⁹ São elas: 1. Filhas: 1.5, 1.61.1; 2. Esposas: 1.8, 1.61.2, 1.109.

filho, pai, irmão ou marido de considerações prudentes e do risco de ignorar normas sociais vigentes.

É o caso da passagem 1.61, na qual a esposa de Pisístrato revela à mãe e esta, por sua vez, conta ao marido, que Pisístrato não desejava ter filhos com sua nova esposa e por isso tinha com ela relações que não estavam de acordo com o que é normal (οὐ κατὰ νόμον). Mégacles, sogro de Pisístrato, considera a atitude como uma terrível afronta e reconcilia-se com antigos opositores de Pisístrato, o que faz com que ele perca a tirania e precise afastar-se do poder. Logo, observa-se nessa passagem a atuação conjunta de mãe e filha para manter a ordem natural da relação conjugal daquela sociedade.

Outro caso semelhante, onde a mulher não interfere diretamente, mas é parte de um julgamento moral de ação, ocorre no parágrafo 109 do Livro I, quando Hárpago é incumbido de levar Ciro, ainda recém-nascido, para a morte. Hárpago assegura a Astíages que fará o que é pedido, matar Ciro, entretanto, ao chegar em sua casa, conta para esposa toda a situação, e é dela que parte o questionamento sobre o que pretendia fazer. Diante dela, Hárpago admite não ser capaz de colaborar com crime de assassinato.

Há, novamente, uma tentativa de transgressão do equilíbrio social, desta vez por parte de Astíages, ao mandar Hárpago matar seu próprio neto e herdeiro do trono. Heródoto coloca em cena uma mulher indagando seu marido sobre o rumo das ações dele, ou seja, participando de uma ação que minimamente²⁰ busca estar de acordo com as normas sociais.

A quarta categoria é formada por “mulheres que agem individualmente na esfera pública”. São 22 as passagens contabilizadas por Dewald em toda obra e no Livro I encontram-se seis²¹ trechos desse total. Para Dewald, apesar de as mulheres dessa categoria estarem em situação extrema, sem respeitar opiniões e desejos das personagens masculinas, elas continuam atuando como as mulheres anteriores, defendendo a vida humana, conservando e articulando os valores de sua sociedade. Essas personagens, junto com a Esposa de Candaules²², guardam uma particularidade notável: é nessa categoria que se observa com mais clareza a transmissão, permanência ou interrupção de um poder político acontecendo.

Dewald (1980; 1981) mostra em seus artigos como as mulheres na obra de Heródoto estão cumprindo um papel de equilíbrio sociocultural, trabalhando em prol da garantia das

²⁰ “Minimamente”, porque Hárpago não se encarrega de matar a criança, mas ordena a outro que faça o serviço.

²¹ As passagens são: 1.51.5a, 1.60, 1.110, 1.184, 1.185, 1.205.

²² Heródoto Livro I. 8-13.

leis que regem o sistema social. Alexandre Tourraix (1976)²³, poucos anos antes, também procurava estabelecer uma espécie de equilíbrio social arquitetado pelas figuras femininas que aparecem em toda a narrativa de Heródoto. Por isso, para o autor francês, a mulher em Heródoto está balanceando a equação entre o poder e a organização social. É na figura da mulher, filha, irmã, mãe, esposa ou concubina que o poder encontra um veículo de passagem entre as regências de um determinado reino. Tourraix (1976) considera que quando os homens detentores do poder impedem de alguma forma a atuação de uma personagem feminina, tentam logo em seguida eliminar essas personagens ou cometem crimes contra a dignidade delas, a perda desse poder é a consequência de seus atos.

Para a última análise do grupo II, Dewald reservou as sacerdotisas, mulheres que estão, de alguma forma, ligadas ao divino. Das mulheres atuantes, esse é o grupo com maior representação, tendo 62 excertos onde elas podem ser encontradas na narrativa de Heródoto, e 13²⁴ deles estão situados dentro do primeiro livro. De acordo com Dewald, se consideramos o número de aparições nas *Histórias*, a Pítia seria a mulher mais importante da narrativa. Essa figura representa a intersecção entre política e moralidade, trabalhando para o benefício da sociedade como um todo e não apenas no interesse de uma pólis.

Os aspectos religiosos, representados pelas sacerdotisas e pelos oráculos, são tão importantes quanto os aspectos culturais de uma sociedade. Apesar de essa representação estar em um lugar social diferente – o da mediação entre homens e deuses - mostra-se em equilíbrio com a atuação de todas as outras classes de mulheres citadas até esse ponto. As sacerdotisas retratam a manutenção de uma ordem divina, nivelando as relações humanas em seus aspectos culturais, como conselhos sobre guerras e decisões políticas.

A ideia de que a religião é parte fundamental da narrativa de Heródoto encontra apoiadores como Jon D. Mikalson (2002), defensor do argumento de que Heródoto explicitamente oferece uma explicação religiosa para as causas e resultados das invasões persas. O autor coloca a religião muito mais como um aspecto cultural do que poético (em contraposição à ação divina na epopeia), ainda que atribua aos fracassos e vitórias dos persas ou dos gregos como consequências da dinâmica religiosa, como por exemplo, os deuses que atuam determinados pelos locais onde seus santuários estão estabelecidos:

Atena, Deméter e Ártemis de Heródoto envolveram-se nas guerras persas porque seus próprios santuários estavam no campo do combate. [...] Se o conflito tivesse ocorrido em outro lugar, no Peloponeso, por exemplo,

²³ A tradução da língua francesa para o português é de minha autoria e responsabilidade.

²⁴ Os excertos estão em: 1.13, 1.19, 1.47, 1.55, 1.65, 1.66, 1.67, 1.85, 1.91, 1.167, 1.174, 1.175, 1.31.2.

encontraríamos divindades bastantes diferentes envolvidas, e tudo isso está de acordo com o caráter local do culto religioso grego. (MIKALSON, 2002, p. 189).

Desse modo, observa-se que dentro da narrativa religiosa, Heródoto não deixa de inserir a participação feminina, tornando-as também parte dos objetivos propostos no próêmio: determinar as origens dos conflitos entre gregos e persas.

Para o terceiro e último grupo, Dewald apresenta em seu estudo “O feminino como uma abstração” um total de 35 passagens, das quais apenas três²⁵ estão no Livro I de Heródoto. Esse grupo reúne passagens em que a feminilidade é tratada como abstração ou uma metáfora. O Livro I contém apenas a categoria de passagens onde há distinção entre masculino e feminino, as outras duas categorias desse grupo, que não estão no Livro I, são os “fenômenos geográficos” e “sonhos ou visões femininas”.

As referências gerais de participação feminina na obra mostram que a preocupação de Dewald é, principalmente, medir o grau em que Heródoto apresenta as mulheres como atores independentes, com iniciativa própria e com oportunidade de influenciar eventos. No estudo proposto por Dewald, não há intenção de suscitar qualquer interpretação onde a mulher exerça uma função social ou familiar superior à dos homens, menos ainda de insinuar em alguma passagem qualquer tipo de dominação do masculino pelo feminino. Pelo contrário, Dewald aponta as diversas passagens em que Heródoto traz essas mulheres para a cena, associando-as à busca pela harmonia, ou seja, ele procura determinar uma medida de equilíbrio na atuação de ambos os gêneros no relato.

Desse modo, ainda que toda atuação feminina esteja submetida a um filtro masculino – do próprio Heródoto ou dos “*logoi andres*”²⁶ citados por ele – as mulheres não estão excluídas de qualquer papel público, mas agem e protagonizam eventos em prol da permanência e continuidade e até de uma ruptura, quando necessária, para restabelecer a ordem social e cultural.

²⁵ Distinção entre masculino e feminino: Livro I. Hdt: 1.17, 1.105, 1.189.

²⁶ O uso do termo, nesse trecho, dialoga com o artigo de Nino Luraghi (The Importance of Being λόγιος - 2009), no qual o autor discorre que o termo, um tanto inespecífico em significado, originalmente indicava membros da comunidade que eram particularmente autorizados, como uma espécie de memorialistas orais iletrados ou ainda autoridades reconhecidas pela comunidade por seu saber ou conhecimento dos fatos.

1.1 Aproximando o olhar: Influências da participação feminina no Livro I

Para analisar a atuação de figuras femininas ligadas à organização política exposta no Livro I, foi preciso primeiro compreender a representação de poder dos personagens Creso e Ciro, que refletem a autoridade política de suas respectivas sociedades. O Livro I de Heródoto mantém o foco no percurso desses personagens, apresentando o nascimento, ascensão e declínio/morte de cada um deles. A partir dessa compreensão, ficaram mais claras, no conjunto da obra, as estruturas de domínio político que são operadas através desses reis e o papel das mulheres na trama narrativa.

Dentro do Livro I, essas mulheres formam uma das várias camadas narrativas que envolvem a história dos dois importantes soberanos, Creso e Ciro, em um período que vai aproximadamente de 560 a.C. a 530 a.C. Esses governantes, dentro da narrativa do Livro I, têm seus destinos amarrados às figuras femininas, pois desde o nascimento até a morte suas trajetórias são construídas e determinadas por ações de mulheres concebidas como agentes históricos.

Creso é rei de um império asiático e o primeiro monarca a estabelecer contato com os gregos: “[...] o primeiro dos bárbaros de quem sabemos a submeter alguns helenos ao pagamento de tributos e fazer de outros seus amigos [...]” (Hdt.1.6.2), esse motivo explica ser ele o escolhido por Heródoto para iniciar sua investigação. Porém, a apresentação é breve, Heródoto passa rapidamente à justificativa de como Creso herdou o poder que possui, ou seja, nesse ponto, acompanha-se a transferência de poder intermediada por uma mulher, a Esposa de Candaules, a partir da substituição de uma dinastia pela outra. É por intermédio dessa mulher que Creso tornou-se monarca da Lídia e também é indiretamente de sua responsabilidade a perda de poder desse rei, já que, segundo o oráculo, recairia sobre Creso a expiação da morte de Candaules, realizada por Giges, seu antepassado.

De acordo com Silva e Ferreira (2014), o espaço cronológico do *logoi* de Creso e Ciro ocorre entre o início do reinado de Creso 560 a.C. e a morte de Ciro 530 a.C. Desse modo, na primeira parte do livro encontra-se a história do reinado de Creso, que se encerrará com a queda de Sardes (Hdt.1.26-94), mas antes contará com diversos pequenos *logoi* a respeito do monarca lídio, como por exemplo, sua descendência e os acontecimentos que o levaram ao poder (assim como a previsão da perda de poder em 1.8-13), a famosa passagem da visita de Sólon (1.29-33) e a morte trágica de seu filho Átis envolvendo o estrangeiro Adrasto (1.34-45).

Depois do luto pelo filho, Creso resolve partir para a conquista de outros reinos e isso culminará em sua derrota e dominação do seu povo por parte de Ciro. Acerca do *logos* de Creso, Silva e Ferreira acrescentam que:

[...] pragmaticamente, o *logos* de Creso constitui a história da primeira submissão dos Ionios a um rei bárbaro (1.92.2) e o de Ciro, a segunda submissão (1.169.2), mas no meio desse esquema geral, há um conjunto de digressões que aparecem como *logoi* independentes a cada passo ligados artificialmente a outras digressões ou à narração principal por via associativa ou por meras frases de junção: por exemplo, Árion, diálogo de Sólon e Creso, Pelasgos e Dórios, regime dos Psístratos; guerra de Esparta contra a Tégea. Verdadeiramente a unidade deste livro encontra-se no espírito ético, histórico e filosófico que o anima. (FERREIRA; SILVA, 2014, p. 19).

O monarca lídio passa a sofrer um golpe atrás do outro; primeiro em sua vida familiar, com a morte acidental de seu descendente Átis, já prevista em sonho. Em seguida, passados dois anos da morte do filho, Creso resolve aumentar os domínios de seu poder atacando os persas. A princípio alegando defesa, pois os persas representavam uma ameaça, mas seu estímulo verdadeiro, segundo Heródoto, é a ânsia pela expansão de seu território (1.73.1): “Creso marchava contra a Capadócia pelas seguintes razões: na sua ânsia de conquista, ambicionava anexar um novo território aos seus domínios, e além de tudo, confiava no oráculo e queria vingar-se de Ciro por causa de Astíages”. Mesmo com os sensatos argumentos do lídio Sândanis, que demonstram as desvantagens em dominar um povo tão austero, que não conhecem os luxos e prazeres dos lídios, ou seja, os benefícios dessa conquista não superam os prejuízos, Creso, certo da vitória, resolve arriscar. São esses acontecimentos bélicos que desencadeiam a perda trágica do poder de Creso. Ele será dominado por Ciro, pois a invasão à Sardes se mostrou inevitável por uma série de fatores apresentados por Heródoto, desde religiosos/divinos até erros estratégicos por parte dos lídios, é então que Creso é derrotado e capturado por Ciro.

A respeito de Ciro e dos percursos que ele traça, Flower argumenta o seguinte:

Ciro é o persa com quem nenhum persa jamais pensou em se comparar (3.160). O fato indiscutível de que ele era um "herói da cultura" para os persas deixou sua marca no tratamento que Heródoto fez dele; ainda é o caso de Heródoto ter distância cultural suficiente para explicar a eventual ruína de Ciro em termos do conceito grego de arrogância que leva à queda. O primeiro indício de sua atitude está no castigo do rio Gyndes, dividindo-o em 360 canais separados (1.189), ação que é referida novamente no contexto da infeliz decisão de Ciro de atacar os Masságetas que habitam além do rio Araxes (1.202). Mas sua arrogância se manifesta especialmente

em sua desconsideração da lição que aprendeu quando salvou Cresos da pira, que ele próprio era um homem como outro qualquer e, portanto, sujeito às mesmas mudanças de sorte que afetam todos os mortais (1.86.6). Impulsionado pela crença de que seu nascimento era algo mais que humano e por sua cadeia ininterrupta de sucessos militares (1.204), ele atacou os Masságetas nômades na extremidade nordeste do mundo conhecido e chegou a um fim ignominioso (1.214). (FLOWER, 2006, p. 285).

O *logos* de Ciro aparece em fusão com a história da ascensão do Império Persa. A dinâmica de movimentação do poder que o envolve, tal como ocorreu com Cresos, faz-se presente desde antes de seu nascimento. Heródoto, ao relatar o nascimento de Ciro, realça a existência da dinâmica do poder construída em torno de toda a narrativa. A junção dos pequenos acontecimentos que formam o quadro das relações de poder leva a crer que o autor de Halicarnasso tinha intenção de realçar esse aspecto da obra.

Tal afirmação tem como base que, em detrimento das ações que buscam impedir a movimentação do poder, ele encontrará meios dentro da organização social no qual se insere para permanecer ou deslocar-se de um soberano ao outro, a depender de como o detentor desse poder está agindo, se de acordo ou contra as normas sociais vigentes. As mulheres representadas na obra de Heródoto parecem justamente ter essa função, a de zelar pelo estatuto do poder, seja conservando-o no lugar onde deve estar ou atuando para transferi-lo de mãos caso haja necessidade.

A partir do retorno à Pérsia, Ciro desenvolverá integralmente suas qualidades de rei, iniciando a escalada ao poder sobre toda a Ásia e por consequência estabelecendo as bases do Império Persa. Ao ser incentivado por Hárpagos, o homem que recebeu ordens de matá-lo e foi punido por Astíages, Ciro, de forma destemida e estratégica, traça o caminho para emancipar os persas do poder medo e inverter a situação, subjugando os medos.

Do embate contra Cresos, na Lídia e da revolta contra os medos, a motivação de Ciro parece ser construída em torno da justiça e de medidas que buscam equilibrar as relações de poder. Porém, a partir da conquista das Íônios e dos Élios, Ciro, tal como Cresos e como seu avô Astíages, passa a ser dominado pela *hybris*. Voltou-se com igual arrogância para as demais conquistas, moderando apenas quando recebia alguns conselhos de Cresos, o qual já tinha aprendido que o excesso pode ser punido com um grande mal.

A respeito do declínio da vida de Ciro, desperta a atenção o fato de que, logo depois de libertar os persas do jugo dos medos e de derrubar o poder de Cresos por uma questão estratégica de defesa, Ciro começa a ter atitudes carregadas de soberba e excesso, em poucos momentos apenas ele age tomado de equilíbrio. Os embates seguintes - gregos, babilônios e

massagétas - parecem demonstrar uma nova constituição da personalidade de Creso e fazem com que ele, tal como Creso, tomado de soberba e agindo de forma desmedida, caia inevitavelmente nas mãos do destino, sendo morto em uma batalha contra o povo masságeta.

Todos os acontecimentos do livro primeiro estão diretamente relacionados com a ascensão e queda desses monarcas, mas, para, além disso, estão associados com a expansão do Império Persa. Maria Helena da Rocha Pereira (2014) afirma que a grande atenção dada à evolução do Império Persa tem levado muitos autores a considerar que era a história desse país que Heródoto se propunha a escrever, em detrimento de um relato sobre a guerra que opôs helenos a persas.

Dessa forma está configurada a estrutura de poder político no Livro I, estrutura da qual se deixa evidenciar diversas personagens femininas inseridas nas tramas de poder dos reis Creso e Ciro. Não há como ter certeza da razão pela qual Heródoto escolhe incluir as mulheres daquele contexto social em sua narrativa, porém algumas hipóteses são levantadas por pesquisadores da obra herodoteana. Uma delas parte de Morais (2004), a autora afirma que:

Percebe-se que as mulheres que aparecem nas *Histórias* vão de um extremo ao outro: ou são belas e sedutoras, como a mulher de Candaules, ou valorosas guerreiras como Artemísia. Mas o traço comum é que, de alguma forma, sobressaíam-se realizando feitos que fugiam ao padrão da época. No contingente das maravilhas de Heródoto, isso merece destaque como algo espantoso, um *thôma*. (MORAIS, 2004, p. 132).

Blok (2002) contribui para o estudo da participação das mulheres e reforça a dimensão da atuação feminina em Heródoto, afirmando que:

Elas participam em todas as atividades que compõem as *Histórias* de Heródoto, governam reinos, dão à luz ou cuidam de crianças régias, tomam decisões vitais, fundam oráculos, têm ocupações simples, são vítimas de guerra, vingam-se e participam na guerra. As mulheres realizam algumas dessas atividades em menor escala que os homens, notadamente nos campos da política e da ação militar; em outros, superam a contribuição dos homens, particularmente ao assumir a responsabilidade pela observância religiosa e pela preservação da estabilidade social. (BLOK, 2002, p. 225).

A atuação das mulheres deixa então entrever uma das possíveis intenções da narrativa: a de chamar atenção para a participação feminina em um relato socio-político-cultural. No Livro I, por exemplo, a explicação inicial da guerra é feita por meio dos raptos de mulheres, embora o narrador ressalte que essa interpretação não parta dele. Porém, no

parágrafo 8 do mesmo livro, quando o autor fornece a sua própria explicação dos eventos que marcaram o começo das guerras entre gregos e persas, constata-se também a atuação feminina: a esposa de Candaules, responsável indiretamente pelo início da guerra.

No Livro IX, (108-113), já no final das *Histórias*, temos novamente uma performance feminina representada na busca de uma reparação pela ofensa do marido, Xerxes. De acordo com Tourraix (1976), o fato de a narrativa começar e terminar com relatos da atuação feminina já tinha sido observado em 1964, por Erwin Wolff, mostrando o que parece ser um padrão. A possibilidade de uma recorrência ganha força quando se considera o término da narrativa no primeiro livro: ainda que se leve em conta uma divisão dos livros posterior a Heródoto, é por meio da atuação de uma mulher, uma rainha bárbara, que ocorre a queda de Ciro, vencido pelo seu próprio excesso, ao final do Livro I.

É importante ressaltar nesse ponto que já nos primeiros parágrafos as personagens femininas do universo mítico são inseridas a fim de expor os fatores que iniciaram a guerra. Nesse trecho do relato, Heródoto dá voz ao que pensavam os persas e os fenícios acerca de quem foi o primeiro a cometer as injustiças que levaram à guerra. Desse modo, ainda que não seja uma afirmação do próprio Heródoto, é possível sustentar que as mulheres protagonizaram a gênese de todo o conflito entre gregos e persas.

As mulheres que aparecem logo no início da obra são Io, filha de Ínaco; Europa, filha do rei fenício; Medeia, filha do rei da Cólquida e por fim, também de origem real, Helena, esposa de Menelau. Todas elas haviam sido raptadas, de acordo com os persas, fenícios e helenos. Heródoto levanta ainda uma última consideração dos persas a respeito dos raptos: como nenhum deles foi devidamente resolvido e ocorreram em quantidade equivalente para ambos os lados, os helenos foram os responsáveis por uma nova ofensa: declarar guerra à Ásia, antes que os persas a declarassem contra a Europa. Essa guerra fez com o que os persas considerassem os helenos como um povo sem nenhuma ponderação: “[...] mas se raptar mulheres é ato de homens injustos, fazer vingança por esses atos é insensato. Os homens sábios não se preocupam de maneira nenhuma com tais atos: é evidente que, se elas não quisessem, não teriam sido raptadas” (Hdt.1.4.2).

Três dos quatro raptos das personagens míticas apontadas entre os parágrafos 3 e 5 do Livro I encontram uma segunda explicação. De acordo com essas outras versões, as mulheres agiram espontaneamente e não foram vítimas de raptos. Sobre a primeira delas, Io, considera-se que a princesa não foi conduzida ao Egito por meio da força (Hdt.1.5.1-2), mas estava envolvida com o capitão do barco em Argos e tinha relações com ele. Quando então

descobriu que estava grávida, de livre vontade ela embarcou com os fenícios para evitar que fosse descoberta.

A história de Medeia, levada à força pelos gregos, não possui no livro uma segunda versão de seu rapto, entretanto, em uma versão tradicional do seu mito, ela se apaixona por Jasão, que foi em missão à Cólquida conquistar o velo de ouro. Por amor, Medeia segue de livre vontade com os Argonautas. Essa versão, possivelmente conhecida por Heródoto, de acordo com notas de Silva e Ferreira (2014, p. 55), estava na *Medeia* de Eurípedes e na *IV Pítica* de Píndaro (vv. 211 sqq).

Helena talvez hoje seja a personagem mais conhecida do universo mitológico. Ela está presente nos versos épicos da *Iliada* como a responsável por deflagrar a guerra de Troia, ao ser dominada pelos encantos de Afrodite e abandonar o marido Menelau para fugir com o troiano Alexandre. Tradicionalmente ela é considerada como a causa desse conflito, porém existe uma versão corrente em que Helena não foi para Troia, mas havia ficado no Egito, onde Menelau foi encontrá-la depois da guerra. Tal versão pode ser encontrada na composição dramática *Helena* de Eurípedes e também no próprio relato de Heródoto, no Livro II, 112-120.

Como já observado, Heródoto faz menção aos relatos, mas não tem certeza de que as coisas se passaram “dessa ou daquela maneira”. Ele, aparentemente, sabe a importância desses relatos para a sociedade do seu tempo e demonstra que eles faziam parte daquela cultura, por isso, provavelmente, não poderiam ser ignorados. Além de que, esses relatos míticos estariam entre um (ou mais) dos seus objetivos ao compor as *Histórias*: o não esquecimento dos feitos, glorificar as grandes e maravilhosas realizações de gregos e bárbaros e determinar a origem dos conflitos.

Pouco mais adiante, entre os casos de raptos de mulheres e o *logos*²⁷ de Giges, Heródoto menciona uma escrava de Iardano²⁸ que, juntamente com Hércules, é responsável pela linhagem dos Heráclidas²⁹. Em seguida, encontra-se na narrativa uma das personagens femininas mais representativas da atuação de mulheres em Heródoto, a Esposa de Candaules (Hdt.1.8-13), sobre a participação dessa figura, apresenta-se uma análise mais detalhada no capítulo 3.

²⁷ λόγος: o sentido adotado para esse termo está no campo semântico de “narrativa”, “fábula”, “conto”, “lenda” ou “história”.

²⁸ Hdt.1.7.

²⁹ Em nota, Ferreira e Silva (2014, p. 60-61, n. 12) apontam que “Segundo tradição muito conhecida, Hércules, condenado a viver como escravo em expiação da morte de Ífito, tinha sido vendido na Lídia por Hermes (cf. Apolodoro 2.6.3). Aí tomou-se de amores por Ónfale, que Heródoto considera escrava de Iardano, epônimo de rio, mas que, segundo outra versão mais desenvolvida (Apolodoro 2.6.3), seria sua filha e rainha da Lídia.”.

Dentro da esfera religiosa, mais comum à atuação feminina na antiguidade, uma vez que nessa situação a mulher estava coberta pelo reconhecimento social e pela confiança do sagrado, temos a Pítia do templo de Delfos, que se negou a conceder o oráculo a Aliates³⁰ quando ele estava doente e por isso havia enviado emissários a fim de interrogar o deus sobre sua doença. Segundo a sacerdotisa de Apolo, o oráculo seria concedido apenas depois da restauração do templo de Atena, incendiado no território de Mileto, em Assesos. Com isso, não apenas um templo foi erguido a Atena, mas Aliates, depois de uma manobra feita por Trasíbulo, que estava em guerra contra Aliates, construiu dois templos e se refez da doença³¹. No parágrafo 31, ainda dentro do âmbito religioso, encontra-se a mãe de Cléobis e Bítôn.

É possível verificar três figuras femininas envolvidas na segunda tirania de Pisístrato, em Hdt.1.60. O poder político é conseguido por meio de Mégacles, que oferece sua filha em casamento a Pisístrato e conta com a ajuda de uma dramatização. Pisístrato usa Fia, uma mulher do demo de Peânea, com a estatura de quatro côvados³² e de belo aspecto. Depois de vestir essa mulher de forma semelhante à deusa Atena, fazem-na entrar na cidade anunciando que o povo deveria receber Pisístrato com espírito favorável, pois ela mesma o reconduzia a sua Acrópole, por honrá-lo mais do que os outros mortais. Uma vez acolhido, Pisístrato se casa com a filha de Mégacles, mas como não desejava ter filhos, mantinha com ela apenas relações fora do comum. Ela então contou à mãe, que agiu rapidamente e revelou ao marido, Mégacles, toda a situação. Esse caso desencadeia a cólera de Mégacles, que por sua vez reconcilia-se com antigos aliados e faz com que Pisístrato se afaste novamente do poder de Atenas, ou seja, a aquisição e a perda do poder do tirano Pisístrato passa pela atuação dessas três mulheres.

No parágrafo 93, no trecho sobre a descrição do túmulo de Aliates, pai de Cresos, novamente se observa que as atuações femininas e masculinas se equiparam, ou as primeiras superam as segundas. A construção foi custeada por mercadores, artesãos e prostitutas. De acordo com Heródoto, no tempo dele ainda existiam cinco pilastras no cimo do túmulo e nela estavam indicadas as partes que cada um havia construído. Tirando-se as medidas dava para observar que a parte das prostitutas era a maior. Ele acrescenta ainda que, entre os lídios, todas as jovens se prostituem a fim de reunir um dote para si e trabalham até que passam a viver com os maridos, escolhidos por elas mesmas.

³⁰ Hdt.1.19.

³¹ Hdt.1.22.

³² De acordo com Dicionário LSJ, côvado grego (πῆχυς) = medida do antebraço até a ponta do dedo médio.

O reinado de Creso, no Livro I, não foi o único marcado por personagens femininas. Ciro, o persa, tem quase toda sua trajetória entrelaçada à de várias mulheres. A primeira delas é sua mãe Mandane, filha de Astíages, o governante dos medos. Depois de ter sonhado que a filha urinava com tal abundância que deixou a Ásia inteira submersa, consultou os magos e ficou apavorado com a explicação. Em decorrência disso, quando Mandane estava em idade de casar, o rei escolheu um persa que, apesar de ser de boa família, estava muito abaixo de um medo de classe média. No primeiro ano de casamento, Astíages teve outro sonho com a filha: sonhou que da genitália dela nascia uma vinha que cobria toda a Ásia. A explicação dos magos para esse segundo sonho é que o filho de Mandane tomaria o lugar de Astíages e reinaria sobre toda a Ásia, por isso o soberano tratou de dar um fim ao neto tão logo ele nascesse. Esse filho é Ciro.

Apesar de Mandane não se comportar como uma figura atuante, sendo muito mais objeto do que sujeito de uma ação, Heródoto preocupa-se em colocá-la na narrativa. Talvez porque os sonhos de Astíages com a filha sejam pertinentes para a narrativa que Heródoto apresenta a respeito do próprio Ciro no Livro I, dominando diversos territórios, inclusive submetendo os medos ao domínio persa e dando legitimidade aos sonhos de Astíages.

Adiante, no parágrafo 110, encontra-se a história de Espaco, responsável pela continuidade da vida de Ciro, ao propor a troca de seu filho morto pela criança real que seu marido estava encarregado de matar. Sobre a participação dessa personagem, tratar-se-á no capítulo 3 deste estudo.

Pertinente também ao tema da participação feminina, embora indiretamente, é a passagem do parágrafo 156 do Livro I. Não se trata de caracterização ou ação de mulheres, mas de homens, os lídios de Sardes, que, para evitar que se revoltassem, deverão sujeitar-se a adotar costumes femininos. Creso propõe a Ciro que restrinja o uso de armas a esse povo, obrigue-os a vestir túnicas por baixo dos mantos e a calçar coturnos, e ordena que ensinem os filhos a tocar cítara, a dedilhar instrumentos de cordas e a fazer negócios. Desse modo, o risco de os lídios se revoltarem estaria anulado, pois passariam de homens a mulheres. Nessa passagem há uma informação que contrasta os comportamentos masculinos e femininos dos lídios e também expõe o que se espera de cada um desses gêneros: caso os lídios de Sardes fossem submetidos a costumes associados a mulheres, logo não haveria revolta contra Ciro, mas se, pelo contrário, continuassem a agir como homens, seriam escravizados pelo monarca persa.

Já os cáunios, que aparecem no parágrafo 172, consideram muito bom que as pessoas se reúnam, a fim de beber em grupo, sejam elas homens, mulheres ou crianças, conforme a

idade ou a relação de amizade de cada um. Os lícios, por sua vez, cultivam um costume peculiar e que não se encontra em nenhum outro povo: os filhos recebem o nome da mãe e não o do pai. Em 173.5, Heródoto revela o seguinte: “[...] quando um deles perguntar a um vizinho quem ele é, ele indica a família do lado da mãe e enumera as ascendentes femininas da parte materna”³³.

Além disso, ainda na exposição sobre os lícios, observa-se que Heródoto, intencionalmente ou não, demonstra que para alguns povos não basta morrer em combate, defendendo sua liberdade, autonomia e bens, mas é preciso garantir que essa cultura não será desprestigiada ou maculada. O narrador então constrói a cena da extinção de uma cultura não pelo inimigo, mas por si própria. Em 1.176, os lícios, encurralados pelo exército de Hárpago, vendo-se derrotados e obrigados a retroceder, juntaram na acrópole as mulheres e filhos, bens e escravos e queimaram tudo, em seguida, voltaram ao combate e pereceram.

O narrador não revela nenhum juízo de valor para essa situação, mas está claro que o fim das mulheres lícias, bem como de sua descendência, anula qualquer possibilidade de sobrevivência dessa cultura. Anteriormente, no parágrafo 1.164, houve uma situação construída de forma parecida, mas com um fim oposto. Os focenses, também encurralados por Hárpago, recusam se entregar, por isso, embarcam mulheres, filhos e todos os bens móveis que possuíam e fogem para Quios. Aqui, em oposição à situação anterior, a perpetuação da cultura ocorre pela preservação da vida das mulheres.

Nos parágrafos 1.184 e 1.185, bem como em 1.205 encontram-se três figuras femininas extremamente importantes para a compreensão da participação e protagonismo de mulheres no Livro I, porém serão analisadas no capítulo 3 desse estudo.

Para finalizar esse panorama da participação feminina no Livro I de Heródoto, dois casos emblemáticos da presença feminina citada nas *Histórias* serão considerados. O primeiro está em 1.199, parágrafos que retratam o costume babilônico de uma prostituição sagrada, em honra à deusa Afrodite, a quem os assírios chamam de Milita.

O ritual consiste em fazer com que todas as mulheres da terra devam, uma vez na vida, ir ao santuário de Afrodite e ter relações com um estranho em troca de quanto dinheiro o estranho oferecer-lhe, não sendo permitido recusar, já que o dinheiro se torna sagrado. Depois de finalizado o ritual, ela volta para casa e nunca mais será comprada por nenhum dinheiro. Esse é para Heródoto o mais condenável de todos os costumes da Babilônia.

³³ Asheri informa que não se encontra, nas inscrições lícias, confirmação para este costume matriarcal. No entanto a Lícia é um exemplo tradicional de uma sociedade desse modelo, o que já está confirmado em *Iliada* VI.196-206. (Asheri I, 366, apud Ferreira e Silva, p. 175, n. 134).

O segundo costume que envolve as mulheres é descrito em 1.216 e não se trata de uma prática religiosa, mas social. Os masságetas casam-se com uma só mulher, mas fazem uso comunitário delas: se um deles quer possuir uma mulher, basta pendurar uma aljava no carro dela.

Todas as passagens apontadas até aqui corroboram o ponto de vista de estudiosos sobre a visibilidade das mulheres em Heródoto e o papel desempenhado por algumas delas, o qual, em diferentes situações, determina os rumos dos acontecimentos em todos os aspectos apresentados pelo narrador. Blok (2002) observa que o trabalho de Heródoto considera o leitor atual como holístico na forte interdependência de seu assunto, fonte, seleção, síntese, explicação, e apresentação dos elementos que constituem qualquer obra histórica importante. Para a autora, poucos temas não estão de alguma forma relacionados com o papel da mulher.

2 HERANÇA ÉPICA NA CONSTRUÇÃO NARRATIVA DAS PERSONAGENS FEMININAS NAS *HISTÓRIAS*

Heródoto é apontado como o primeiro historiador grego, o autor também é conhecido como “o último dos homéridas”. Debora Boedeker (2002) indica que no século II a.C., uma elegante inscrição elegíaca listando muitas reivindicações de fama de Halicarnasso foi estabelecida na cidade natal de Heródoto. Entre as fontes de orgulho cívico, destaca-se uma lista de figuras literárias encabeçada por Heródoto, que é descrito como “o Homero da historiografia”.

A relação entre Homero e Heródoto é defendida por alguns estudiosos como Emily Baragwanath (2008, p. 35), que chama atenção para um “pano de fundo” homérico na obra de Heródoto, afirmando que Homero é o principal exemplo narrativo de Heródoto: o poeta seria o modelo de narrativa extraordinária e sofisticada que o historiador espera alcançar. Tal afirmação baseia-se na ampla gama de construções narrativas usadas pelo historiador, como o estilo onisciente de narração empregado, por exemplo, na história de Gíges e Candaules (Hdt.1.8-13).

Além de ter o poeta épico como modelo, essa imitação das técnicas feita por Heródoto pode também ser compreendida como uma forma de rivalidade que busca superar a produção de Homero a partir da emulação, talvez na tentativa de se tornar superior em fazer um exame dos fatos vistos e ouvidos, a partir do qual nasce um gênero novo. O compositor da *Iliada* e da *Odisseia* pode ter influenciado Heródoto tanto pelo exemplo de criação narrativa quanto por representar uma concorrência a ser superada, uma vez que, em sua obra, ele não evita comentar e fazer referências a passagens da épica, como pode ser observado em Hdt.2.120, a respeito do rapto de Helena.

Nas primeiras linhas de Heródoto já é possível traçar uma determinada semelhança entre a preocupação e objetivo das *Histórias* e a intenção da narrativa homérica: alcançar a imortalidade através da memória. De acordo com as informações do próêmio, Heródoto expõe que seu propósito é o de que os grandes feitos e as maravilhosas empresas feitas pelos homens gregos ou bárbaros, não caiam no esquecimento e sejam dignos de admiração.

Hartog (2014, p. 369) também o coloca ao lado dos rapsodos “[...] é ele que cose os espaços uns aos outros. Agente de ligação, que tem como tarefa ligar os espaços continuamente, até o limite do mundo habitado”. Hartog (2014, p. 370) afirma ainda que:

“Ele é, portanto, rapsodo também nesse sentido: como aquele que canta a epopeia, ele também gosta de catálogos³⁴”.

Entre os conceitos importantes para o entendimento da composição de personagens, sejam femininas ou masculinas, na produção literária grega antiga, um se fez relevante para esta dissertação: trata-se do percurso da excelência heroica. Esse conceito permeia o comportamento e objetivo das personagens e faz parte não apenas do universo literário, mas parece estar disseminado na sociedade grega antiga, sendo identificado nas produções de autores de diversos gêneros daquele período, por isso é muito provável que tanto Homero quanto Heródoto o trouxessem para suas respectivas criações narrativas.

O vocábulo em grego é *arete*³⁵, cuja noção está ligada a um valor muito forte e recorrente na literatura grega. O termo é traduzido geralmente por “mérito” ou “qualidade” pela qual alguém se destaca e pode ser aplicado às mais diferentes esferas da vida humana. O significado orbita os campos semânticos do “excelente”, da “qualidade”, do “glorioso” e do “mérito”.

Esse conceito grego possui um significado pertinente para a análise das personagens femininas representadas aqui, que é o de “capacidade específica”. Tal definição servirá como base para demonstrar como as mulheres escolhidas por Heródoto conquistam seus objetivos. A discussão aqui proposta procura explorar o uso do conceito de *arete* em diferentes personagens da épica homérica, a fim de se verificar como esse mesmo conceito influencia a construção de figuras femininas em Heródoto. A análise, porém, não deseja atribuir a Heródoto qualquer repetição de técnicas narrativas anteriores, mas discutir como o conceito permeia as narrativas e pode ser usado como ferramenta literária para acentuar características de personagens e envolver o ouvinte/leitor.

As principais qualidades destacadas dos heróis representados nas epopeias homéricas são: força, bravura e valentia. Para além da força e valentia guerreira no âmbito heroico-militar, outro valor ganha destaque na epopeia, como é possível observar na *Odisseia*, com a exaltação da astúcia e da prudência tanto do seu herói principal, Odisseu, como da deusa que o conduz, Atena, e de personagens como Penélope e Nausícaa, o que coloca as qualidades próprias da guerra em segundo plano.

³⁴ Referência ao “Catálogo das Naus” na *Iliada*, canto 2, e ao Catálogo de Mulheres, na *Odisseia*, canto 11.

³⁵ A primeira entrada do termo no dicionário Bailly é “mérito ou qualidade pela qual se distingue”, já no LSJ encontra-se o conceito traduzido por “excelência”, o mesmo significado, “excelência”, pode ser consultado também em Powel (1938).

Portanto, ainda que a coragem heroica tenha por muito tempo ocupado um lugar preponderante para a compreensão da *arete* no mundo grego, outras qualidades dividiram espaço naquele universo narrativo e também representaram personagens considerados os melhores – *agathoi*.

As personagens femininas que participam das duas narrativas épicas, *Iliada* e *Odisseia*, assim como os heróis, também estão carregadas dos valores considerados naquele universo como excelentes (*aretai*). Nelas, porém, a excelência é determinada por atributos diferentes daqueles encontrados nos heróis, mas que de forma semelhante constituem um tipo de código de comportamento no qual os valores são compartilhados entre as mulheres *agathai*. Elas podem ser exemplificadas por diversas personagens: Helena com sua beleza devastadora, as rainhas troianas, a prudente e bela Penélope, Nausícaa e sua coragem em ajudar Odisseu, além das importantes ilustrações de virtudes femininas encontradas no canto 11 versos 225-330 da *Odisseia*, “o catálogo de mulheres”, que exalta as mulheres ligadas aos heróis e deuses, todas com funções de esposas ou mães, ou seja, ligadas ao ambiente privado.

Sem dúvidas, há muitas diferenças entre as personagens femininas da épica em relação às da historiografia de Heródoto. A *arete*, valor basilar desta análise, para aquela sociedade aristocrática de heróis apresenta manifestações diferentes das que Heródoto propõe. O espaço ocupado pelas mulheres na *Iliada* e na *Odisseia*, com exceção das amazonas na guerra de Troia, é o espaço privado. O espaço público, como a guerra e a ágora, era reservado às atividades masculinas.

Entretanto, ainda que haja uma proposta diferente para cada uma dessas duas narrativas, épica e historiográfica, existem paralelismos entre os conceitos de *arete* explorado por cada uma. A leitura comparativa dessas narrativas indica que o conceito não sofreu grandes alterações, apesar do espaço de tempo que as separa, o que permite a esses dois autores, como já citado, compartilhá-lo como ferramenta de construção de seus personagens.

Nos poemas homéricos, por exemplo, observamos como os heróis precisam provar (não apenas ter, mas demonstrar ter) a *arete*, seu conjunto de excelências, para alcançarem a glória (*kleos*), serem reconhecidos em suas respectivas sociedades e conseqüentemente cantados pelos aedos. Essa preocupação é notável em Aquiles, que escolhe uma vida curta, mas cheia de glória, em detrimento de uma velhice sem renome. Esse ideal não passa despercebido também em outros heróis como Heitor, Nestor, Agamenon, Menelau e Odisseu. Outro exemplo da épica que corrobora a aquisição da *arete* como ferramenta de construção literária é o caso de Telêmaco, que precisa conquistar sua *arete* para ter a sanção de sua autoridade como governante de Ítaca. Telêmaco, instruído pela deusa Atena, realiza o

percurso que o leva ao reconhecimento de suas qualidades, de modo que elas possam defini-lo como um herói digno de reconhecimento público (e por consequência do canto do aedo).

A compreensão de que a noção de *arete* possa ter passado por um processo de alargamento abrangendo diferentes situações, pessoas, objetos e animais permite que olhemos para algumas das personagens femininas herodoteanas e reconheçamos nelas muitas das características já usadas anteriormente no universo mitológico grego. Porém, é novo ver figuras femininas dotadas de capacidades tipicamente atribuídas aos homens, já que as qualidades femininas em destaque estavam geralmente relacionadas, na maioria das situações, às atividades do ambiente privado.

Desse modo, a leitura de Cintia Morais (2004) vem contribuir com a ideia de que a participação feminina se configura como uma *arete*, ao afirmar que a representação de diversas personagens mulheres nas *Histórias* esteja relacionada ao *thoma* (maravilhoso/surpreendente) que o autor, logo no próêmio, propõe-se a desenvolver. Considerar a participação da mulher no conjunto das maravilhas de Heródoto significa que a ação ou representação delas é fundamental para a compreensão do conflito entre os helenos e os medo-persas e essas maravilhas ligam-se à excelência/eficácia com que as personagens femininas atuaram, ou seja, a *arete* alcançada por cada uma.

David Cohen (1986) também traz um ponto de vista agregador para a assimilação do tema, ao discorrer sobre o isolamento e separação da mulher na Grécia clássica. Em resumo, de acordo com um estudo realizado pelo autor na aldeia de Methana, as mulheres mantêm papéis ativos tanto fisicamente quanto economicamente. Segundo o estudioso, a realidade social não correspondia ao ideal social. Os padrões de divisões de papéis masculinos e femininos na Grécia clássica são na verdade típicos das sociedades tradicionais do Mediterrâneo.

De acordo com esse estudo, há evidências de que as mulheres participavam de uma ampla gama de atividades: trabalho no campo, venda de produtos no mercado, enfermeiras e parteiras. A atividade econômica da mulher era indispensável e apenas poucas famílias poderiam “dar-se ao luxo” de manter a mulher separada dos homens e isoladas dessa atividade/sociedade. O autor considera relevante que fique clara a diferença entre separação e isolamento, pois o contrário leva à incompreensão da esfera e do papel da mulher.

De acordo com os resultados da pesquisa de Cohen, ainda que restrito à Atenas do período clássico, não é difícil supor que quando Heródoto se dispõe a falar sobre as mulheres em sua obra, seja no âmbito mítico ou não, seja das rainhas ou de servas, ele não esteja causando nenhum tipo de “choque cultural” para seu público ouvinte ao expor mulheres

atuantes. O que pode ter captado a atenção de seu público talvez tenha sido a surpreendente atuação destas mulheres contadas a partir de técnicas narrativas já estabelecidas na épica de Homero.

Além disso, muitos pesquisadores sustentam abertamente que o historiador constrói um imenso paralelo significativo com poesia épica. Mais de um crítico, segundo Boedeker (2002), assume que Heródoto, de certa forma, assemelha-se a Odisseu, curioso e viajado. A autora acrescenta:

Indiscutivelmente, a semelhança mais importante e de maior alcance entre Heródoto e Homero é a qualidade mimética de suas narrativas. Como épico homérico, as *Histórias* não só registram os resultados de ações passadas, mas apresentam uma recriação imaginativa e dramática de como e por que as ações ocorreram. Relacionado a isso está a preocupação épica com a verossimilhança, como visto em sua cuidadosa exposição de causa e efeito (como na cadeia de eventos que levou à ira de Aquiles, claramente desenvolvida no início da *Iliada*), e ênfase na veracidade e exatidão no relato: Odisseu em um ponto até fornece uma 'fonte' de informação que ele não poderia esperar que se conhecesse (Od. 12.389-90). Um dos dispositivos mais eficazes para criar essa vivacidade é o uso de discursos para revelar os personagens, os motivos e o destino de atores históricos, uma técnica na qual Heródoto é conspicuamente influenciado por Homero. Outra característica mimética saliente que as *Histórias* compartilham com épico é a descrição frequente da comunicação não verbal - gestos, sons, posturas, expressões que ricamente expressam, como diz Donald Lateiner (1987, p. 84), "estados de estar além do relato da ação intencional e da comunicação consciente". (BOEDEKER 2002, p. 106).

Todavia, o ponto convergente mais expressivo entre as narrativas aqui comparadas é que elas compartilham de um propósito semelhante: a glória dos feitos. Na épica, essa preocupação permeia as duas epopeias (*Iliada* e *Odisseia*) e se manifesta com frequência na fala das personagens, já nas *Histórias* essa marcação não conta com a intervenção das musas e encontra-se explícita no prólogo, estabelecendo um dos objetivos da obra.

O primeiro propósito apresentado por Heródoto alinha-se aos valores encontrados na poesia homérica: o reconhecimento dos feitos notáveis dos heróis. As duas narrativas tecem o conjunto de valores que conduz seus personagens ou eventos à glória, laureando-os com a legitimidade de suas ações para os fins a que se propuseram. Esse conjunto de valores pode ser reconhecido como *arete*, a excelência constituída por cada uma das qualidades demonstradas pelos heróis da épica e pelas personagens e eventos da narrativa historiográfica.

Para Heródoto, aparentemente, a ideia da glória anda lado a lado com a do *thoma* (o maravilhoso/surpreendente), ou seja, ao que causa admiração. É então que se percebe onde

os dois autores se separam: a definição do que merece ser relatado em Heródoto ganha uma perspectiva ampliada, abrangendo pessoas, rios, templos, discursos, reis, rainhas e da população comum – seja por atuação individual ou coletiva. A intenção narrativa mostra-se diferente da épica, pois não está focada na camada social da aristocracia, mas abarca todos os aspectos, criações, estratégias e camadas da sociedade.

Ao retornar o foco para cinco personagens femininas do Livro I de Heródoto escolhidas para este estudo, novamente trataremos de marcar a correspondência entre os valores que controlam a ação e o comportamento das personagens criadas por Homero e por Heródoto. Observa-se nas investigações do historiador uma motivação de ações análoga à da épica homérica, com um padrão muito semelhante entre causa e efeito no comportamento das personagens, de maneira que é possível identificar um código de comportamento na épica que se repete na narrativa historiográfica, conforme procura se demonstrar na análise comparativa a seguir.

As personagens escolhidas para esta análise são as que representam as mulheres com ação mais extensiva e/ou intensiva da narrativa, portanto é um material fornecido por Heródoto que permite a investigação de um número maior de elementos.

A primeira delas é a Esposa de Candaules (Hdt.1.8-12; 91), rainha da Lídia. O marido, encantado pela beleza dela, encoraja e organiza, de forma sigilosa, para que seu guarda de confiança, Giges, veja-a nua. De acordo com Heródoto, o insulto é grave, pois “para os lídios, como para quase todos os bárbaros, ser visto nu traz grande vergonha”. A rainha percebe a trapaça e como restituição pela sua honra exige que Giges mate o marido, Candaules. O guarda, vendo-se sem opção, pois caso não aceitasse a demanda da rainha deveria morrer ele próprio, mata Candaules, casa-se com a rainha e recebe a posse do reino.

Nesse relato é possível identificar duas características diferentes que remetem à narrativa épica. Primeiro, a restituição por uma ofensa grave direciona o olhar para a figura de Aquiles na guerra de Troia, pois, tal como o herói épico, ela foi ofendida gravemente em sua honra, ou seja, não houve reconhecimento de sua *arete*, (qualidade/lugar de excelência) e por isso é necessário uma ação que reequilibre a situação. Tanto para Aquiles, quanto para a Esposa de Candaules, a falta de reconhecimento e conseqüente ofensa por parte de seus reis, Agamemnon e Candaules, causarão uma terrível mudança nos acontecimentos. Na *Iliada*, o exército grego será duramente castigado por Zeus, que atende ao apelo de Tétis, mãe de Aquiles. Nas *Histórias*, a imprudência de Candaules faz com que ele seja assassinado e sua linhagem perca o poder do reino, passando-o ao governo dos Mermnadas. Nessas duas

personagens o desejo por uma retratação está evidente, e o mesmo impulso visto em Aquiles, sentimento de sua dignidade, repete-se no caso da Esposa de Candaules.

Segundo, o *modus operandi* de outro herói pode ser identificado nesse excerto do relato de Heródoto sobre a rainha: Odisseu, o “multi-astúcia”. Ao acompanhar o desenvolvimento do episódio, observa-se que o plano de retratação parte da própria rainha e por duas vezes na narrativa o leitor detém-se em sua mente astuciosa: 1- quando ela percebe de imediato a armadilha do marido, mas não fala nada, por já ter pensado em como punir os envolvidos, pode ser comparado ao retorno silencioso de Odisseu à Ítaca, com a intenção de vingar-se dos pretendentes da esposa que estavam destruindo seu lar; e 2- quando ela própria se encarrega dessa retratação, planeja matar o marido e passar o poder das mãos de Candaules para as de Giges.

O fato curioso e que também demonstra uma atitude semelhante a de Odisseu na *Odisseia* é que o assassinato de Candaules não será realizado de qualquer maneira, mas do mesmo jeito que o marido tinha feito a ofensa, colocando Giges escondido no quarto para apunhalar Candaules, ou seja, todo o plano parte de uma mente estratégica que se equipara à mente astuciosa e organizada das ações de Odisseu na vingança contra os pretendentes no canto XXII.

A segunda mulher das *Histórias*, objeto dessa aproximação com a épica homérica, é Espaco, (Hdt.1.110-113). Ela é a responsável por salvar Ciro quando o rei ainda era um recém-nascido e por consequência tem responsabilidade indireta na expansão do Império Medo-Persa, já que é através dela que Ciro sobrevive à tentativa de assassinato arquitetada pelo seu próprio avô, Astíages. A partir da ação dela, Ciro sobrevive e retorna para os cuidados reais, com sua mãe verdadeira, Mandane, no reino dos medos e quando adulto subjuga os persas e inicia o movimento de conquista de diversos outros reinos, formando um grande império.

Espaco, a serva, age pautada pela manutenção de uma determinada moral e ordem social: não cometer um crime contra o rei (ἀδικέων τοὺς δεσπότηας), nem ela mesma e o marido elaborarem um plano maldoso (κακῶς βεβουλευμένα). Do seu lugar de serva, não tem poder de ação tão amplo quanto das outras personagens femininas desta análise, porém expõe um discurso argumentativo, a fim de convencer o esposo a trocar o corpo do seu filho que nascera morto pelo da criança real, Ciro.

Em poucas passagens literárias, seja da épica ou da historiografia grega, é possível encontrar uma personagem feminina nesse lugar de fala, sobretudo com intenção de convencer um homem a mudar de decisão quando a vida dele está em jogo, como é o caso

do marido de Espaco, Mitrídates. Heródoto se destaca também por trazer casos parecidos, com mulheres que ocupam um importante lugar de fala em outras passagens de sua obra³⁶.

O discurso argumentativo geralmente está relacionado ao ambiente da assembleia, que é público, proferido por personagens masculinos que, na maioria das vezes, desempenham um papel aristocrático. Porém, o que é trazido por Heródoto para a cena é o oposto, uma serva com poder de convencimento. Espaco faz duas tentativas para convencer o marido. A primeira, usar da emoção, não teve êxito: “Ela, assim que viu a criança, grande e graciosa, começou a chorar, segurou nos joelhos do marido e pediu que de nenhuma maneira a abandonasse” (Hdt.1.112), entretanto, é na segunda tentativa que ela obtém sucesso, a proposta de trocar as crianças, deixando o cadáver do seu filho no lugar do de Ciro.

O discurso da serva é imediatamente sancionado pelo marido “o pastor considerou que a mulher argumentava extremamente bem e imediatamente fez o que ela propôs” (Hdt.1.113). A rápida troca de manipulação discursiva é notável, logo que ela percebe que a emoção não convencerá o marido, decide usar a argumentação lógica. A rápida troca entre uma ação e outra, a emoção pelo discurso lógico é reveladora da mente perspicaz da serva e remete aos personagens do universo de Odisseu, como a própria Penélope, “conhecedora de estratégias”. (*Od.*2.88; trad. Werner, 2014).

Além da engenhosidade de pensamento, a figura da serva que ajuda o rei e zela pela vida dele e de seus descendentes é um arquétipo já visto na épica. Euricleia, por exemplo, a quem Laerte, pai de Odisseu, honrava no palácio como a própria esposa. Em circunstâncias muito diferentes das de Espaco nas *Histórias*, ela também dedica seus cuidados a figuras reais. Pela *Odisseia* sabemos que a serva acompanhou toda a vida do herói Odisseu, o que mais tarde, no retorno dele a Ítaca disfarçado, garantirá que o reconheça por uma cicatriz. Ela participa também dos cuidados com Telêmaco, filho de Odisseu, além de auxiliar os astutos heróis na vingança contra os pretendentes. Parece existir um padrão de conduta nessas duas servas que preza pelo restabelecimento de uma ordem social, refletido nos cuidados com as respectivas figuras reais, Ciro e Odisseu.

As mulheres analisadas a seguir são duas rainhas da Babilônia. De todos os governantes daquela região, essas duas recebem o reconhecimento do narrador pelas obras grandiosas e dignas de serem vistas. A primeira é Semíramis (Hdt.1.184), a citação sobre essa rainha é bem curta, ocupando apenas um pequeno parágrafo, porém o feito da rainha é bastante notável: construir os diques na planície que antes era inundada pelos rios.

³⁶ Artemísia, em 8.68-69; 8.101-103 e Gorgo, em 7.239.

A segunda é a rainha Nítocris (Hdt.1.185-187), igualmente louvada pela mente engenhosa em importantes construções públicas. A monarca da Babilônia, diferente de Odisseu, não está acompanhada pela deusa Atena, mas elabora e executa uma grandiosa e astuta obra na cidade, movendo cursos de rios e dispondo pedras para formação de pontes, a fim de evitar o avanço dos medos em sua região. Heródoto descreve minuciosamente cada uma das construções feitas na cidade por essa rainha, o que faz com que o leitor acompanhe o desenrolar dos processos utilizados por Nítocris como, por exemplo, tornar o rio Eufrates sinuoso, de maneira que no seu curso passasse por três vezes em uma mesma localidade assíria. Essa criatividade é fator que a aproxima do herói Odisseu, pois como ele, a rainha está completamente engajada em seus objetivos e demonstra grande inteligência em suas ações.

Além de todas as obras feitas por ela para melhoria e defesa da cidade, outra situação a aproxima do filho de Laertes: a rainha também protagoniza um episódio de ofensa a um personagem poderoso. Ela manda edificar um túmulo elevado que ficava em um dos portões da cidade com a seguinte inscrição: “Se algum dos reis babilônios que vierem depois de mim passar por escassez de dinheiro, que abra o túmulo e pegue aquilo que julgue necessário: todavia, não abra se não precisar, por outro motivo qualquer, pois não será bom”.

Até Dario ocupar o trono, o túmulo ficou intacto, mas ele achou absurdo ter um tesouro à disposição e não fazer uso, e resolveu então abrir o túmulo. Descobriu, porém, que não havia dinheiro nenhum, apenas o cadáver com a inscrição: “Se não fosses ganancioso por dinheiro e mesquinho, não violarias os sepulcros dos mortos.”

Essa passagem recorda a provocação de Odisseu ao ciclope Polifemo no canto IX da Odisseia. Depois de ferir o olho do gigante e ser questionado sobre sua identidade, Odisseu responde que seu nome é “ninguém”. O episódio rende, tal como o da rainha Nítocris em Heródoto, um efeito cômico em circunstâncias de tensão, e nos dois casos o chiste acontece por mostrar um ser mais “fraco” (Odisseu, menor e fisicamente mais fraco que Polifemo, e Nítocris, que sendo mulher possui uma condição física mais fraca), enganando o mais “forte”.

Tanto a rainha Semíramis quanto Nítocris são reconhecidas e, portanto, selecionadas pelo narrador claramente pela eficácia de suas ações. Os sucessos de ambas com as construções na cidade impulsionam a qualidade e excelência dessas figuras. Desse modo, é possível afirmar que tais características auxiliam a forjar o conceito de *arete*, no sentido de estarem inseridas na narrativa de Heródoto como capacidades que conduzem à “glória” dos feitos.

A última personagem estudada é conhecida como Tómiris (Hdt.1.205-214), a rainha do povo masságeta. Além de se mostrar como uma governante sábia e equilibrada, ela também é parte de uma das batalhas mais violentas entre os bárbaros já conhecidas por Heródoto, segundo ele próprio. Na rainha, podemos identificar a construção de dois aspectos marcantes de excelência (capazes de destacá-la dos demais personagens e fazê-la se sobressair no combate contra Ciro) que compartilham tanto do universo feminino quanto do masculino e impulsionam as ações da personagem. A história dela, a princípio, assemelha-se à de Penélope na *Odisseia*, pois o rei Ciro, desejando apoderar-se das terras de Tómiris, corteja a rainha pedindo para que fosse sua esposa. Ela, porém, perspicaz como Penélope, percebe suas intenções de dominar os masságetas e recusa a proposta.

Os pretendentes da rainha de Ítaca agem de forma desmedida, devorando os bens de Odisseu e maltratando seus súditos enquanto esperam Penélope decidir pelo matrimônio com um deles. Além disso, esses pretendentes planejam a morte de Telêmaco de forma covarde, com uma emboscada. Tómiris também é cortejada por um pretendente interessado em sua posição de poder e em seu reino. Contudo, rapidamente as intenções de Ciro vêm às claras, revelando não um interesse na rainha masságeta, mas sim no seu reinado.

Um ponto que também aproxima essas duas rainhas é a condição de maternidade em que elas se encontram e o perigo em que os respectivos filhos serão colocados de forma covarde pelos pretendentes de suas mães. Tal como Penélope, Tómiris é mãe de um jovem guerreiro e mostra grande preocupação com seu filho. No caso de Heródoto, porém, o filho de Tómiris será vítima da emboscada de Ciro³⁷ e, não suportando a vergonha, pedirá para tirar a própria vida.

A partir dessa passagem as duas personagens se separam e a rainha masságeta passa a demonstrar suas qualidades como chefe de guerreiros agora em um âmbito muito mais próximo das características masculinas encontradas na narrativa épica, agindo com violência e eficácia. Ciro e Tómiris concordaram em travar batalha pelo domínio dos masságetas no território da rainha. Durante a primeira batalha, o filho de Tómiris é capturado pelo exército de Ciro, pois o rei havia usado uma armadilha para enganar as tropas inimigas, embriagando-as com vinho puro. Assim, quando o filho de Tómiris tem consciência de sua condição, sente-se envergonhado e pede para se matar. Ele é atendido, porém, ao saber como sua tropa foi derrotada e seu filho, morto, Tómiris sente-se profundamente ofendida e jura vingança a Ciro.

³⁷ O responsável por arquitetar a emboscada, porém, é Cresos.

Uma situação que necessita de equilíbrio apresenta-se, tal como foi abordado com o caso da Esposa de Candaules, no início do Livro I, e também de forma muito semelhante ao que aconteceu com Aquiles, na *Iliada*. Pela busca por equilibrar a situação é que a rainha trava uma das batalhas mais violentas já vista entre os bárbaros e, tomada pela ira, ultraja o cadáver de Ciro.

Na *Iliada*, acompanhamos a ira de Aquiles primeiro pela ofensa de Agamemnon, depois em busca da vingança pela morte de seu companheiro Pátroclo. Aquiles, movido pela ira, promete que não deixará o assassino impune: “Rejubila, Pátroclo, embora na morada do Hades; agora irei cumprir tudo que no passado te prometi: arrastar Heitor aqui dá-lo – crua refeição – aos cães; e diante da pira, cortar o pescoço de doze radiantes filhos dos troianos, irado por sua morte” (*Il.23.19-24*; trad. Werner, 2018). Em sequência, nos cantos 23 e 24, acompanhamos Aquiles matar Heitor e ultrajar seu cadáver, tal como havia prometido, até que ele aceita, aconselhado pelos deuses do Olimpo, devolver o corpo de Heitor e receber o resgate oferecido por Príamo.

O padrão da promessa de vingança e ultraje no caso da rainha Tómiris nas *Histórias* é similar ao de Aquiles na *Iliada*. As motivações que envolvem essas duas personagens são também muito próximas: ambos são provocados por uma perda muito significativa e demonstram grande capacidade de atingir seus objetivos. A promessa da rainha masságeta possui a mesma força e violência empregada por Aquiles em seu discurso:

Ciro, sedento de sangue, não se alegre com esses acontecimentos, pois, se pelo fruto da videira, com o qual vós vos enlouqueceis, de tal modo que, conforme o vinho desce pelo corpo, sobem para a língua palavras ruins, se foi com essa droga que dominaste meu filho, mas não pela batalha, usando a força, então agora te darei um bom conselho: devolva meu filho e afaste-te desse território sem nenhum dano, ainda que tenha insultado um terço do exército masságeta. Se não fizeres isso, juro pelo sol, senhor dos masságetas, que essa tua ambição por sangue, eu mesma irei saciá-la. (Hdt.1.212).

Olhando de baixo, disse-lhe Aquiles, veloz nos pés:

‘Heitor, não me fales de acordo, maldito.

Assim como não há pactos de confiança para leões e varões,

nem lobos e cordeiros têm ânimo concorde,

mas pensam males uns para os outros sem cessar,

assim não é possível sermos amigos eu e tu, e para nós

não haverá pactos antes que um de nós tenha caído,

com o sangue sacie o guerreiro Ares porta-escudo.

Mentaliza todo tipo de excelência: agora deves, muito,

ser um lanceiro e audacioso guerreiro.

Não há mais escape para ti, e logo Palas Atena

te subjugará com minha lança: pagarás por todas as agruras

dos meus companheiros, que mataste correndo com a lança’.
(II.22.260-272; trad. Werner).

Não há para Ciro nenhuma intervenção divina pela recuperação de seu cadáver, e ao fim da batalha, Tómiris cumpre a promessa, mandando procurar entre os mortos o cadáver de Ciro e, após encher um odre com sangue, mergulhando nele sua cabeça para “saciá-lo da sede de sangue”. Apesar da violência da cena, transmitida com vivacidade através da técnica narrativa de Heródoto, é provável que o público do historiador não mostrasse grande espanto pelos atos praticados pela rainha, pois, talvez, vissem na situação a semelhança de comportamento com o do herói Aquiles.

As personagens comparadas denotam um aspecto comum importante para a compreensão de seus papéis dentro do universo narrativo das *Histórias*, uma vez que suas qualidades possibilitam que elas cheguem à eficácia dos feitos. Isso pode ser considerado como um elemento de destaque e reconhecimento, correspondente aos valores da *arete* encontrados na épica homérica. Para Heródoto, certamente esses aspectos configuram-se como algo digno de admiração, um *thoma*, e ligam-se ao reconhecimento que faz com que essas personagens sejam lembradas e dignas da sua narração, não devendo, portanto, “cair no esquecimento”.

Desses cinco relatos, há apenas o caso da fala de Cresos para Ciro, sobre a diferença da força e poder entre os gêneros: “À parte isso que já falei, seria vergonhoso e insuportável para Ciro, o filho de Cambises, ceder a uma mulher, retirando-se de sua terra” (Hdt.1.207).

Não apenas nessas cinco personagens estudadas, mas em diversas passagens em que as mulheres são citadas nas *Histórias*, o mais evidente, conforme já destacado, é a eficácia de seus feitos. Em se tratando de mulheres, não é esperado que um autor coloque-as em lugares tão cheios de glória. Não por suas virtudes, que marcam a *arete* de cada uma delas, mas porque na maioria das narrativas anteriores a Heródoto, pelo menos nas que chegaram até a contemporaneidade, não há muitas passagens em que mulheres são retratadas atuando em ambientes públicos, realizando ações ligadas à guerra e/ou ao governo de reinos.

Conforme representado, o papel da mulher em Heródoto, na maioria das vezes, é descrito como cheio de sabedoria, astúcia, inteligência, coragem, moderação e beleza, características que podem ser consideradas *aretai*, um conjunto de qualidades capazes de formar um quadro da excelência já visto antes na literatura grega, contudo, não em figuras femininas atuando em contextos tão diferentes: públicos, privados, com atuação passiva e ativa, em grupo ou individualmente. Tal atuação permite um determinado controle dos rumos

dos acontecimentos que leva à eficácia de suas ações e, conseqüentemente, despertam a admiração do narrador e possivelmente, de sua plateia.

3 AS ESTRUTURAS DE PODER E O PROTAGONISMO FEMININO NO LIVRO I DE HERÓDOTO

Este capítulo procura compreender as estruturas de governo representadas no Livro I e, sobretudo, as relações de poder da sociedade retratada no contexto exposto por Heródoto. O objetivo é analisar a maneira como as mulheres escolhidas para esse estudo influenciam nos rumos dos acontecimentos ligados a perda ou continuidade do poder de Cresos e Ciro. Não há intenção, todavia, de direcionar a pesquisa para as diferenças entre a organização política ateniense em contraste com a oriental/persa, uma vez que, das cinco figuras femininas investigadas nesta dissertação, nenhuma é de origem grega.

Portanto, a exploração da polaridade política entre atenienses e persas foi deixada de lado, já que não é relevante, neste momento, para este estudo específico, considerar as numerosas abordagens que buscam esclarecer se Heródoto estava ou não tentando assumir que a organização sociopolítica grega era superior à persa, ou se essa última era pior, por permitir a frequente intervenção feminina como marca de alguma debilidade. Inclusive, Flower (2006, p. 275), enxerga que Heródoto esteja justamente criticando esse modelo em sua narrativa: “[...] se os contemporâneos de Heródoto compartilharam um estereótipo do bárbaro como fraco, efeminado e servil, ele emprega várias estratégias narrativas para reduzi-lo, desafiá-lo, modificá-lo e subvertê-lo. Talvez uma de suas maiores virtudes como historiador seja que ele pode ver a si mesmo no outro e outro em si”.

Entretanto, ainda que se deixe de lado a polêmica dos diferentes tipos de governo e de como eles são nivelados nas *Histórias*, é preciso discutir o modelo de governo não grego e as implicações desse paradigma político na narrativa, a fim de atrelá-lo, da forma mais adequada possível, à participação feminina, demonstrando como as mulheres estudadas do Livro I são determinantes para a manutenção ou descontinuidade desse poder dentro das suas sociedades. Além do mais, é através do estudo desse viés político que podemos ver refletidos os aspectos filosóficos, comportamento e natureza humana, valores morais e crenças religiosas que trazem elementos importantes para a análise da identidade e cultura de um povo.

Para S. Forsdyke (2006, p. 225), a abordagem mais significativa entre aqueles que tratam da política no mundo antigo diz respeito à revisão daquilo que se constitui como política, ou seja, do que é sujeito adequado da história política. Com essa afirmação, considera-se que a política está implicada na totalidade das práticas e normas sociais, tais como práticas sexuais, crenças religiosas, rituais de enterros e as atitudes em relação às mulheres. Esses elementos passam a fazer parte da compreensão da dinâmica de poder nas

sociedades. A autora chama atenção para a explicação de Heródoto sobre o motivo pelo qual os persas resolveram confrontar os gregos e porque os gregos saíram vencedores nessa guerra. Segundo a autora, essas explicações estão baseadas no pensamento grego contemporâneo a Heródoto sobre “[...] a natureza do imperialismo, o valor da liberdade política e a relação entre clima, geografia e cultura, incluindo política”. (FORSDYKE, 2006, p. 228).

A questão sobre as organizações políticas em Heródoto é constante, mas é especialmente em 3.80-82 que o debate sobre os tipos de governo se faz mais potente, no conhecido “Diálogo dos Persas”. É necessário visitar, nesse ponto, as formas de governo discutidas no excerto, sobretudo a defesa de um regime monárquico, para que se identifique os possíveis significados da monarquia apresentada no Livro I pelas figuras de Cresos e Ciro. A princípio é importante, sobre essa significação, destacar a seguinte passagem, proferida por Dario:

Das três alternativas propostas, democracia, oligarquia e monarquia, todas podem ser teoricamente apresentadas como a melhor. Mas eu sustento que a monarquia é a mais excelente em tudo. Nada poderá parecer melhor do que um só homem governar, desde que ele seja o melhor. Usando seu bom senso, poderá governar com grande sabedoria o povo e poderá assim ocultar os planos contra seus inimigos. (Hdt.3.82.1-3).

O governo de um só ocupa lugar preponderante na passagem. O “Diálogo dos Persas” é iniciado e encerrado a partir das considerações sobre esse modelo de governo. Sobre as ponderações do poder ser exercido por “uma pessoa apenas”, C. Soares (2016) identifica que não se está falando unicamente do regime monárquico, mas de dois tipos: uma monarquia e uma tirania. Para a autora, *tyrannis* e *monarchia* não se configuram como um par de sinônimos. O discurso de Otanes em 3.80 refere-se ao tirano e destaca três comportamentos mais graves: “[...] alterar os costumes pátrios, violentar as mulheres e condenar à morte sem julgamento”. Dario, por sua vez, ao defender o governo de um só, está dirigindo seu discurso à monarquia, considerada por ele, das três (democracia, oligarquia e monarquia), a superior, desde que seu governante seja o melhor. Além dos benefícios apresentados por um sistema político de um só, Dario ressalta ainda que a monarquia possui função salvadora:

Por outro lado, quando é o povo quem governa, é impossível não ocorrer iniquidades, e quando a iniquidade realmente acontece em relação ao Estado, não são amizades que nascem entre os maus, mas fortes alianças, pois os que tramam o mal contra o Estado o fazem juntos. E isso vai acontecendo até que alguém se coloque à frente do povo para defender e os

faça parar. A partir de então, esse homem é admirado pelo povo por causa dessa admiração torna-se monarca. (Hdt.3.82).

O interesse nesse trecho recai em compreender uma parte da organização política na qual se pauta o Livro I com os dois monarcas que conduzem a narrativa: Creso e Ciro. É possível que Heródoto não esteja retratando a participação feminina de forma isolada nesse universo narrativo, uma vez que ele, em diversos trechos da narrativa, acentua os sistemas políticos que estão agindo em cada um dos casos.

Sobre essa suposição, um importante teórico, Tourraix, já havia chamado atenção, argumentando que não há dissociação entre a mulher e o poder em Heródoto. O estudioso afirma que Heródoto atribui à mulher e à feminilidade um papel central para seu pensamento histórico e um papel político ao mesmo tempo dinâmico e estabilizador. As personagens femininas em Heródoto aparecem quase sempre ligadas ao poder, de maneira que a mulher ou a feminilidade é a garantia, mortal ou divina, da solidez do poder, cumprindo “[...] duas funções complementares e fundamentais, assegurando ao mesmo tempo, a transmissão e continuidade do poder”. (TOURRAIX, 1976, p. 369). Essa dupla função, apontada pelo referido pesquisador, aparece como pano de fundo de aproximadamente 50 narrativas das *Histórias*.

Como já observado, um paradigma forma-se na abertura e fechamento da narrativa das *Histórias*, pois, ao iniciar o Livro I, tem-se a feminilidade agindo como explicação da guerra. A narrativa que abre o Livro I é justamente sobre o rapto das mulheres, marcando o início dos conflitos entre gregos e persas. Para Heródoto, no entanto, a guerra tem origem na interrupção do poder de Candaules, transmitido para Giges através da esposa do monarca. Ao final do Livro I, ainda que se saiba que a divisão dos livros de Heródoto não foi feita por ele, identifica-se na última história também uma mulher atuando, a rainha masságeta Tómiris, responsável pela morte de Ciro.

Desse modo, constata-se que o historiador de Halicarnasso é capaz de mudar o foco da narração ao retratar as figuras femininas sob uma perspectiva ainda não apresentada anteriormente. As mulheres que aparecem nas *Histórias* estão atuando em várias vertentes e setores sociais e não apenas no ambiente privado.

3.1 Mulheres na trama do poder político: os percursos de transmissão de poder no regime político do Livro I – Estudo de casos

O Livro I de Heródoto concentra-se nos monarcas Creso e Ciro, desde a ascensão até os acontecimentos que contribuem para a perda de poder de cada um. As cinco mulheres das quais este estudo se ocupa estão relacionadas com esses acontecimentos, ora se responsabilizando pela transmissão de poder de uma dinastia para outra, ora garantindo a manutenção do poder real nas mãos de um herdeiro legítimo, ora atrasando ou impedindo o avanço de um poder imperial, sem que, no entanto, elas estejam subvertendo a ordem social.

A seguir, retratar-se-á a atuação de cinco mulheres do Livro I imbricadas na trama do poder político que Heródoto constrói através de sua narrativa. O historiador, conforme se observou nos capítulos anteriores desta análise, não nega o lugar da participação feminina em sua obra, contudo, a inclinação narrativa pende muito mais para as personagens que fazem parte da classe dominante ou que estejam diretamente ligadas ao poder e atuam no sentido de alterar sua dinâmica.

As personagens escolhidas para análise a seguir estão justamente definidas de acordo com a situação de poder da qual elas participam, por isso a importância de apresentar o texto grego e sua tradução, considerando, deste modo, os termos usados para denominar a função de cada uma nos regimes políticos em que estão inseridas e as estratégias narrativas escolhidas por Heródoto.

3.1.1 A Esposa de Candaules: transmissão de poder pela Esposa-Rainha

A Esposa de Candaules, não nomeada por Heródoto, surge logo no início da obra, depois do relato dos raptos de mulheres. A ação dessa personagem marca a abertura do protagonismo feminino observado ao longo dos nove livros. Heródoto não deixa passar despercebido que o caminho da guerra entre gregos e persas foi aberto por mulheres que atuaram diretamente no destino dos soberanos lídio e persa.

Creso, o primeiro monarca cuja narrativa Heródoto atrela, de fato, o início da guerra entre gregos e persas, herda o trono dos lídios e também o perde em função das ações de uma

mulher. A Esposa de Candaules, quatro³⁸ gerações antes de Cresos, foi a responsável por passar o trono dos Heráclidas para a família de Cresos, chamada de Mermnadas. Para isso, ela articulou um plano contra o marido, Candaules, em reparação por ele apresentá-la nua ao guarda real Giges sem que ela soubesse. Esse plano consistia em fazer com que Giges matasse Candaules enquanto ele dormia e se apoderasse do reino dos Heráclidas.

Ao final do *logos* de Cresos, observa-se que a responsabilidade pela perda do seu poder passou também pela ação planejada da mesma mulher, a Esposa de Candaules. De acordo com a narrativa, era previsto que Cresos perdesse seu trono. A culpa recai diretamente sobre o guarda, mas a manobra foi pensada pela rainha, conforme a passagem 1.91.1, quando a Pítia responde às indagações de Cresos sobre o fracasso de suas ações: “Ao destino imposto, até para um deus é impossível escapar. Cresos recebeu a culpa de seu quinto ascendente, aquele que foi guarda pessoal dos Heráclidas, convencido pelo dolo de uma mulher, assassinou o senhor e obteve daquele sem nenhuma honra”.

A expressão em grego é “ἀμαρτάδα ἐξέπλησε” cuja tradução é “pagar a penalidade total do pecado”, ela tem como referente o guarda Giges e não a Esposa de Candaules, cabe a ela convencer o guarda para a execução do plano, ainda assim, o verbo “ἐπιστόμενος” não está na voz ativa, mas na voz média, indicando que não é ela o sujeito dessa sentença.

Dewald (1980) afirma que existem apenas três instâncias nas *Histórias* de uma esposa agindo contra os interesses do marido. Em dois deles, Heródoto define o problema como estrutural, homens e mulheres abusam do sistema político que permitem concentrações impróprias de poder. Os dois casos dos quais a autora se ocupa são de monarcas absolutistas e estão localizados no começo, com a ofensa de Candaules a sua esposa, e ao final da narrativa de Heródoto, com a infidelidade de Xerxes. Para Dewald, o problema acontece justamente porque esses reis consideraram suas esposas como meras propriedades para fazer o que desejarem. Logo, em ambos os casos, a vantagem da esposa está em ela não se comportar de acordo com a expectativa do marido, permitindo qualquer comportamento da parte dele, mas está em agir de forma inteligente, com honra e autonomia.

Tourraix (1976) aponta que há três papéis importantes sendo desempenhados na trama: o detentor do poder, a responsável pela transmissão do poder e o receptor involuntário desse poder. A Esposa de Candaules, em sua posição de poder, não pode suportar a ofensa cometida pelo marido, inclusive o narrador acentua a gravidade do ato de Candaules ao

³⁸ No grego original: “quinto ascendente”, todavia os gregos e os romanos, nesses casos, incluíam também o primeiro elemento da série na contagem.

planejar para que Giges veja a mulher nua: “[...] porque entre os lídios e também entre quase todos os bárbaros, até mesmo para um homem, ser visto nu, traz grande vergonha” (Hdt.1.10). Ao que parece, o método escolhido por Heródoto para narrar esse trecho legitima a ação da rainha e isenta o guarda Giges de um castigo divino, que só recairá gerações depois em Cresos, uma vez que não é intenção do guarda real se apropriar da mulher e do reino; por outro lado, as ações tomadas pelo rei Candaules denotam a ousadia pelo qual esse homem foi tomado, ultrapassando os limites culturais e sociais estabelecidos. Essas afirmações estão ancoradas nas passagens do Livro I a seguir:

I. A desmedida de Candaules ao elogiar a esposa: “Por supor tal coisa, ele elogiava em excesso a beleza da esposa para Giges [...]” (1.8);

II. O espanto na fala de Giges: “Ele, muito espantado, disse: Senhor, o que dizes não é sensato, ordenas que eu veja minha rainha nua?” (1.8);

III. O apelo do guarda para o bom senso das normas sociais: “É muito antigo, entre os homens, inventar bons princípios, dentre eles é forçoso aprender o seguinte: olhar para suas próprias coisas”. (1.8);

IV. O prudente temor de Giges: “Falando dessa forma, ele se recusava, temendo que algum mal disso recaísse sobre ele”. (1.9);

V. Finalmente, a rendição dele frente à insistência de Candaules: “Portanto, como ele não era capaz de escapar, ficou de prontidão”. (1.10).

A partir dessas passagens, as alegações de Dewald (1980; 1981) acerca de uma atuação feminina nas *Histórias*, que busca o reequilíbrio social, parecem se confirmar. O caso da Esposa de Candaules, uma mulher ofendida em sua honra dentro do ambiente privado, provavelmente, ganhe uma dimensão pública ao expor um monarca incapaz de observar os costumes de seu próprio povo, um rei aparentemente mais preocupado em realizar suas vontades pessoais e saciar os desejos do seu ego.

A fiança de Candaules para que não haja punição de seus atos também não demonstra perspicácia da parte do monarca, muito pelo contrário, vê-se aqui alguma ingenuidade ou abuso de autoconfiança, pois ele age contando que não será descoberto: “Encoraja-te, Giges, e não temas nem a mim, que te provoco ao falar dessa proposta, nem a minha esposa, que da parte dela, não te ocorrerá nenhum dano. Pois eu organizarei isso de modo que ela nunca saiba que foi observada por ti” (1.9). O trecho indica duas direções pertinentes para essa análise: destacar uma determinada falta de habilidade dele em prever as ações da esposa, já que é justamente por ela saber do ocorrido que Candaules perderá a vida e o reino, ou ainda,

o pressuposto por alguns estudiosos, de que Heródoto está reproduzindo um paradigma que envolve a perda do poder a partir dos excessos cometidos pelos soberanos.

Dois elementos são fundamentais para que a Esposa de Candaules maneje o poder daquela sociedade, alterando completamente seu percurso: a astúcia e sua própria condição de soberana, que a coloca lado a lado com o marido no âmbito político. Sobre essa segunda condição, de soberania, é importante observar que, apesar de não nomear a rainha, Heródoto inclui seu título colocando-a bem próximo ao do marido, Candaules: “Δέσποτα, τίνα λέγεις λόγον οὐκ ὑγίεια, κελεύων με δέσποιναν τὴν ἐμὴν θεήσασθαι γυμνήν; [...]”. O par Δέσποτα/δέσποιναν sugere que há nesses dois personagens uma equiparação de poder que, apesar de se manifestar de maneiras distintas, são semelhantes.

Na maioria das vezes, Heródoto escolhe se referir à Esposa de Candaules como “γυνή” (mulher), porém, ele não deixou de marcar que essa mulher tem uma posição de poder importante para o relato, chamando-a também de “ἡ βασίλεια” (1.11). O termo aparece nessa passagem e somente mais uma vez, quando Gíges efetiva o plano da rainha, dessa vez não para marcar a posição dela, mas para referir-se ao poder que Gíges se apropriou ao matar Candaules: “ἔσχε καὶ τὴν γυναῖκα καὶ τὴν βασιληίην Γύγης” (1.13), a mulher e o reino.

É deste modo que o leitor percebe o poder sendo transmitido de uma família à outra, dos Heráclidas para os Mermnadas. Houve a interrupção da sequência de soberanos que havia reinado por 22 gerações em linhagem masculina, por 505 anos, de acordo com Heródoto. A responsabilidade pela continuidade do poder está nas mãos de uma mulher que não recebe um nome. A análise de Tourraix (1976, p. 370) para que a mulher de Candaules não seja nomeada se dá pela relevância da feminilidade desta personagem. Para o pesquisador francês, não foi por falta, descuido ou recusa que Heródoto deixou de citar o nome dela. A ideia é enfatizar o gênero para demonstrar a intensidade com que as mulheres são participantes desse relato:

É uma lacuna em sua informação, um descuido ou a recusa em mencionar um nome sem importância? Não é mais uma omissão que visa privilegiar o essencial, nomeadamente a sua feminilidade? Hipótese sustentada pelo fato de que Heródoto preferia a Mulher à Rainha, que ele não usa: a feminilidade é mais importante para ele do que sua participação na realeza. (TOURRAIX, 1976, p. 370).

Anhalt e College, em artigo publicado em 2008, associam quatro casos de mulheres das *Histórias* às dinâmicas de poder na narrativa:

O conto de Heródoto sobre Giges, no primeiro livro de suas Histórias, inicia um padrão composto por quatro histórias em que a exibição de uma mulher afeta as relações de poder masculino. Uma característica do governo autocrático, essas histórias associam o teatro político calculado à derrubada, suposição ou minação do poder político. [...] Coletivamente, as histórias afirmam a natureza precária do poder político, uma vez que a exibição teatral de uma mulher tem o potencial de enfraquecer e até de empoderar os homens, mesmo na ausência de ganância, luxúria ou paixão. (ANHALT; COLLEGE, 2008, p. 269).

Para as autoras, além do caso de Candaules, em que a insistência para que o guarda veja sua esposa nua e a partir disso seja capaz de acreditar realmente na sua beleza, as outras histórias apontadas no artigo se constroem de forma muito semelhante e ressaltam a vulnerabilidade da supremacia política. Ainda no Livro I, há o caso de Pisístrato (1.60), que usa um recurso teatral para fazer com que os atenienses aceitassem sua tirania, vestindo Fia com armadura hoplita, colocando-a em uma carruagem e exibindo-a pela cidade como se fosse a deusa Atena.

No Livro V, os irmãos peônios, Pigres e Mástias, (5.12-13) criam uma cena para impressionar Dario, vestindo a irmã da melhor forma que podiam e enviando-a para desempenhar um papel: o de mulher laboriosa, que leva o cavalo com uma mão enquanto fiava com a outra. Recurso semelhante será usado por Heródoto em 8.87, Artemísia na batalha contra os gregos afunda um navio aliado para conseguir fugir do inimigo, enganando tanto os gregos que a perseguiam quanto o próprio Xerxes, que ao ver a cena, passa a ter ainda mais estima pela governante de Halicarnasso.

Esses quatro contos de atuação feminina apontados no artigo em questão corroboram a proposição deste capítulo: existe em Heródoto uma tendência em associar a participação de personagens femininas às estruturas do poder político na obra. No primeiro conto de Candaules, como se sabe, ele perderá o poder, que passará às mãos de Giges através da esposa-rainha; Pisístrato conseguirá a tirania de Atenas graças à apresentação enganosa de Fia vestida como deusa. No caso dos irmãos peônios, o teatro em que colocaram a irmã para enganar Dario não lhes renderá a tirania da Peônia, conforme esperavam, porém Dario será convencido de que as mulheres peônias são muito habilidosas e isso resulta no episódio em que os peônios são desalojados e levados junto com suas mulheres e filhos para a Ásia. Por fim, Artemísia com suas exímias habilidades de conselheira e estrategista, consegue ser ouvida e estimada por Xerxes, mantendo sua posição de poder, diferente de outros comandantes de guerra citados por Heródoto.

Sobre a atuação da Esposa de Candaules e seus desdobramentos, cabe, por fim, acrescentar que a ação acontece o tempo todo dentro do ambiente privado, onde a rainha parece ser a detentora do poder e também onde sua posição de poder foi desrespeitada pelo marido, entretanto a repercussão de seus atos atingirá completamente a organização do Estado, trazendo consequências irreparáveis ao âmbito público daquela sociedade: a transmissão do poder de uma família à outra e, sobretudo, a perda desse poder cinco gerações mais tarde, faz com que Crespo seja castigado pelo erro de seu ancestral e destronado por Ciro.

A história da rainha pode ser conferida na tradução a seguir:

Quadro 1 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.8-12; 91:

Esposa de Candaules (1.8-12; 91)	Tradução
<p>1.8</p> <p>Οὗτος δὴ ὢν ὁ Κανδαύλης ἠράσθη τῆς ἑωυτοῦ γυναικός, ἐρασθεῖς δὲ ἐνόμιζέ οἱ εἶναι γυναῖκα πολλὸν πασέων καλλίστην. Ὡστε δὲ ταῦτα νομίζων, ἦν γάρ οἱ τῶν αἰχοφόρων Γύγης ὁ Δασκύλου ἀρεσκόμενος μάλιστα, τούτῳ τῷ Γύγῃ καὶ τὰ σπουδαιότερα τῶν πρηγμάτων ὑπερετίθετο ὁ Κανδαύλης καὶ δὴ καὶ τὸ εἶδος τῆς γυναικός ὑπερεπαινέων. Χρόνου δὲ οὐ πολλοῦ διελθόντος, χρῆν γὰρ Κανδαύλη γενέσθαι κακῶς, ἔλεγε πρὸς τὸν Γύγην τοιάδε: “Γύγη, οὐ γὰρ σε δοκέω πείθεσθαι μοι λέγοντι περὶ τοῦ εἶδους τῆς γυναικός ὅτι γὰρ τυγχάνει ἀνθρώποισι ἔοντα ἀπιστότερα ὀφθαλμῶν, ποίειε ὅπως ἐκείνην θεήσεται γυμνήν.” Ὁ δὲ μέγα ἀμβώσας εἶπε: “Δέσποτα, τίνα λέγεις λόγον οὐκ ὑγία, κελεύων με δέσποιναν τὴν ἐμὴν θεήσασθαι γυμνήν; Ἄμα δὲ κίθῳνι ἐκδυομένῳ συνεκδύεται καὶ τὴν αἰδῶ γυνή.</p>	<p>1.8</p> <p>Então, este Candaules se apaixonou pela própria esposa, e como estava apaixonado, considerava-a a mulher mais bela de todas. Por supor tal coisa, ele elogiava em excesso a beleza da esposa para Giges, o filho de Dascilo, pois ele era o preferido dentre os soldados, Giges a quem Candaules distinguia dos demais e também confiava a ele as mais importantes questões. Passado não muito tempo, pois era fatal que acontecesse o mal a Candaules, ele disse o seguinte para Giges: “Giges, parece-me que tu não estás convencido quando te falo a respeito da beleza da minha esposa, pois aos homens, os ouvidos calham de serem menos fidedignos do que os olhos. Faz por vê-la nua de algum modo” Ele, muito espantado, disse, “Senhor, o que dizes não é sensato, ordenas que eu veja minha</p>

Πάλαι δὲ τὰ καλὰ ἀνθρώποισι ἐξεύρηται, ἐκ τῶν μανθάνειν δεῖ· ἐν τοῖσι ἐν τόδῃ ἐστὶ, σκοπέειν τινὰ τὰ ἑωυτοῦ. Ἐγὼ δὲ πείθομαι ἐκείνην εἶναι πασέων γυναικῶν καλλίστην, καὶ σεο δέομαι μὴ δέεσθαι ἀνόμων.”

1.9

Ὁ μὲν δὴ λέγων τοιαῦτα ἀπεμάχετο, ἀρρωδέων μὴ τί οἱ ἐξ αὐτῶν γένηται κακόν. Ὁ δ' ἀμείβετο τοῖσδε: “Θάρσее, Γύγη, καὶ μὴ φοβέο μήτε ἐμέ, ὡς σεο πειρώμενος λέγω λόγον τόνδε, μήτε γυναῖκα τὴν ἐμήν, μὴ τί τοι ἐξ αὐτῆς γένηται βλάβος· ἀρχὴν γὰρ ἐγὼ μηχανήσομαι οὕτω ὥστε μηδὲ μαθεῖν μιν ὀφθεῖσαν ὑπὸ σέο. Ἐγὼ γάρ σε ἐς τὸ οἶκημα ἐν τῷ κοιμώμεθα ὀπισθε τῆς ἀνοιγομένης θύρης στήσω· μετὰ δ' ἐμὲ ἐσελθόντα αὐτίκα παρέσται καὶ ἡ γυνὴ ἢ ἐμὴ ἐς κοῖτον. Κεῖται δὲ ἀγχοῦ τῆς ἐσόδου θρόνος· ἐπὶ τοῦτον τῶν ἱματίων κατὰ ἐν ἕκαστον ἐκδύνουσα θήσει καὶ κατ' ἡσυχίην πολλὴν παρέξει τοι θεήσασθαι. Ἐπεὰν δὲ ἀπὸ τοῦ θρόνου στείχη ἐπὶ τὴν εὐνήν κατὰ νότου τε αὐτῆς γένη, σοὶ μελέτω τὸ ἐνθεῦτεν ὅκως μὴ σε ὄψεται ἰόντα διὰ θυρέων”.

1.10

rainha nua? Quando uma mulher se despe de sua túnica, ao mesmo tempo, perde o respeito. É muito antigo, entre os homens, inventar bons princípios, dentre eles é forçoso aprender o seguinte: olhar para suas próprias coisas. Eu estou realmente convencido de que aquela é a mais bela entre todas as mulheres e peço-te que não me questione sobre aquilo que é anormal.”

1.9

Falando dessa forma, ele se recusava, temendo que algum mal disso recaísse sobre ele. Mas Candaules respondeu: “Encoraja-te, Gíges, e não temas nem a mim, que te provoço ao falar dessa proposta, nem a minha esposa, que da parte dela, não te ocorrerá nenhum dano. Pois eu organizarei isso de modo que ela nunca saiba que foi observada por ti. Eu te colocarei no aposento, onde nos deitamos, atrás da porta aberta. Depois que eu entrar, minha mulher também se apresentará para deitar. Próximo da entrada há uma cadeira, sobre a qual ela deporá as vestes, uma após a outra, e enquanto ela as tira, tu poderás contemplá-la à vontade. Quando, então, ela caminhar, da cadeira para a cama, virando as costas para ti, atente para que ela não te veja saindo pela porta”.

1.10

Ὁ μὲν δὴ, ὡς οὐκ ἐδύνατο διαφυγεῖν, ἦν ἔτοιμος· ὁ δὲ Κανδαύλης, ἐπεὶ ἐδόκεε ὥρη τῆς κοίτης εἶναι, ἤγαγε τὸν Γύγην ἐς τὸ οἶκημα, καὶ μετὰ ταῦτα αὐτίκα παρῆν καὶ ἡ γυνή· ἐσελθοῦσαν δὲ καὶ τιθεῖσαν τὰ εἴματα ἐθηεῖτο ὁ Γύγης. Ὡς δὲ κατὰ νότου ἐγένετο ἰούσης τῆς γυναικὸς ἐς τὴν κοίτην, ὑπεκδύς ἐχώρεε ἔξω. Καὶ ἡ γυνὴ ἐπορᾷ μιν ἐξιόντα. Μαθοῦσα δὲ τὸ ποιηθὲν ἐκ τοῦ ἀνδρὸς οὔτε ἀνέβωσε αἰσχυνθεῖσα οὔτε ἔδοξε μαθεῖν, ἐν νόφ ἔχουσα τείσεσθαι τὸν Κανδαύλην· παρὰ γὰρ τοῖσι Λυδοῖσι, σχεδὸν δὲ καὶ παρὰ τοῖσι ἄλλοισι βαρβάροισι, καὶ ἄνδρα ὀφθῆναι γυμνὸν ἐς αἰσχύνην μεγάλην φέρει.

1.11

Τότε μὲν δὴ οὕτως οὐδὲν δηλώσασα ἡσυχίην εἶχε· ὡς δὲ ἡμέρη τάχιστα ἐγγόνεε, τῶν οἰκετέων τοὺς μάλιστα ὥρα πιστοὺς ἐόντας ἐωυτῇ ἐτοίμους ποιησαμένη, ἐκάλεε τὸν Γύγην. Ὁ δὲ οὐδὲν δοκέων αὐτὴν τῶν πρηχθέντων ἐπίστασθαι ἦλθε καλεόμενος· ἐώθεε γὰρ καὶ πρόσθε, ὅκως ἢ βασιλεία καλέοι, φοιτᾷν. Ὡς δὲ ὁ Γύγης ἀπῆκετο, ἔλεγε ἡ γυνὴ τὰδε· “Νῦν τοι δυῶν ὀδῶν παρεουσέων, Γύγη, δίδωμι αἴρεσιν, ὅκοτέρην βούλει τραπέσθαι· ἢ γὰρ Κανδαύλην ἀποκτείνας ἐμέ τε καὶ τὴν βασιληίην ἔχε τὴν Λυδῶν, ἢ αὐτόν σε αὐτίκα οὔτω ἀποθνήσκειν δεῖ, ὡς ἂν μὴ πάντα πειθόμενος Κανδαύλη τοῦ λοιποῦ ἴδης τὰ μὴ σε δεῖ. Ἄλλ’ ἦτοι κείνόν γε τὸν

Portanto, como ele não era capaz de escapar, ficou de prontidão. Então, Candaules, considerando que era hora de ir se deitar, conduziu Gíges para o quarto. Depois disso, imediatamente, a mulher chegou. Ela entrou e, conforme ia depondo as vestes, Gíges a contemplava. Logo que a mulher se virou de costas, indo para a cama, ele escapou, retirando-se. Entretanto, a mulher percebeu-o quando saía. Compreendendo o que tinha sido feito pelo marido, não gritou de vergonha, nem demonstrou saber, pois tinha em mente que Candaules deveria pagar, porque entre os lídios e também entre quase todos os bárbaros, até mesmo para um homem, ser visto nu, traz grande vergonha.

1.11

Com isso, não demonstrou saber de nada e ficou em silêncio. Mas tão logo o dia surgiu, escolheu entre os servos aqueles que lhe eram mais confiáveis e colocou-os à sua disposição, em seguida chamou Gíges. Ele, supondo que ela não sabia nada do que havia ocorrido, respondeu ao chamado, estando acostumado, pois antes, quando a rainha chamava, ele se apresentava. Quando Gíges chegou, a mulher disse o seguinte: “Agora, dois caminhos se apresentam para ti, Gíges, e te dou a escolha, para qual deles desejas

ταῦτα βουλευσάντα δεῖ ἀπόλλυσθαι ἢ σέ τὸν ἐμὲ γυμνὴν θεησάμενον καὶ ποιήσαντα οὐ νομιζόμενα.” Ὁ δὲ Γύγης τέως μὲν ἀπεθώμαζε τὰ λεγόμενα, μετὰ δὲ ἰκέτευε μὴ μιν ἀναγκαίῃ ἐνδέειν διακρίναι τοιαύτην αἵρεσιν. Οὐκ ὦν δὴ ἔπειθε, ἀλλ’ ὥρα ἀναγκαίην ἀληθέως προκειμένην ἢ τὸν δεσπότην ἀπολλύναι ἢ αὐτὸν ὑπ’ ἄλλων ἀπόλλυσθαι· αἰρέεται αὐτὸς περιεῖναι. Ἐπειρώτα δὴ λέγων τάδε· “Ἐπεὶ με ἀναγκάζεις δεσπότην τὸν ἐμὸν κτείνειν οὐκ ἐθέλοντα, φέρε ἀκούσω, τέω καὶ τρόπῳ ἐπιχειρήσομεν αὐτῷ.” Ἡ δὲ ὑπολαβοῦσα ἔφη· “Ἐκ τοῦ αὐτοῦ μὲν χωρίου ἡ ὀρμὴ ἔσται ὅθεν περ καὶ ἐκεῖνος ἐμὲ ἐπεδέξατο γυμνὴν, ὑπνωμένῳ δὲ ἡ ἐπιχείρησις ἔσται.”

1.12

Ὡς δὲ ἤρτυσαν τὴν ἐπιβουλήν, νυκτὸς γενομένης οὐ γὰρ ἐμετίετο ὁ Γύγης, οὐδέ οἱ ἦν ἀπαλλαγὴ σὺδεμία, ἀλλ’ ἔδεε ἢ αὐτὸν ἀπολωλέναι ἢ Κανδαύλην εἶπετο ἐς τὸν θάλαμοντῆ γυναικί. Καί μιν ἐκεῖνῆ ἐγχειρίδιον δοῦσα κατακρύπτει ὑπὸ τὴν αὐτὴν θύρην. Καὶ μετὰ ταῦτα ἀναπαυομένου Κανδαύλεω ὑπεκδύς τε καὶ ἀποκτείνας αὐτὸν ἔσχε καὶ τὴν γυναῖκα καὶ τὴν βασιληῖην Γύγης· τοῦ καὶ Ἀρχίλοχος ὁ Πάριος, κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον γενόμενος, ἐν ἰάμβῳ τριμέτρῳ ἐπεμνήσθη.

1.91

seguir. Ou matas Candaules, e tem a mim e ao reino dos lídios, ou é preciso que tu mesmo morras imediatamente, para que, obediente a Candaules em tudo, no futuro não vejas o que não é lícito. Sim, ou aquele que deliberou isso, ou tu, que me viste nua e não pensaste no que estavas fazendo, deves morrer.” Durante um tempo, Gíges ficou atônito com essas coisas ditas por ela, mas em seguida, suplicou para que não o obrigasse a decidir sobre tal assunto. Contudo, não a convenceu, mas viu verdadeiramente em sua frente a necessidade de matar o rei ou ele próprio ser morto por outros. Escolheu sobreviver. Então questionou, dizendo o seguinte: “Uma vez que me obrigas a matar o meu senhor, mesmo contra minha vontade, ouvirei, de que modo tramaremos contra ele?” Ela, por sua vez, rebateu: “Sairás do mesmo lugar onde aquele te fez ver-me nua, atacarás enquanto ele estiver dormindo.”

1.12

Enquanto eles preparavam o plano, a noite chegou, até o momento, Gíges não estava solto, nem teve nenhuma liberdade, mas via-se obrigado ou a morrer ou a matar Candaules, e ele seguiu a mulher para o tálamo. Então ela deu-lhe um punhal e escondeu-o por trás da mesma porta. Depois disso, enquanto Candaules

<p>Ἀπικομένοισι δὲ τοῖσι Λυδοῖσι καὶ λέγουσι τὰ ἐντεταλμένα τὴν Πυθίην λέγεται εἰπεῖν τάδε· “Τὴν πεπρωμένην μοῖραν ἀδύνατά ἐστι ἀποφυγεῖν καὶ θεῶ. Κροῖσος δὲ πέμπτου γονέος ἀμαρτάδα ἐξέπλησε, ὃς ἐὼν δορυφόρος Ἡρακλειδέων δόλω γυναικίῳ ἐπισπόμενος ἐφόνευσε τὸνδεσπότην καὶ ἔσχε τὴν ἐκείνου τιμὴν οὐδὲν οἱ προσήκουσαν [...].</p>	<p>descansava, ele o matou. Giges, então, tomou posse da mulher e do reino. Arquíloco de Paros, que viveu no mesmo tempo que ele, também fez menção disso em trímetros jâmbicos.</p> <p>1.91</p> <p>Quando os lídios chegaram, disseram aquilo que lhes foi ordenado pela Pítia, que disse o seguinte: “Ao destino imposto, até para um deus é impossível escapar. Creso recebeu a culpa de seu quinto ascendente, aquele que foi guarda pessoal dos Heráclidas, convencido pelo dolo de uma mulher, assassinou o senhor e obteve daquele sem nenhuma honra [...].</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

3.1.2 Espaço/Cino: o poder nas mãos de uma serva

No extremo oposto à Esposa de Candaules, Heródoto traz à cena a esposa do pastor Mitrídates, uma serva que se responsabiliza pela sobrevivência de Ciro. De acordo com a narrativa, é apenas por causa da atuação de Espaço que existirá o Império Persa, já que é por meio de seu plano e força de convencimento que Ciro, ainda recém-nascido, não será assassinado.

Não por acaso, a história do nascimento é revelada apenas depois que Ciro havia conquistado a Lídia e derrotado Creso, deste modo, o ouvinte/leitor de Heródoto já sabe que se trata de um personagem que ocupava a posição mais alta de poder. É sabido, por exemplo, que Ciro foi o responsável por abater Sardes, muito mais para se defender do ataque de Creso do que para aumentar seu território. Algumas características da personalidade desse rei também são introduzidas antes de sabermos do seu nascimento, como, por exemplo, a capacidade do monarca em reconhecer que Creso era um homem piedoso, benevolente e

humilde, características que fazem com que Ciro, mesmo depois de derrotar o governante lídio, mantenha-o ao seu lado, como um conselheiro.

Tal como a Esposa de Candaules, Espaço atua dentro do ambiente privado e as reverberações de seu ato alcançam os topos da estrutura de poder político da Média. Ainda que outros personagens se mostrem indignados com a ordem de Astíages, avô de Ciro, para que a criança fosse morta, Espaço é a única personagem envolvida no *logos* do nascimento de Ciro a pensar em uma maneira de salvar a criança do seu destino sem comprometer a vida do marido, já que ele estava ameaçado caso não cumprisse a ordem.

Heródoto, ao escolher o conto do nascimento de Ciro para a narrativa, atinge dois objetivos propostos em seu prólogo, primeiro: investigar as origens do conflito entre os helenos e os bárbaros e segundo: não deixar que as coisas maravilhosas sejam esquecidas.

Sobre o segundo objetivo, pode-se considerar que o nascimento de Ciro esteja entre os *thoma* do autor e também esteja intrincado no enredo do poder político subjacente a esta história. Essa afirmação se dá pela gradação de posições de poder dos responsáveis por matar Ciro que repassam a tarefa, ou por não ter coragem de executar, ou por serem convencidos do contrário.

Na escala de posição de poder, Espaço, sem dúvida, ocupa a posição mais baixa, ela é mulher, a quem não cabe nenhuma decisão no âmbito da política, e esposa de um servo, que está ali apenas para seguir ordens e tem sua vida ameaçada caso não as cumpra, ou seja, Heródoto de fato surpreende invertendo a lógica de poder ao colocar a decisão pela vida do grande imperador Ciro nas mãos de quem ocupa a posição mais baixa do poder político daquela sociedade.

Surpreendentemente, os agentes envolvidos na execução da morte do bebê Ciro sabiam que estavam agindo “contra as normas sociais”, entretanto nada fizeram para impedir a injustiça que estava à sua frente. Em 1.108, antes da introdução do casal de pastores na narrativa, Heródoto esclarece os motivos pelos quais o monarca medo, avô de Ciro, resolveu matar a criança: “[...] na sequência da tal visão, os magos intérpretes de sonhos revelaram que o descendente da filha havia de reinar em seu lugar” (Hdt.1.108.2).

Para executar o assassinato do neto, Astíages chama um de seus parentes, homem de grande confiança, o qual era responsável pela administração de suas riquezas. Esse homem é Hárpago, que mesmo sendo administrador de todos os bens e digno de confiança não é capaz de demover a ideia de Astíages de matar o próprio neto. Sem ânimo, a resposta ao rei é de total submissão: “Ó rei, nunca viste em outro tempo, no homem que se apresenta a ti nada que o desagradasse e cuidarei também para não errar no futuro com aquilo que lhe diz

respeito. Se é da tua vontade que isso seja feito, meu dever executar as tuas ordens com empenho” (1.108.5).

Entretanto, logo após professar sua obediência, Heródoto acrescenta que Hárpago não concordava com a ação do rei: “Quando, porém, lhe entregaram o menino, já preparado para morrer, partiu para casa lamentando” (1.109.1). Chegando em casa, Hárpago revela à esposa seu total descontentamento com a ordem recebida e a intenção de não a cumprir: “[...] nem se ele estivesse enlouquecido e mais enraivecido do que está agora, eu mesmo não estaria de acordo com suas opiniões e nem me prestarei a serviço desse assassinato” (1.109.2). Nesse ponto, é possível reconhecer que Hárpago não acredita que Astíages esteja com a razão em ordem para pedir tal coisa, ou seja, ele está agindo fora da normalidade e daquilo que é aceitável.

A solução encontrada, segundo Heródoto, é passar a tarefa de matar a criança para um dos homens de Astíages, deste modo escaparia do perigo por não seguir as ordens do rei. É relevante nesse trecho que as considerações de Hárpago para não ser ele a matar a criança passam pela dinâmica do poder dos medos: “Mas, se após a sua morte, o poder passa para as mãos da filha, cujo filho agora eu tenho que matar, o que me resta senão o maior dos perigos?” (1.109.4).

É por esse homem, afirmando ter muitas razões para não matar o recém-nascido (*πολλῶν δὲ εἵνεκα οὐ φονεύσω μιν*), que Ciro chega à família do casal de servos. O pastor Mitrídates receberá de Hárpago a ordem para que pegue a criança e a abandone no lugar mais ermo da montanha de forma que morra o mais rápido possível. Caso não cumpra essa ordem, será o próprio Mitrídates a morrer da pior maneira.

Tal como Hárpago, sem condições de recusar as ordens de Astíages, Mitrídates pega a criança com a intenção de levá-la para a morte, porém, também esse personagem mostra não concordar com decisão tão cruel e, semelhante à Hárpago, é para a esposa que ele confessará o que sente: “Toda a casa de Hárpago estava cheia de pranto, eu mesmo fiquei perplexo ao entrar” (1.111). Embora insatisfeitos com o destino da criança, nem Hárpago, nem Mitrídates encontram uma forma para que a injustiça seja impedida, esses dois homens direcionam suas ações acudados pelo medo da punição.

Em nota, Ferreira e Silva lembram a reflexão de Legrand a respeito das esposas de Hárpago e de Mitrídates:

Legrand (I, 134) assinala uma atitude idêntica nos dois casais: tanto na casa do grande senhor como na do simples aldeão vigora uma confiança mútua, ou mesmo, no caso de Mitrídates é transparente uma terna solicitude. Não

só a mulher não é remetida para um papel subalterno, como pode mesmo ser de sua iniciativa a proposta de resolver os problemas difíceis que atingem a família. Alguma diferença existe, porém, no pormenor das duas cenas. Ao expor à mulher a exigência de Astíages, Hárpago estava já decidido a não a executar, e por isso a conversa destina-se apenas a criar oportunidade para se exporem as intenções do cortesão. No caso de Mitrídates, pelo contrário, é a companheira que o demove e sugere o processo de tornear as dificuldades. (FERREIRA; SILVA, 2014, p. 39, n. 76).

É por essa via que Heródoto apresenta a mulher do pastor, Espaco. Depois de acompanharmos o percurso do bebê até a casa de Mitrídates e saber que essa criança recebeu dupla ordem de morte, é de uma mulher, serva, que virá a salvação de Ciro. Ao se deparar com a criança, a mulher começou a chorar e suplicou ao marido que pelo preço que custasse, não abandonasse o bebê na montanha. Porém, visto que Hárpago viria inspecionar o serviço, ele não cedia aos pedidos da esposa, pois, caso contrário, ele mesmo estaria com grandes problemas.

Nesse momento então, a mulher propõe uma solução bastante razoável para a questão: trocar seu filho que nascera morto pouco antes da chegada do marido pela criança real. Deste modo, a ordem social estaria restabelecida, já que nenhum crime seria cometido e o marido escaparia da morte por não ter cumprido as ordens de Hárpago. Para o marido, dadas as circunstâncias, a esposa falava com razão (εὔ λέγειν ἡ γυνή), opinião muito diferente da de Hárpago sobre Astíages. O cenário de disparidade relacionada ao poder está posto. Ao rei caberia manter a ordem social, mas o que Heródoto mostra é a falta de moderação desse monarca ao mandar o neto para a morte por medo de perder o trono – atitude que o fará justamente perder o poder. Na outra ponta, aparece a mulher zelando para que os costumes sejam respeitados e uma criança não seja morta. A ação do homem mais poderoso do reino, Astíages, encontra barreira no elemento socialmente mais fraco da sociedade, a mulher e serva Espaco.

Painel semelhante é formado em relação à Espaco e Ciro, pois se é em Espaco que o poder de Astíages se depara com a última barreira, é também através dessa personagem que o poder real de Ciro encontrará a brecha para se dissipar, o que resultará no fim do reinado dos medos e início do Império Persa. Dessa maneira, Espaco pode ser considerada como um instrumento através do qual o poder será devidamente transmitido.

Para Dewald (1981), Heródoto quase sempre enfatiza o papel social positivo e protetor da mulher, por causa da sensibilidade a convenções e aos seus limites, essas mulheres são mais bem sucedidas do que os homens em alcançar seus objetivos. Sobre a

atuação de Espaço, Dewald (1981, p. 108) considera que: “Cino é a única agente em todo o relato que está disposta a dar voz a toda a gama de considerações práticas e morais que, em sua opinião, governam a situação e assume a responsabilidade de agir de acordo com elas”.

Além disso, a atuação de Espaço acontece estritamente dentro do ambiente doméstico, ou seja, Heródoto parece querer mostrar como as posições sociais de uma cultura estão conectadas e agindo para a devida composição do poder político adotado por uma determinada sociedade. Astíages ordena que Hárpagos mate a criança, este, por não considerar certo que seja ele a executar o plano, repassa a tarefa para um servo de Astíages, Mitrídates, que por sua vez, em casa, revela para a esposa que ele foi incumbido de matar a criança real.

Através do plano da mulher, Ciro se salvará, porém é importante ressaltar que enquanto ela pensa na solução, é pela ação do marido que a execução do plano ocorre e apenas depois dele próprio aprovar a estratégia, ou seja, eles agem em conjunto, ela dentro dos limites do lar e ele dentro dos limites de sua função como pastor, que o permitiu levar a criança para um lugar deserto e infestado por feras. É apenas pela ação conjunta e dentro dos limites sociais de cada personagem que o poder se move por seu curso original: Astíages, como monarca, não tinha herdeiros masculinos, o natural era que seu poder fosse passado à filha e em sequência para Ciro. Contudo, essa ordenação será desfeita intencionalmente por Astíages, mas será restabelecida graças à inteligência e persuasão de Espaço. Dessa maneira, as relações de poder voltam ao equilíbrio inicial e Ciro finalmente ocupará seu lugar de monarca.

O trecho que representa toda a ação de Espaço para salvar Ciro está na seguinte tradução:

Quadro 2 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.110-113:

Espaco (Cino) (1.110-113)	Tradução
1.110 Ταῦτα εἶπε καὶ αὐτίκα ἄγγελον ἔπεμπε ἐπὶ τῶν βουκόλων τῶν Ἀστυάγεος τὸν ἠπίστατο νομάς τε ἐπιτηδεοτάτας νέμοντα καὶ ὄρεα θηριωδέστατα, τῷ οὖνομα ἦν Μιτραδάτης. Συνοίκεε δὲ ἐουτοῦ συνδούλη, οὖνομα δὲ τῇ γυναικὶ ἦν τῇ	1.110 Dizendo isso, enviou imediatamente um mensageiro a um dos pastores de Astíages, a quem ele sabia que pastoreava em local conveniente para seus fins, nas montanhas, infestadas por animais selvagens, seu nome era Mitrídates. A

συνοίκεε Κυνὸ κατὰ τὴν Ἑλλήνων
 γλῶσσαν, κατὰ δὲ τὴν Μηδικὴν Σπακῶ·
 τὴν γὰρ κύνα καλέουσι σπάκα Μηδοί. Αἱ
 δὲ ὑπώρειαι εἰσι τῶν ὀρέων, ἔνθα τὰς νομάς
 τῶν βοῶν εἶχε οὗτος δὴ ὁ βουκόλος, πρὸς
 βορέω τε ἀνέμου τῶν Ἀγβατάνων καὶ πρὸς
 τοῦ πόντου τοῦ Εὐξείνου. Ταύτη μὲν γὰρ ἡ
 Μηδικὴ χώρα πρὸς Σασπειρών ὀρεινὴ ἐστὶ
 κάρτα καὶ ὑψηλὴ τε καὶ ἴδησι συνηρεφής, ἡ
 δὲ ἄλλη Μηδικὴ χώρα ἐστὶ πᾶσα ἄπεδος.
 Ἐπεὶ ὦν ὁ βουκόλος σπουδῆ πολλῇ
 καλούμενος ἀπύκετο, ἔλεγε ὁ Ἄρπαγος
 τάδε· "Κελεύει σε Ἀστυάγης τὸ παιδίον
 τοῦτο λαβόντα θεῖναι ἐς τὸ ἐρημότατον τῶν
 ὀρέων, ὅπως ἂν τάχιστα διαφθαρεῖ. Καὶ
 τάδε τοι ἐκέλευσε εἰπεῖν, ἢν μὴ ἀποκτείνης
 αὐτό, ἀλλὰ τεφρὸν τρόπον περιποιήσης,
 ὀλέθρῳ τῷ κακίστῳ σε διαχρήσεσθαι.
 Ἐπορᾶν δὲ ἐκκείμενον τέταγμαί εἰμι ἐγώ."

1.111

Ταῦτα ἀκούσας ὁ βουκόλος καὶ ἀναλαβὼν
 τὸ παιδίον ἦγε τὴν αὐτὴν ὀπίσω ὁδὸν καὶ
 ἀπικνέεται ἐς τὴν ἔπαυλιν. Τῷ δ' ἄρα καὶ
 αὐτῷ ἡ γυνή, ἐπίτεξ ἐοῦσα πᾶσαν ἡμέρην,
 τότε κως κατὰ δαίμονα τίκτει οἰχομένου
 τοῦ βουκόλου ἐς πόλιν. Ἦσαν δὲ ἐν
 φροντίδι ἀμφοτέρω ἀλλήλων πέρι, ὁ μὲν
 τοῦ τόκου τῆς γυναικὸς ἀρρωδέων, ἡ δὲ
 γυνὴ ὅτι οὐκ ἐωθῶς ὁ Ἄρπαγος
 μεταπέμψαιτο αὐτῆς τὸν ἄνδρα. Ἐπεῖτε δὲ
 ἀπονοστήσας ἐπέστη, οἷα ἐξ ἀέλπτου
 ἰδοῦσα ἡ γυνὴ εἶρετο προτέρη ὅτι μιν οὔτω

companheira dele era serva também, o
 nome dessa mulher, esposa dele, era Cino,
 de acordo com a língua helênica. Na
 língua dos medos, Espaco, pois os medos
 chamam a cadela de espaca. Os sopés
 dessa montanha, onde estavam os pastos
 de bois em que o pastor trabalhava, ficam
 ao norte dos ecbatanos e na direção do
 ponto Euxino. Nesse lugar, o território
 medo, próximo aos Sasiros, é
 extremamente montanhoso e alto, com
 floresta densa, a outra parte do território
 medo é toda plana. Então, quando o pastor
 atendeu ao chamado, muito rapidamente,
 e chegou, Hárpagos disse: "Astíages
 ordena-te que pegues essa criança e a
 coloque no lugar mais ermo da montanha,
 de modo que ela venha a morrer
 rapidamente. Além disso, ele mandou
 avisar-te que caso não a mates, mas
 arranjes uma maneira de salvá-la, és tu que
 serás destruído da pior maneira. Eu
 mesmo fui ordenado a verificar se a
 criança foi exposta".

1.111

Depois de ouvir isso, o pastor pegou a
 criança e retornou com ela pelo caminho
 que dava acesso a sua casa. Acontece que
 também sua mulher estava esperando dar
 à luz a qualquer momento. Então, por
 vontade divina, ela entrou em trabalho de
 parto enquanto o pastor tinha ido para a

προθύμως Ἄρπαγος μετεπέμψατο. Ὁ δὲ εἶπε· “ὦ γύναι, εἶδόν τε ἐς πόλιν ἐλθὼν καὶ ἤκουσα τὸ μήτε ἰδεῖν ὄφελον μήτε κοτὲ γενέσθαι ἐς δεσπότας τοὺς ἡμετέρους. Οἶκος μὲν πᾶς Ἀρπάγου κλαυθμῶ κατείχετο· ἐγὼ δὲ ἐκπλαγεὶς ἦια ἔσω. Ὡς δὲ τάχιστα ἐσῆλθον, ὀρέω παιδίον προκείμενον ἀσπαῖρόν τε καὶ κραγγανόμενον, κεκοσμημένον χρυσῶ τε καὶ ἐσθῆτι ποικίλῃ. Ἄρπαγος δὲ ὡς εἶδε με ἐκέλευε τὴν ταχίστην ἀναλαβόντα τὸ παιδίον οἶχεσθαι φέροντα καὶ θεῖναι ἔνθα θηριωδέστατον εἶη τῶν ὀρέων, φὰς Ἀστυάγεα εἶναι τὸν ταῦτα ἐπιθέμενόν μοι, πόλλ' ἀπειλήσας εἰ μὴ σφεα ποιήσαιμι. Καὶ ἐγὼ ἀναλαβὼν ἔφερον, δοκέων τῶν τιнос οἰκετέων εἶναι· οὐ γὰρ ἂν κοτὲ κατέδοξα ἔνθεν γε ἦν. Ἐθάμβεον δὲ ὀρέων χρυσῶ τε καὶ εἵμασι κεκοσμημένον, πρὸς δὲ καὶ κλαυθμὸν κατεστεῶτα ἐμφανέα ἐν Ἀρπάγου. Καὶ πρόκατε δὴ κατ' ὁδὸν πυνθάνομαι τὸν πάντα λόγον θεράποντος ὃς ἐμὲ προπέμπων ἔξω πόλιος ἐνεχείρισε τὸ βρέφος, ὡς ἄρα Μανδάνης τε εἶη παῖς τῆς Ἀστυάγεος θυγατρὸς καὶ Καμβύσεω τοῦ Κύρου, καὶ μιν Ἀστυάγης ἐντέλλεται ἀποκτεῖναι. Νῦν τε ὅδε ἐστί.”

1.112

Ἄμα τε ταῦτα ἔλεγε ὁ βουκόλος καὶ ἐκκαλύψας ἀπεδείκνυε. Ἡ δὲ ὡς εἶδε τὸ παιδίον μέγα τε καὶ εὐειδὲς ἐόν, δακρύσασα καὶ λαβομένη τῶν γουνάτων

cidade. Ambos estavam preocupados um com o outro, ele temeroso pelo parto da mulher e a mulher porque não era comum que Hárpagos mandasse chamar seu marido. Então, quando ele retornou a casa, a mulher, que já não tinha nenhuma expectativa de vê-lo, perguntou primeiramente o motivo pelo qual Hárpagos tinha mandado chamá-lo com urgência. Ele disse: “Mulher, enquanto eu estava na cidade, eu vi e ouvi aquilo que nunca deveria ouvir, nem nunca deveria ter acontecido ao nosso rei. Toda a casa de Hárpagos estava cheia de pranto, eu mesmo fiquei perplexo ao entrar. Assim que entrei, vi uma criança exposta, lutando e gritando, arrumada com roupa dourada e multicolorida. Hárpagos, logo que me viu, ordenou que eu pegasse a criança rapidamente, partisse levando-a e colocasse-a no local da montanha que fosse infestado por feras selvagens, e que era o próprio Astíages a me ordenar isso. E me ameaçou gravemente caso eu não o fizesse. Eu peguei a criança e trouxe-a, pensando de qual dos familiares ela seria, pois nem imaginei que poderia ser daquele lugar. Fiquei espantado quando vi seus adornos de ouro e suas vestes arrumadas, além de um choro desconsolado que aparecia na casa de Hárpagos. No caminho, imediatamente, eu soube de toda a história, através de um servo que me

τοῦ ἀνδρὸς ἐχρήριζε μηδεμιῇ τέχνῃ ἐκθεῖναι μιν. Ὁ δὲ οὐκ ἔφη οἷός τε εἶναι ἄλλως αὐτὰ ποιέειν· ἐπιφοιτήσῃν γὰρ κατασκόπους ἐξ Ἀρπάγου ἐποψομένους, ἀπολέεσθαί τε κάκιστα ἢν μή σφεα ποιήσῃ. Ὡς δὲ οὐκ ἔπειθε ἄρα τὸν ἄνδρα, δεύτερα λέγει ἡ γυνὴ τάδε: “Ἐπεὶ τοίνυν οὐ δύναμαί σε πείθειν μὴ ἐκθεῖναι, σὺ δὲ ὧδε ποιήσον· εἰ δὴ πᾶσά [γε] ἀνάγκη ὀφθῆναι ἐκκείμενον, τέτοκα γὰρ καὶ ἐγώ, τέτοκα δὲ τεθνεός, τοῦτο μὲν φέρων πρόθεσ, τὸν δὲ τῆς Ἀστυάγεος θυγατρὸς παῖδα ὡς ἐξ ἡμέων ἐόντα τρέφωμεν. Καὶ οὕτω οὕτε σὺ ἀλώσει ἀδικέων τοὺς δεσπότας, οὕτε ἡμῖν κακῶς βεβουλευμένα ἔσται· ὅ τε γὰρ τεθνεὼς βασιληῆς ταφῆς κυρήσει καὶ ὁ περιεὼν οὐκ ἀπολείει τὴν ψυχὴν.”

1.113

Κάρτα τε ἔδοξε τῷ βουκόλῳ πρὸς τὰ παρεόντα εὖ λέγειν ἡ γυνή, καὶ αὐτίκα ἐποίηε ταῦτα· τὸν μὲν ἔφερε θανατώσων παῖδα, οὗτον μὲν παραδιδού τῇ ἐωυτοῦ γυναικί, τὸν δὲ ἐωυτοῦ ἐόντα νεκρὸν λαβὼν ἔθηκε ἐς τὸ ἄγγος ἐν τῷ ἔφερε τὸν ἕτερον· κοσμήσας δὲ τῷ κόσμῳ παντὶ τοῦ ἑτέρου παιδός, φέρων ἐς τὸ ἐρημότατον τῶν ὀρέων τιθεῖ. Ὡς δὲ τρίτῃ ἡμέρῃ τῷ παιδίῳ ἐκκειμένῳ ἐγένετο, ἦε ἐς πόλιν ὁ βουκόλος, τῶν τινα προβοσκῶν φύλακον αὐτοῦ καταλιπὼν, ἐλθὼν δὲ ἐς τοῦ Ἀρπάγου ἀποδεικνύει ἔφη ἔτοιμος εἶναι τοῦ παιδίου τὸν νέκυν. Πέμψας δὲ ὁ

acompanhou para fora da cidade e me entregou o recém-nascido, a criança era filho de Mandane, filha de Astíages e Cambises, o filho de Ciro. Astíages ordenou matá-lo. Agora, aqui está ele”.

1.112

Ao mesmo tempo em que dizia isso, o pastor descobriu a criança e mostrou-a. Ela, assim que viu a criança, grande e graciosa, começou a chorar, segurou nos joelhos do marido e pediu que de nenhuma maneira a abandonasse. Mas ele dizia que não poderia fazer outra coisa, pois os espiões de Hárpagos viriam verificar e caso ele não fizesse isso, iria morrer da pior maneira possível. Como ela não pôde convencer o marido, a mulher então propôs uma segunda alternativa: “Uma vez que desse modo não sou capaz de convencer-te a não abandonar a criança, fazes então dessa maneira: se é de todo modo forçoso ver uma criança exposta, pois eu também dei à luz a uma, mas já nasceu sem vida, leva essa para ser abandonada e a criança da filha de Astíages, nós cuidamos como se fosse nossa. Assim, tu não serás pego cometendo um crime contra o rei, nem nós teremos feito um plano maldoso. Portanto, a criança morta terá um enterro de rei e o sobrevivente não terá a vida destruída”.

<p>Ἄρπαγος τῶν ἐαυτοῦ δορυφόρων τοὺς πιστοτάτους εἶδε τε διὰ τούτων καὶ ἔθαψε τοῦ βουκόλου τὸ παιδίον. Καὶ τὸ μὲν ἐτέθαπτο, τὸν δὲ ὕστερον τούτων Κῦρον ὀνομασθέντα παραλαβοῦσα ἔτρεφε ἡ γυνὴ τοῦ βουκόλου, οὐνομα ἄλλο κού τι καὶ οὐ Κῦρον θεμένη.</p>	<p>1. 113</p> <p>O pastor considerou que a mulher argumentava extremamente bem sobre a situação, e imediatamente fez o que ela propôs. Pegou a criança que iria matar e entregou-a para sua mulher e, recebendo o seu, que havia nascido morto, colocou-o no cesto, onde trouxe a outra, arrumando-a com todos os adornos do outro bebê. Levou-a em seguida para o lugar mais ermo da montanha e abandonou-a. Então, três dias depois de ter abandonado a criança, o boiadeiro voltou à cidade, tendo deixado um dos seus ajudantes de guarda, retornou até Hárpago e disse que estava pronto para mostrar a criança já morta. Hárpago enviou dentre seu guardas, aqueles em quem tinha mais confiança, para saber por meio deles. Assim, mandou enterrar o filhinho do pastor. Ele foi enterrado e o outro menino, que mais tarde foi chamado de Ciro, foi criado pela mulher do boiadeiro, depois que ela o pegou, mas recebeu outro nome, que não era Ciro.</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

3.1.3 Semíramis e Nítocris: o feminino na conquista da Babilônia

As rainhas da Babilônia citadas por Heródoto serão analisadas em conjunto, já que dentre os reis da Babilônia, Heródoto escolhe dar destaque às notáveis obras de engenharia dessas duas rainhas para a defesa da cidade. Amaral (1994) faz as seguintes considerações a respeito da atuação delas:

No limiar da realeza de Babilônia figuram duas personagens femininas, dispostas singularmente no percurso narrativo: Semíramis e Nítocris (I. 184-187). Heródoto destaca-as como ponto fundamental e marcante no planeamento da acção militar de Ciro nesta campanha. Embora o soberano persa não tenha travado um combate directo com nenhuma, mas apenas com o filho de Nítocris, Labineto (I. 188-191), a verdade é que parece que elas pressentiram e perceberam a aproximação de um inimigo tão poderoso como o perigo medo-persa. Por este facto, 'armaram' estrategicamente a cidade para um conquistador eminente, e combateram-no de forma indirecta através de obras gigantescas que contribuíram para a defesa e engrandecimento da cidade. Foram estas construções que as fizeram notabilizar-se e sobressair entre a realeza babilónia, facto acentuado pela sua feminidade: o âmago das suas vidas tornou-as nas únicas capazes de preparar um palco de actuação futura ao nível de uma figura tão importante como o conquistador da Lídia. (AMARAL, 1994, p. 21).

Sobre a primeira delas, Semíramis, cujo reinado ocorreu cinco gerações antes da segunda, alguns estudiosos consideram que Heródoto deixa de lado as histórias que a tratam como uma personagem mítica, já que o nome dela aparece referido nas inscrições com frequência, além dela ser distinguida pela guerra e pela sensualidade. A partir disso, pode-se inferir que o foco do historiador está voltado para a condição de soberania dessa personagem e para aquilo que ela fez dentro do âmbito político para a proteção de seu povo. De acordo com Kuhrt (2002) havia uma grande interação entre o mundo grego e babilónico e era comum a existência de todo tipo de histórias e materiais sobre a Babilônia, que circulavam, de acordo com a autora, por diversos meios:

A existência deles não deveria nos surpreender: pessoas do oeste da Turquia trabalhavam no palácio da Babilônia no século VI; soldados do mar Egeu lutaram pelos reis neobabilónicos e foram recompensados; muitas pessoas das margens do noroeste do império aquemênida trabalhavam com a família real persa que possuía extensões de terra na Babilônia; há muitos casos relatados de embaixadas gregas visitando o tribunal de Susa, viajando ao longo de uma estrada que tocava o norte da Babilônia. (KUHRT, 2002, p. 481).

Kuhrt (2002) destaca ainda que existe um problema para determinar diversos aspectos sobre a Babilônia, pois nenhum texto encontrado relata a história da Babilônia em forma narrativa ou discute o quadro social e político. Para a autora, as duas imagens que existem sobre a Babilônia - herodoteana e a feita até o momento pela pesquisa arqueológica - não podem ser facilmente harmonizadas, e as tentativas de fazê-lo permanecem metodologicamente questionáveis. “Um tributo à habilidade de Heródoto como escritor é que, apesar do enorme volume de material local atualmente disponível, seu esboço do país e de seus habitantes continua a desempenhar um papel importante nas ideias contemporâneas sobre a Babilônia”. (KUHRT, 2002, p. 496).

Estas afirmações demonstram então que Heródoto preferiu destacar um aspecto a outro sobre a Babilônia. O historiador, ao que parece, não se deterá nos relatos que circulavam sobre as rainhas Semíramis e Nítocris, pois para ele, o importante, no caso dessas duas rainhas, está relacionado à posição de poder que elas ocupam e aos desdobramentos estratégicos-políticos que implicarão na tomada da cidade por Ciro. Desse modo, pode-se considerar que o *logos* da Babilônia trata-se, sobretudo, de um embate entre poderes políticos monárquicos: de um lado representado pelo imperador persa, que vinha anexando territórios e submetendo povos; do outro, o poder é traduzido em obras de resistência e defesa de um provável avanço inimigo e queda da cidade. Ciro age para aumentar seu poder, já as rainhas babilônicas atuam para a manutenção do poder, conservando os costumes daquela cultura.

Diferente das duas personagens anteriores, a Esposa de Candaules e Espaço, a dupla de rainhas da Babilônia age com total liberdade dentro da esfera pública e suas ações estratégicas se chocam com a campanha do grande conquistador da Ásia, Ciro. Essa é a primeira vez no Livro I em que os poderes políticos representados por mulheres e por homens estão operando de forma equiparada, de soberano para soberano, em um mesmo nível de ações no campo público.

A condição de soberania está marcada desde o início do relato sobre Semíramis e Nítocris (1.184; 1.185). Elas estão colocadas entre os reis (βασιλέες: 1.184.1) da Babilônia, que embora sejam muitos, Heródoto não se ocupará de contar sobre o reinado deles nesse momento, assegurando que se dedicará a esse assunto mais tarde, no livro sobre os assírios (o qual não foi concluído). Nítocris também é descrita primeiro por sua posição de rainha (βασίλεια: 1.185.1).

A posição de poder de cada uma delas parece ter aguçado a curiosidade do historiador e tal interesse se explica possivelmente pelas intenções narrativas de Heródoto, que desde o início do Livro I está destacando o movimento do poder político daquelas sociedades por

meio de diversos elementos socioculturais inseridos, aparentemente, sem conexões muito objetivas. Ferreira e Silva (2014) consideram que Heródoto adota uma atitude seletiva, pois não está em seus objetivos, mais uma vez, relatar de uma forma exaustiva as campanhas militares de Ciro, que somava uma vitória sobre a outra. Essa seletividade faz parecer que o interesse de Heródoto é desenvolver apenas aqueles momentos da carreira militar do rei particularmente expressivos para obtenção de um efeito final, de acordo com as grandes linhas subjacentes ao relato histórico.

O fato de Semíramis e Nítocris terem recebido do historiador maior atenção do que os outros reis desperta o interesse do ouvinte, leitor e estudioso de Heródoto. Moraes, por exemplo, discute sobre a atenção com as obras feitas pela rainha Nítocris e o *thoma* (maravilhoso), proposto no início do Livro I:

Em várias passagens, *thôma* não possui características alguma de maravilhoso, e Heródoto simplesmente manifesta um sentimento de surpresa em relação ao que vê. Ao referir-se à rainha Nítocris do Egito, e às suas realizações, escreve '[...] É portanto àquela rainha que se deve esta obra; em cada uma das margens do rio ergueu um dique digno de admiração (*thómatos*) pela espessura e altura que tem.(1.185)' Em passagens como essa, Heródoto manifesta seus sentimentos diante de algo que considera digno de ser visto e admirado, como um viajante que se envolve com suas histórias. (MORAIS, 2004, p. 33).

O interessante é que a admiração é atribuída justamente às obras que essas rainhas realizaram a partir da manipulação do curso do rio, os diques construídos na planície por Semíramis provavelmente têm a função de regularização do curso do rio e irrigação, pois antes a planície ficava completamente alagada. A rainha seguinte citada por Heródoto também é lembrada pela complexidade das ações realizadas no rio, Nítocris, a qual agiu pautada pelo avanço dos medos e com intuito de resguardar seu reino da invasão, mudou o rumo do Eufrates, tornando-o sinuoso para que passasse por três vezes diferentes em uma mesma aldeia, também interferiu para que ele ficasse mais lento com a construção de uma barragem, tudo isso, de acordo com Heródoto, foi feito na divisa do território com os medos para que eles não tivessem contato com os assuntos políticos dela.

Além das obras que visavam afastar o inimigo, ela também manipulou o curso da água para facilitar as atividades na cidade, que era cortada no meio pelo rio. Nítocris escavou fossos para desviar o curso e deste modo conseguiu construir uma ponte e ladrilhar sua margem, em seguida, com as obras acabadas, ela voltou o curso do rio para seu local de origem.

Essas impressionantes realizações além de servirem para demonstrar a inteligência e a capacidade estratégica das respectivas rainhas guardam também uma particularidade surpreendente na queda da Babilônia, pois é precisamente por estes meios que Ciro conseguirá invadir o território das rainhas, o qual era governado pelo filho de Nítocris, Labineto, no tempo de Ciro.

O imperador persa, em movimento de ascensão de poder, também age manipulando rios. Primeiro o Ginges (1.189), pois em sua cólera por um dos cavalos sagrados ter morrido na travessia, Ciro promete enfraquecer a correnteza fazendo com que até uma mulher possa atravessá-lo sem sequer molhar os joelhos, foi então que o dividiu em 360 canais, e só depois de concluído esse feito partiu para tomar a Babilônia. Segundo, chegando à Babilônia e encontrando dificuldades em invadir a cidade “[...] ou porque alguém o aconselhou em sua dificuldade, ou porque ele próprio tenha percebido o que deveria ser feito [...]” (1.191.1), Ciro repetiu exatamente a mesma estratégia que a rainha tinha feito em relação ao rio e ao lago e desta maneira consegue invadir a Babilônia e pegar de surpresa o povo, que estava em festa.

O quadro que se forma em relação aos poderes atuantes nesse relato é o de paridade. Semíramis e Nítocris são rainhas monárquicas, conforme o vocábulo usado para denominá-las (βασιλεια), Ciro ocupa a mesma posição de poder relacionado ao povo persa, de rei. As estratégias usadas tanto por um monarca quanto por outro são semelhantes: mudar o curso do rio, a princípio usado como defesa, em seguida, para que Ciro consiga adentrar a cidade e tomá-la. Portanto, pode-se observar como a dinâmica de poder permeia a vida desses três monarcas, balanceando as relações de governança política ora dos babilônios, ora dos persas, uma vez que as posições políticas dessas figuras e as estratégias usadas para expandir ou para manter o poder são as mesmas.

Outro aspecto importante sobre o *logos* da Babilônia e que também se liga à noção de poder político aqui explorado é a detalhada descrição que Heródoto dedica às maravilhosas obras da Babilônia. Na passagem 1.177.1, o autor justifica sua escolha, optando pelas obras que ofereceram maior resistência e que são as mais dignas de serem descritas.

O autor segue com a descrição sobre a impressionante muralha que circunda a cidade, feita de tijolos cozidos e alcatrão, com 100 portões em todo seu perímetro, portões de bronze; uma segunda muralha do lado interno, não inferior à muralha externa em robustez, apenas mais estreita; o palácio real cercado de um muro grande e sólido; o templo de Zeus com portas de bronze; a sucessão de oito torres, uma sobre a outra que estão dentro do templo de

Zeus; uma rampa construída no exterior, que rodeia as oito torres; um grande templo localizado no topo da última torre.

Há ainda no santuário da Babilônia, de acordo com Heródoto, outro templo no piso inferior, onde está uma estátua monumental de Zeus sentado, feita em ouro e ao lado da estátua uma mesa grande feita também com ouro, além do pedestal e do trono, que foram confeccionados do mesmo material. A última obra descrita é uma estátua de 12 polegadas em ouro maciço, a qual Heródoto afirma não ter visto pessoalmente.

A exposição dessas construções ocupa desde os parágrafos 177 até o 183 do Livro I e vão ao encontro do argumento inicial das *Histórias*: “[...] não deixar cair no esquecimento as grandes obras”. A atenção desses parágrafos volta-se também para os seus autores, os reis e o povo da Babilônia, evidenciando, através de suas realizações, as capacidades impressionantes que eles possuem em questão de defesa militar e arquitetura. É esse povo, culturalmente e estrategicamente extraordinário, que Ciro resolve conquistar.

Parece existir uma equivalência em relação à trajetória narrativa de Ciro e das rainhas babilônicas, reforçada pela grandiosidade e eficácia dos dois povos. Ao chegar para a conquista da Babilônia, o monarca persa está em momento de ascensão do seu percurso. Heródoto, ao longo dos parágrafos sobre Ciro, preparou o ouvinte/leitor para identificar uma figura real de grande poder. De forma semelhante, quando Heródoto fala sobre as realizações de Semíramis e Nítocris, elas são antecedidas pelas grandes realizações de seus respectivos governos e representam um povo com grandes realizações em seu repertório. Não por acaso, o narrador das *Histórias* insere o conflito de poder entre essas culturas apenas depois de apresentar, por meio de suas realizações, o quanto esses inimigos são poderosos.

Por fim, é importante notar que a perda de poder de Ciro é preparada pelas duas rainhas da Babilônia, pois, embora elas não tenham combatido o monarca pessoalmente, organizam a cidade para evitar o ataque inimigo, demonstrando excelentes habilidades estratégicas. Inclusive, é apenas por meio desse engenho que Ciro encontrará uma maneira de invadir a Babilônia, que já não era governada por nenhuma das duas rainhas, mas pelo filho de uma delas, Labineto, que parece não ter as mesmas habilidades da mãe Nítocris para antever e preparar a cidade da ameaça inimiga e possivelmente por isso será dominado pelos persas.

As ações que envolvem as duas rainhas da Babilônia citadas por Heródoto estão nas traduções que se seguem:

Quadro 3 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.184 e 1.185-187:

Semíramis (1.184)	Tradução
<p>1.184</p> <p>Τῆς δὲ Βαβυλῶνος ταύτης πολλοὶ μὲν κού καὶ ἄλλοι ἐγένοντο βασιλέες, τῶν ἐν τοῖσι Ἀσσυρίοισι λόγοισι μνήμην ποιήσομαι, οἳ τὰ τεῖχεά τε ἐπεκόσμησαν καὶ τὰ ἱρά, ἐν δὲ δὴ καὶ γυναῖκες δύο. Ἡ μὲν πρότερον ἄρξασα, τῆς ὕστερον γενεῆσι πέντε πρότερον γενομένη, τῇ οὖνομα ἦν Σεμίραμις, αὕτη μὲν ἀπεδέξατο χῶματα ἀνὰ τὸ πεδῖον ἐόντα ἀξιοθέητα· πρότερον δὲ ἐώθεε ὁ ποταμὸς ἀνὰ τὸ πεδῖον πᾶν πελαγίζειν.</p>	<p>1.184</p> <p>Dos muitos outros que se tornaram reis dessa Babilônia, depois falarei, quando vier a mencionar sobre os assírios, reis que adornaram as muralhas e os templos. Entre eles houve duas mulheres. A primeira tornou-se rainha cinco gerações antes da segunda, seu nome era Semíramis, e ela foi a responsável por construir nas planícies diques dignos de serem vistos. Antes disso, toda a planície era inundada pelo rio.</p>

Nítocris (1.185-187)	Tradução
<p>1.185</p> <p>Ἡ δὲ δὴ δεύτερον γενομένη ταύτης βασιλεία, τῇ οὖνομα ἦν Νίτωκρις, αὕτη δὲ συνετωτέρη γενομένη τῆς πρότερον ἀρξάσης τοῦτο μὲν μνημόσυνα ἐλίπετο τὰ ἐγὼ ἀπηγήσομαι, τοῦτο δὲ τὴν Μήδων ὀρῶσα ἀρχὴν μεγάλην τε καὶ οὐκ ἀτρεμίζουσαν, ἄλλα τε ἀραιοημένα ἄστεα αὐτοῖσι, ἐν δὲ δὴ καὶ τὴν Νίνον, προεφυλάξατο ὅσα ἐδύνατο μάλιστα. Πρῶτα μὲν τὸν Εὐφρῆτην ποταμὸν ἐόντα πρότερον ἰθύν, ὅς σφι διὰ τῆς πόλιος μέσης ῥέει, τοῦτον ἄνωθεν</p>	<p>1.185</p> <p>A segunda rainha depois dessa se chamava Nítocris, ela era mais sábia do que foi a governante anterior, pois construiu monumentos que eu relatarei na íntegra. Depois de perceber o grande poderio dos medos e também como estavam inquietos, visto que já tinham dominado cidades para si, entre elas também a de Nínive, resguardou-se o máximo possível. Primeiro, alterou o rio Eufrates, que antes era reto e corria pelo meio da cidade. Na parte de cima escavou canais desse</p>

διώρυχας ὀρύξασα οὕτω δὴ τι ἐποίησε σκολιὸν ὥστε δὴ τρεῖς ἐς τῶν τινα κωμῶν τῶν ἐν τῇ Ἀσσυρίῃ ἀπικνέεται ῥέων· τῇ δὲ κώμῃ οὐνομά ἐστι ἐς τὴν ἀπικνέεται ὁ Εὐφρήτης Ἀρδέρικκα· καὶ νῦν οἱ ἄν κομίζονται ἀπὸ τῆσδε τῆς θαλάσσης ἐς Βαβυλῶνα, καταπλέοντες ἐς τὸν Εὐφρήτην ποταμὸν τρεῖς τε ἐς τὴν αὐτὴν ταύτην κώμην παραγίνονται καὶ ἐν τρισὶ ἡμέρησι. Τοῦτο μὲν δὴ τοιοῦτον ἐποίησε, χῶμα δὲ παρέχουσα παρ' ἐκάτερον τοῦ ποταμοῦ τὸ χεῖλος ἄξιον θώματος, μέγαθος καὶ ὕψος ὅσον τι ἐστί. Κατύπερθε δὲ πολλῶ Βαβυλῶνος ὄρυσε ἑλντρον λίμνη, ὀλίγον τι παρατείνουσα ἀπὸ τοῦ ποταμοῦ, βάθος μὲν ἐς τὸ ὕδωρ αἰεὶ ὀρύσσουσα, εὖρος δὲ τὸ περίμετρον αὐτοῦ ποιεῦσα εἴκοσι τε καὶ τετρακοσίων σταδίων· τὸν δὲ ὀρυσσόμενον χοῦν ἐκ τούτου τοῦ ὀρύγματος ἀναισίμου παρὰ τὰ χεῖλα τοῦ ποταμοῦ παραχέουσα. Ἐπεῖτε δὲ οἱ ὀρώρυκτο, λίθους ἀγαγομένη κρηπίδα κύκλῳ περὶ αὐτὴν ἤλασε. Ἐποίηε δὲ ἀμφοτέρα ταῦτα, τὸν τε ποταμὸν σκολιὸν καὶ τὸ ὄρυγμα πᾶν ἕλος, ὡς ὃ τε ποταμὸς βραδύτερος εἶη περὶ καμπὰς ἀγνύμενος, καὶ οἱ πλόοι ἕωσι σκολιοὶ ἐς τὴν Βαβυλῶνα, ἕκ τε τῶν πλόων ἐκδέχεται περίοδος τῆς λίμνης μακρὴ. Κατὰ τοῦτο δὲ ἐργάζετο τῆς χώρας τῇ αἰεὶ ἐσβολαὶ ἦσαν καὶ τὰ σύντομα τῆς ἐκ Μήδων ὁδοῦ, ἵνα μὴ ἐπιμισγόμενοι οἱ Μῆδοι ἐκμανθάνοιεν αὐτῆς τὰ πρήγματα.

caminho e o tornou sinuoso, de modo que ele chegasse com seu fluxo por três vezes em uma aldeia da Assíria. O nome dessa aldeia aonde o Eufrates chegava é Adérica. Até hoje, aqueles que viajam partindo da Babilônia, navegando pelo rio Eufrates, deparam-se por três vezes com a mesma aldeia em três dias diferentes. Ela fez isso de tal modo que, depositando um monte de terra em cada lado do rio, construiu uma barragem digna de admiração pela magnitude e comprimento que possui. Muito acima da Babilônia, ela escavou um reservatório, como um lago, que fica um pouco afastado do rio. Foi cavando sempre fundo para encontrar água, formando uma circunferência de quatrocentos e vinte estádios. A terra retirada dessa escavação foi usada para depositar ao lado do rio. Depois de fazer a escavação, trouxe pedras e formou uma fundação circular em volta. Ambas as obras, tanto tornar o rio tortuoso, quanto a escavação do pântano, fazia com que o rio fosse mais lento e com sinuosidades, assim as navegações para a Babilônia eram cheias de curvas, e depois das navegações o contorno do lago era mais extenso. Trabalhou dessa maneira naquela parte do território onde faz divisa com o território dos medos, a fim de que os povos medos não tivessem contato, nem soubessem dos assuntos políticos dela.

<p>1.186</p> <p>Ταῦτα μὲν δὴ ἐκ βάθεος περιεβάλετο, τοιήνδε δὲ ἐξ αὐτῶν παρενθήκην ἐποίησατο. Τῆς πόλιος ἐούσης δύο φαρσέων, τοῦ δὲ ποταμοῦ μέσον ἔχοντος, ἐπὶ τῶν πρότερον βασιλέων, ὅπως τις ἐθέλοι ἐκ τοῦ ἐτέρου φάρσεος ἐς τοῦτερον διαβῆναι, χρῆν πλοίῳ διαβαίνειν, καὶ ἦν, ὡς ἐγὼδοκέω, ὀχληρὸν τοῦτο. Αὕτη δὲ καὶ τοῦτο προεῖδε. Ἐπεῖτε γὰρ ὄρυσσε τὸ ἔλυτρον τῆς λίμνης, μνημόσυνον τότε ἄλλο ἀπὸ τοῦ αὐτοῦ ἔργου ἐλίπετο. Ἐτάμνετο λίθους περιμήκεας, ὡς δὲ οἱ ἦσαν οἱ λίθοι ἔτοιμοι καὶ τὸ χωρίον ὀρώρυκτο, ἐκτρέψασα τοῦ ποταμοῦ τὸ ῥέεθρον πᾶν ἐς τὸ ὄρυσσε χωρίον, ἐν ᾧ ἐπίμπλατο τοῦτο, ἐν τούτῳ ἀπεξηρασμένου τοῦ ἀρχαίου ῥέεθρου τοῦτο μὲν τὰ χεῖλα τοῦ ποταμοῦ κατὰ τὴν πόλιν καὶ τὰς καταβάσεις τὰς ἐκ τῶν πυλίδων ἐς τὸν ποταμὸν φερούσας ἀνοικοδόμησε πλίνθοισι ὀπτῆσι κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον τῶν τεειχῶν, τοῦτο δὲ κατὰ μέσην κου μάλιστα τὴν πόλιν τοῖσι λίθοισι τοὺς ὠρύξατο οἰκοδόμειε γέφυραν, δέουσα τοὺς λίθους σιδήρῳ τε καὶ μολύβδῳ. Ἐπιτείνεσκε δὲ ἐπ' αὐτήν, ὅπως μὲν ἡμέρη γένοιτο, ξύλα τετράγωνα, ἐπ' ὧν τὴν διάβασιν ἐποιεῦντο οἱ Βαβυλώνιοι· τὰς δὲ νύκτας τὰ ξύλα ταῦτα ἀπαείρεσκον τοῦδε εἵνεκα, ἵνα μὴ ἰαφοιτῶντες τὰς νύκτας κλέπτοιεν παρ' ἀλλήλων. Ὡς δὲ τό τε ὀρυχθὲν λίμνη πλήρης ἐγεγόνεε ὑπὸ τοῦ ποταμοῦ καὶ τὰ περὶ τὴν γέφυραν</p>	<p>1.186</p> <p>A profundidade [do rio] ela usou em sua defesa, e a esse trabalho acrescentou o seguinte: a cidade era dividida em duas, com o rio no meio, na época dos reis anteriores, quando alguém queria atravessar para o outro lado era preciso fazê-lo de barco, o que era, como imagino, inoportuno e a rainha também percebeu isso. Pois ela fez outro monumento, além desse, a partir das pedras que havia escavado do reservatório de água. Cortou em duas partes as pedras grandes, e quando elas estavam prontas e o local foi cavado, ela desviou para esse lugar todo o curso do rio. Enquanto ele se preenchia e o antigo fluxo tornava-se seco, ela mandou ladrilhar a margem do rio na cidade e construiu as rampas de descida pelos portõezinhos para o rio construído com tijolos visíveis, como os que estão nas paredes. Mais ainda, no meio da cidade, construiu uma ponte com essas pedras, unindo-as com ferro e chumbo. Esticavam-se sobre elas, durante o dia, peças de madeira quadradas, por onde os babilônios podiam atravessar. Durante a noite, as peças de madeiras eram recolhidas, para que não vagueassem à noite e assaltassem uns aos outros. Quando então a área escavada se tornou cheia de água vinda do rio e a ponte foi concluída, reconduziu o rio Eufrates para</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

ἐκεκόσμητο, τὸν Εὐφρήτην ποταμὸν ἐς τὰ ἄρχαῖα ῥέεθρα ἐκ τῆς λίμνης ἐξήγαγε. Καὶ οὕτω τὸ ὄρυχθὲν ἔλος γενόμενον ἐς δέον ἐδόκεε γεγονέναι καὶ τοῖσι πολίτησι γέφυρα ἦν κατεσκευασμένη.

1.187

Ἡ δ' αὐτὴ αὕτη βασιλεία καὶ ἀπάτην τοιήνδε τινὰ ἐμηχανήσατο. Ὑπὲρ τῶν μάλιστα λεωφόρων πυλέων τοῦ ἄστεος τάφον ἐσωτῆ κατεσκευάσατο μετέωρον ἐπιτολῆς αὐτέων τῶν πυλέων, ἐνεκόλαψε δὲ ἐς τὸν τάφον γράμματα λέγοντα τάδε: “Τῶν τις ἐμέο ὕστερον γινομένων Βαβυλῶνος βασιλέων ἦν σπανίση χρημάτων, ἀνοίξας τὸν τάφον λαβέτω ὁκόσα βούλεται χρήματα: μὴ μέντοι γε μὴ σπανίσας γε ἄλλως ἀνοίξη: οὐ γὰρ ἄμεινον.” Οὗτος ὁ τάφος ἦν ἀκίνητος μέχρι οὗ ἐς Δαρεῖον περιῆλθε ἡ βασιλίη. Δαρεῖω δὲ καὶ δεινὸν ἐδόκεε εἶναι τῆσι πύλῃσι ταύτησι μηδὲν χρᾶσθαι καὶ χρημάτων κειμένων καὶ αὐτῶν τῶν γραμμάτων ἐπικαλομένων, μὴ οὐ λαβεῖν αὐτά: τῆσι δὲ πύλῃσι ταύτησι οὐδὲν ἐχρᾶτο τοῦδε εἵνεκα, ὅτι ὑπὲρ κεφαλῆς οἱ ἐγίνετο ὁ νεκρὸς διεξελαύνοντι. Ἀνοίξας δὲ τὸν τάφον εὔρε χρήματα μὲν οὐ, τὸν δὲ νεκρὸν καὶ γράμματα λέγοντα τάδε: “Εἰ μὴ ἄπληστός τε ἕας χρημάτων καὶ αἰσχροκερδῆς, οὐκ ἂν νεκρῶν θήκας ἄνοιγες.” Αὕτη μὲν νυν ἡ βασιλεία τοιαύτη τις λέγεται γενέσθαι.

seu antigo fluxo, fora do lago. Assim a escavação do fosso serviu a seus propósitos e à população foi fornecida uma ponte.

1.187

Essa mesma rainha arquitetou o seguinte truque: sobre os topos dos portões mais usados da cidade, construiu um túmulo para si, nas faces altas desses portões duplos esculpiu a inscrição que dizia o seguinte: “se algum dos reis babilônios, que vierem depois de mim, passar por escassez de dinheiro, que abra o túmulo e pegue aquilo que julgue necessário: todavia, não abra se não precisar, por outro motivo qualquer, pois não será bom”. Esse túmulo ficou intocado durante muito tempo, até Dario chegar ao trono. Para Dario, era terrível que aqueles portões não fossem usados, ainda mais com o tesouro que estava à mão, mesmo com a inscrição advertindo para não o pegar. Aqueles portões não eram utilizados pelo seguinte motivo: aqueles que atravessassem teriam um cadáver sobre suas cabeças. Depois de abrir o túmulo, não encontrou riquezas, mas o cadáver com a inscrição: “Se não fosse um ganancioso por dinheiro e mesquinho, não violarias os sepulcros dos mortos.” A rainha era dessa maneira, tal como se diz.

3.1.4 Tómiris: o limite do poder de Ciro

Tómiris representa a barreira que Ciro encontra em sua rota de crescimento imperial. Depois de ter conquistado povos magníficos, como a Babilônia citada anteriormente, Ciro segue para mais uma disputa de poder, desta vez em direção ao território dos masságetas. Infelizmente para o imperador persa, esse povo bárbaro, comandado por uma rainha regente, não admite a perda de seu reino e lutará violentamente para manter o poder.

Tómiris e os masságetas se apresentam como elementos antagônicos ao poder de Ciro, representado pelo crescimento do Império Persa. Ela governava o reino após a morte do marido, ou seja, não herdou o poder, mas por força do destino, está na condição de soberana. A expressão escolhida por Heródoto é “τοῦ ἀνδρὸς ἀποθανόντος” (depois da morte do marido).

A atuação da rainha masságeta nesse *logos* é bastante expressiva e intensa, pois representa uma dupla função que se movimenta de forma simultânea. Trata-se de seu desempenho como rainha (γυνὴ τῶν Μασσαγετέων βασιλεία – Hdt.1.205) detentora do poder político sobre os masságetas e a que tem por função defender a liberdade e dignidade do seu povo. Junto à função de regente, está a sua condição de mãe (ἀποδοῦς μοι τὸν παῖδα – Hdt.1.212), que sentindo o desrespeito pela forma da captura do filho por Ciro e logo em seguida pela morte dele, age motivada também pelo desejo de vingança. É sob a ótica dessa dupla motivação que a atuação de Tómiris acontece no confronto contra os persas.

Na condição de rainha, Tómiris pondera suas ações de acordo com o interesse do seu povo, prezando pela liberdade e pela não submissão ao imperador persa. É dela o poder de dirigir a movimentação do embate entre os dois inimigos. Primeiro, recusando o pedido de casamento vindo de Ciro, por ter percebido as verdadeiras intenções dele, que era dominar os masságetas. Segundo, orientando Ciro para que se preparasse para a batalha. É dela também que partem os conselhos para que o rei persa abandone a construção da ponte que visava à travessia do rio e para que ele escolha entre atravessar o rio e atacar os masságetas em seu território ou esperar que o exército dos masságetas empreenda a travessia e batalhe no território de Ciro.

Por último, depois que Ciro havia derrotado um terço (1/3) do exército masságeta e capturado, entre os soldados, o filho de Tómiris por meio de uma armadilha, ela o aconselha a afastar-se do território dos masságetas e, caso não o faça, ela própria irá saciar a sede dele de sangue. Com estas ações a rainha marca sua posição de liderança e protagonismo na narrativa, já que a Ciro cabe o papel de concordar ou não com as propostas de Tómiris para

a realização das duas batalhas que ocorrem entre eles. Ao final do combate, observa-se como a dominação da rainha masságeta ecoava desde o princípio nas ações relacionadas a Ciro, o ato de afogar a cabeça de Ciro em sangue para saciar a sede do rei é a ilustração do poder dessa rainha.

A atuação de Tómiris como mãe conecta-se às ações dela como comandante e, apesar da sua condição de maternidade não estar no plano principal dessa narrativa, ela faz grande diferença por dois motivos. O primeiro deles e mais importante é a compreensão da conduta da rainha nos acontecimentos em questão – lançar-se em violenta batalha contra os persas de Ciro. O segundo, por sua vez, faz com que o público de Heródoto questione aspectos do episódio narrado, como acontece em várias outras passagens da obra.

Tómiris está no poder como rainha regente, ocupando o trono devido à morte do marido, ela tinha um filho em idade de combater e provavelmente também com idade para governar, entretanto não se sabe por qual motivo esse filho não assumiu o poder no lugar da mãe. Um dos fatores que também chama a atenção nessa maternidade está no contraste entre a ação de Tómiris e a de seu filho, Espargapises. A capacidade da rainha em perceber as intenções de Ciro logo no início da investida do persa, recusando a proposta de casamento por saber que se tratava de uma manobra para que Ciro se apoderasse do reino masságeta contrapõe-se à de seu filho, que se deixa enganar tragicamente pela armadilha de Ciro, sendo incapaz de perceber a ardileza das ações do inimigo e, após vencer uma batalha contra soldados mais fracos, embebeda-se com vinho puro deixado propositalmente pelo exército de Ciro.

O artifício usado pelos persas permite que a parte do exército mais forte retorne e vença os masságetas, matando alguns soldados e capturando outros, dentre os capturados o próprio filho de Tómiris, que por não suportar a vergonha, acaba tirando a própria vida. A morte do filho, bem como sua captura traiçoeira pelo exército inimigo, parece intensificar ainda mais a motivação da rainha dos masságetas. É a partir desse acontecimento que Tómiris jura “saciar a sede de Ciro por sangue”. Seu oponente, porém, não se importará com a ameaça e parte para uma das batalhas mais violentas já ocorridas entre os bárbaros, segundo Heródoto. Intencional ou não, existe na narrativa uma associação entre a feminilidade e maternidade da rainha com a violência de suas ações reproduzidas na batalha final contra os persas e no ultraje ao cadáver de Ciro.

A relação entre o poder da rainha e sua condição de mãe é construída por Heródoto de modo que, ao final do episódio, o ultraje ao corpo de Ciro não tenha explicações claras, ou seja, se o ato de Tómiris ocorreu pelo dano que Ciro causou aos masságetas ou se pela

captura desonrosa do filho de Tómiris, assim, não é possível determinar se ela age pela condição de rainha ou pela de mãe. O fato é que se o afogamento da cabeça de Ciro ocorreu por vingança pela morte do filho, tal ação foi possível apenas pela posição de poder de Tómiris, caso ela não fosse detentora de tal poder, provavelmente não poderia ter realizado ato semelhante.

A presença da rainha masságeta, bem como a de outras rainhas na obra de Heródoto, é objeto de estudo de alguns pesquisadores. Amaral (1994), por exemplo, evidencia a personalidade ativa das figuras femininas em Heródoto: “Longe de encontrarmos figuras femininas rodeadas de adornos orientais, sinônimos de futilidade e passividade vital, essas nossas personagens apresentam-se com uma roupagem ativa e guerreira, inerente ao conflito Medo-Persa”. Para a autora: “As situações históricas herodoteanas são precedidas por momentos em que o elemento feminino e masculino se caracteriza contrastivamente, mas em que o masculino face ao feminino denota uma certa debilidade que o levará ao fracasso”. (AMARAL, 1994, p. 18).

A situação de contraste citada pela autora caracteriza a disputa de poder entre Ciro e Tómiris e remete à construção de dramaticidade encontrada em todo o Livro I, Amaral considera que:

Esta construção narrativa assenta na adaptação de determinadas ocasiões às necessidades dramáticas do autor. Deste modo podemos defender a aplicação de ciclos do destino — apresentados por Immerwahr — aos episódios relacionados com personagens reais femininas, pois elas permitem a oscilação vital das figuras reais masculinas com quem se confrontam, confirmando a existência, tal como para o plano geral das *Histórias*, de ciclos de prosperidade e de destruição, que proporcionam o equilíbrio necessário à perfeita coesão e coerência da estrutura narrativa herodoteana. Desta forma, os episódios marcados pela figuração régia feminina ocupam, no grande contexto das *Histórias*, momentos essenciais do devir histórico. (AMARAL, 1994, p. 18-19).

A contraposição entre os dois monarcas apresenta as noções de excesso e equilíbrio, aspecto frequente dos ciclos de prosperidade e destruição já vistos na relação entre Ciro e Creso, nesse momento repetida, porém com Ciro ocupando uma posição oposta à anterior. O papel de moderação monárquica cabe agora à rainha Tómiris, é ela quem agirá guiada pela noção de defesa, tal como Ciro agiu com Creso, atacando-o a fim de evitar uma nova batalha da parte de Creso (Hdt.1.79). A inversão de comportamento o levará para um destino mais cruel do que o do monarca lídio: além da perda do poder na disputa contra os masságetas, Ciro perde a vida. A ambição pelo domínio de outros povos, que provocou Ciro a traçar um

caminho ascendente na escalada de poder político, é o mesmo que o cega e culmina em uma morte desonrosa por meio das ações bélicas comandadas por Tómiris.

Os motivos que levam Ciro a seguir com a série de conquistas são expostos pelo narrador: “[...] primeiro, pelo seu nascimento, do qual considerava ser muito mais do que um mortal, segundo, por causa das vitórias em guerra, pois nenhum dos povos que ele empreendeu ataque poderia ter escapado dele” (Hdt.1.204). Essas razões manifestam os primeiros sinais da *hybris* (excesso) que acomete o monarca. Ele não percebe que carrega consigo a grande prova de que as ações desmedidas e o exagero de autoconfiança podem levar à ruína, pelo contrário, ele escuta com atenção cada um dos conselhos dados por Cresos, cuja má interpretação de oráculos, o excesso de autoconfiança e a ganância por dominar outros territórios levaram-no a perder todo o poder que tinha.

Ao chegar ao final da narrativa do Livro I, deparamo-nos com posições de poder completamente invertidas, agora Ciro está para Tómiris, assim como Cresos esteve para Ciro, em um padrão de poder político que vem se repetindo desde o início do relato. O clima que Heródoto propõe em sua obra, dando ênfase à ação do destino, faz com que a morte e o ultraje do cadáver de Ciro pareçam uma forma de justiça que reequilibra as relações de poder daquela sociedade.

Diferente do ataque feito a Cresos, que representava uma ameaça real a Ciro, a investida contra Tómiris significa apenas uma mostra de poder em prol da política imperialista até então estabelecida. A necessidade é pelo aumento do domínio político, uma ação que se justifica pelo próprio império e suas relações de poder. Tómiris se coloca então como barreira a esse crescimento desmedido, buscando equilibrar a situação: “Ó, rei dos medos, cessa os teus preparativos, pois não sabes se o fim deles é oportuno. Assim, desiste e reine sobre os teus, e suporta ver-nos governando os que estão sob nosso domínio” (Hdt.1.206).

O pedido da regente masságeta é ignorado, conforme ela mesma previra:

Mas, como sei que tu não estás com disposição para ouvir este conselho, preferindo tudo a permanecer quieto, então, se é tão grande teu desejo de tentar o (domínio) sobre os masságetas, dissolve este penoso trabalho de fazer uma ponte sobre o rio, e tu, depois de nos afastarmos do rio a distância de três dias, atravessa para o nosso território (Hdt.1.206).

É essa decisão que marca o início do fim de Ciro. Diferente de Cresos, ele não perderá o que já havia conquistado, mas encontrará a morte. Tómiris não ganhará mais poder, a luta dela é pela permanência do domínio que já possui sobre os masságetas. Assim, a ação da

rainha se configura de maneira diferente da que foi adotada por Ciro em relação a Cresos, pois, de acordo com a narrativa, ela não continuou buscando o crescimento de seu poder como fez Ciro, a rainha estava agindo para manter a estrutura política já estabelecida de maneira equilibrada, a fim de manter a autonomia e liberdade do seu povo, evitando que fossem submetidos ao Império Persa.

A atuação de Tómiris é retratada nos seguintes trechos traduzidos:

Quadro 4 — Texto grego e tradução para o português das passagens 1.205-214:

Tómiris (1.205-214)	Tradução
<p>1.205</p> <p>Ἦν δέ, τοῦ ἀνδρὸς ἀποθανόντος, γυνὴ τῶν Μασσαγετέων βασιλεία· Τόμυρις οἱ ἦν οὖνομα. Ταύτην πέμπων ὁ Κῦρος ἐμᾶτο, τῷ λόγῳ θέλων γυναικὰ μιν ἔχειν. Ἡ δὲ Τόμυρις, συνιῖσα οὐκ αὐτὴν μιν μνόμενον ἀλλὰ τὴν Μασσαγετέων βασιλῆην, ἀπέιατο τὴν πρόσοδον. Κῦρος δὲ μετὰ τοῦτο, ὥς οἱ δόλω οὐ προεχώρει, ἐλάσας ἐπὶ τὸν Ἀράξην ἐποιέετο ἐκ τοῦ ἐμφανέος ἐπὶ τοὺς Μασσαγέτας στρατῆριν, γεφύραστε ζευγνὺς ἐπὶ τοῦ ποταμοῦ διάβασιν τῷ στρατῷ καὶ πύργους ἐπὶ πλοίων τῶν διαπορθμεύοντων τὸν ποταμὸν οἰκοδομεόμενος.</p>	<p>1.205</p> <p>Nesse tempo, depois da morte do marido, uma mulher reinava sobre os masságetas. Seu nome era Tómiris. Ciro enviou uma embaixada a ela dizendo que queria tê-la como esposa. Tómiris, no entanto, entendendo que ele não queria cortejá-la, mas ao reino dos masságetas, rejeitou seus avanços. Depois disso, como a fraude não prosseguiu, Ciro se dirigiu para o Araxes e fez abertamente uma expedição contra os masságetas. Edificou uma ponte sobre o rio para a travessia do exército e torres de comando sobre os navios que atravessavam o rio.</p>
<p>1.206</p> <p>Ἔχοντι δέ οἱ τοῦτον τὸν πόνον πέμψασα ἡ Τόμυρις κήρυκα ἔλεγε τάδε· “ὦ βασιλεῦ Μήδων, παῦσαι σπεύδων τὰ σπεύδεις· οὐ γὰρ ἂν εἰδείης εἶ τοι ἐς καιρὸν ἔσται ταῦτα τελεόμενα· παυσάμενος δὲ βασίλευε τῶν σεωντοῦ καὶ ἡμέας ἀνέχεο ὀρέων ἄρχοντας τῶν περ ἄρχομεν. Οὐκ ὄν ἐθελήσεις</p>	<p>1.206</p> <p>Enquanto executava tais ações, Tómiris enviou um arauto dizendo o seguinte: “Ó, rei dos medos, cessa os teus preparativos, pois não sabes se o fim deles é oportuno. Assim, desiste e reine sobre os teus, e suporta ver-nos governando os que estão sob nosso</p>

ὑποθήκησι τησίδε χρᾶσθαι, ἀλλὰ πάντως μᾶλλον ἢ δι' ἡσυχίης εἶναι· σὺ δὲ εἰ μέγας προθυμείαι Μασσαγετέων πειρηθῆναι, φέρε, μόχθον μὲν τὸν ἔχεις ζευγνὺς τὸν ποταμὸν ἄφες, σὺ δὲ ἡμέων ἀναχωρησάντων ἀπὸ τοῦ ποταμοῦ τριῶν ἡμερέων ὁδὸν διάβαινε ἐς τὴν ἡμετέραν. Εἰ δ' ἡμέας βούλει ἐσδέξασθαι μᾶλλον ἐς τὴν ὑμετέραν, σὺ τὼυτὸ τοῦτο ποίει.” Ταῦτα δὲ ἀκούσας ὁ Κῦρος συνεκάλεσε Περσέων τοὺς πρώτους, συναγείρας δὲ τούτους ἐς μέσον σφί προετίθει τὸ πρῆγμα, συμβουλευόμενος ὁκότερα ποιῆ. Τῶν δὲ κατὰ τὼυτὸ αἰ γνῶμαι συνεξέπιπτον κελευόντων ἐσδέκεσθαι Τόμυρὶν τε καὶ τὸν στρατὸν αὐτῆς ἐς τὴν χώραν.

1.207

Παρεῶν δὲ καὶ μεμφόμενος τὴν γνώμην ταύτην Κροῖσος ὁ Λυδὸς ἀπεδείκνυτο ἐναντίηνητῆ προκειμένη γνώμη, λέγων τάδε· “ὦ βασιλεῦ, εἶπον μὲν καὶ πρότερόν τοι ὅτι, ἐπεὶ με Ζεὺς ἔδωκέ τοι, τὸ ἂν ὀρέω σφάλμα ἐὼν οἴκῳ τῷ σῷ, κατὰ δύναμιν ἀποτρέψειν. Τὰ δὲ μοι παθήματα ἐόντα ἀχάρिता μαθήματα γέγονε. Εἰμὲν ἀθάνατος δοκέεις εἶναι καὶ στρατιῆς τοιαύτης ἄρχειν, οὐδὲν ἂν εἶη πρῆγμα γνώμας ἐμὲ σοὶ ἀποφαίνεσθαι· εἰ δ' ἔγνωκας ὅτι ἄνθρωπος καὶ σὺ εἷς καὶ ἐτέρων τοιῶνδε ἄρχεις, ἐκεῖνο πρῶτον μάθε ὡς κύκλος τῶν ἀνθρωπῆων ἐστὶ πρηγμάτων, περιφερόμενος δὲ οὐκ ἔῃ αἰεὶ τοὺς αὐτοὺς

domínio. Mas, como sei que tu não estás com disposição para ouvir este conselho, preferindo tudo a permanecer quieto, então, se é tão grande teu desejo de tentar o (domínio) sobre os masságetas, dissolve este penoso trabalho de fazer uma ponte sobre o rio, e tu, depois de nos afastarmos do rio a distância de três dias, atravessa para o nosso território. Se preferes nos receber em teu território, faz o mesmo.” Ouvindo isso, Ciro reuniu os principais dentre os persas e depois de reunidos, apresentou a questão diante deles deliberando sobre o que deveria fazer. Todos estavam de acordo com a mesma opinião, falando para receberem Tómiris e o exército no território de Ciro.

1.207

Contudo, Creso, o lídio, estava presente, e reprovando esse conselho colocou-se contra as opiniões defendidas, dizendo o seguinte: “Ὁ rei, eu te disse antes que, quando Zeus entregou-me a ti, aquilo que eu veja que possa ser um passo em falso para tua casa, afastarei de acordo com minha capacidade. Os meus desgraçados sofrimentos tornaram-se aprendizado. Se tu consideras ser um imortal e senhor de tal exército, nenhum conselho eu poderia apresentar-lhe, mas se percebes que tu és também um homem, bem como aqueles que estão sob

εὐτυχέειν. Ἦδη ὧν ἐγὼ γνώμην ἔχω περὶ τοῦ προκειμένου πρήγματος τὰ ἔμπαλιν ἢ οὗτοι. Εἰ γὰρ ἐθελήσομεν ἐσδέξασθαι τοὺς πολεμίους ἐς τὴν χώραν, ὅδε τοι ἐν αὐτῷ κίνδυνος ἔνι. Ἐσσωθεὶς μὲν προσαπολλύεις πᾶσαν τὴν ἀρχήν· δῆλα γὰρ δὴ ὅτι νικῶντες Μασσαγέται οὐ τὸ ὀπίσωφεύζονται ἀλλ' ἐπ' ἀρχὰς τὰς σὰς ἐλῶσι. Νικῶν δὲ οὐ νικᾷς τοσοῦτον ὅσον εἰ διαβὰς ἐς τὴν ἐκείνων νικῶν Μασσαγέτας ἔποιο φεύγουσι· τῷτὸ γὰρ ἀντιθήσω ἐκείνῳ, ὅτι νικήσας τοὺς ἀντιουμένους ἐλᾷς ἰθὺ τῆς ἀρχῆς τῆς Τομύριος. Χωρὶς τε τοῦ ἀπηγημένου αἰσχρὸν καὶ οὐκ ἀνασχετὸν Κῦρόν γε τὸν Καμβύσεω γυναικὶ εἴξαντα ὑποχωρῆσαι τῆς χώρας. Νῦν ὧν μοι δοκέει διαβάντας προελθεῖν ὅσον ἂν ἐκείνοι ὑπεξίωσι, ἐνθεῦτεν δὲ τάδε ποιεῦντας πειρᾶσθαι ἐκείνων περιγενέσθαι. Ὡς γὰρ ἐγὼ πυνθάνομαι, Μασσαγέται εἰσὶ ἀγαθῶν τε Περσικῶν ἄπειροι καὶ καλῶν μεγάλων ἀπαθέες. Τούτοισι ὧν τοῖσι ἀνδράσι τῶν προβάτων ἀφειδέως πολλὰ κατακόψαντας καὶ σκεύασαντας προθεῖναι ἐν τῷ στρατοπέδῳ τῷ ἡμετέρῳ δαῖτα, πρὸς δὲ καὶ κρητῆρας ἀφειδέως οἴνου ἀκρήτου καὶ σιτία παντοῖα· ποιήσαντας δὲ ταῦτα, ὑπολειπομένους τῆς στρατιῆς τὸ φλαυρότατον, τοὺς λοιποὺς αὐτίς ἐξαναχωρέειν ἐπὶ τὸν ποταμόν. Ἦν γὰρ ἐγὼ γνώμης μὴ ἀμάρτω, κείνοι ἰδόμενοι ἀγαθὰ πολλὰ τρέφονται [τε] πρὸς αὐτὰ καὶ ἡμῖν τὸ ἐνθεῦτεν λείπεται ἀπόδεξις ἔργων

o seu domínio, então aprende isso primeiro: as circunstâncias dos homens são como uma roda, que em suas rotações não permite contemplar sempre a mesma pessoa. Por isso, eu sou de opinião contrária à deles sobre essas coisas que foram apresentadas. Se resolvermos esperar os inimigos nesse território, há nisso os seguintes perigos: sendo derrotado, destruirás também todo o seu poder, pois é visível que se os masságetas vencerem, não retornarão, mas avançarão contra teu império. Porém, se tu os venceres, não será uma vitória tão grande quanto se atravessasses para o lado dos masságetas, e com a vitória, puseres-os em fuga. Isso comparo com aquilo, pois se venceres os adversários, marcharás imediatamente para os domínios de Tómiris. À parte disso que já falei, seria vergonhoso e insuportável para Ciro, o filho de Cambises, ceder a uma mulher, retirando-se de sua terra. Agora, parece-me que devemos atravessar e avançar gradualmente, daí em diante faremos da seguinte forma, esforçando-nos para sermos superiores àqueles: conforme eu entendi, os masságetas são inexperientes quanto às incontáveis coisas boas da Pérsia e aos grandes prazeres. Logo, vamos abater uma grande quantidade de gado para esses homens e preparar um

<p>μεγάλων”.</p> <p>1.208</p> <p>Γνωμαι μὲν αὐται συνέστασαν. Κῦρος δὲ μετεῖς τὴν προτέρην γνώμην, τὴν Κροΐσου δὲ ἐλόμενος, προηγόρευε Τομύρι ἐξαναχωρέειν ὡς αὐτοῦ διαβησομένου ἐπ’ ἐκείνην. Ἡ μὲν δὴ ἐξανεχώρει κατὰ ὑπέσχετο πρῶτα. Κῦρος δὲ Κροΐσον ἐς τὰς χεῖρας ἐσθεῖς τῷ ἑωυτοῦ παιδί Καμβύση, τῷ περ τὴν βασιλίην ἐδίδου, καὶ πολλὰ ἐντειλάμενός οἱ τιμᾶν τε αὐτὸν καὶ εὖ ποιέειν, ἣν ἡ διάβασις ἢ ἐπὶ Μασσαγέτας μὴ ὀρθωθῆ, ταῦτα ἐντειλάμενος καὶ ἀποστείλας τούτους ἐς Πέρσας αὐτὸς διέβαινε τὸν ποταμὸν καὶ ὁ στρατὸς αὐτοῦ.</p> <p>1.211</p> <p>Κῦρος δὲ προελθὼν ἀπὸ τοῦ Ἀράξω ἡμέρης ὁδὸν ἐποίηε τὰς Κροΐσου ὑποθήκας. Μετὰ δὲ ταῦτα Κύρου τε καὶ Περσέων τοῦ καθαροῦ <τοῦ> στρατοῦ ἀπελάσαντος ὀπίσω ἐπὶ τὸν Ἀράξην, λειφθέντος δὲ τοῦ ἀχρηίου, ἐπελθοῦσα τῶν Μασσαγετέων τριτημορίς τοῦ στρατοῦ τούς τε λειφθέντας τῆς Κύρου στρατιῆς ἐφόνευε ἀλεξομένους καὶ τὴν προκειμένην ἰδόντες δαῖτα, ὡς ἐχειρώσαντο τοὺς ἐναντίους, κλιθέντες ἐδαίνυντο, πληρωθέντες δὲ φορβῆς καὶ οἴνου ἠῦδον. Οἱ δὲ Πέρσαι ἐπελθόντες πολλοὺς μὲν σφεων ἐφόνευσαν, πολλῶ δ’ ἔτι πλέονας ἐζώγησαν, καὶ ἄλλους καὶ τὸν τῆς</p>	<p>banquete em nosso acampamento, dispondo de muitos recipientes com vinho para embebedá-los, pois não estará misturado, e também todo tipo de grãos. Fazendo isso, deixaremos as tropas mais fracas e as demais se retiram para o rio. Pois, se eu não estou enganado em minha opinião, quando eles virem tantas coisas boas, se voltarão para elas e então nós teremos o caminho livre para mostrar grandes obras”.</p> <p>1.208</p> <p>Entre esses dois conselhos, Ciro abandonou a primeira opção e escolheu o de Creso, anunciou a Tómiris que ela se retirasse, pois ele atravessaria para aquele lado. Ela então se retirou, conforme havia prometido antes. Ciro, depois de colocar Creso sob os cuidados do seu próprio filho, Cambises, para quem ele deixaria seu reino, deu muitas ordens de que ele o honrasse e fizesse-lhe o bem, caso a travessia para o campo dos masságetas não o mantivesse a salvo, em seguida enviou-os para a Pérsia, enquanto atravessava o rio junto do seu exército.</p> <p>1.211</p> <p>Ciro, partindo do Araxes a distância de um dia fez o que Creso tinha sugerido. Depois disso, Ciro e uma parte do</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>βασιλείης Τομύριος παῖδα, στρατηγέοντα Μασσαγετέων, τῷ οὔνομα ἦν Σπαργαπίσης.</p> <p>1.212</p> <p>Ἡ δέ, πυθομένη τά τε περὶ τὴν στρατιὴν γεγονότα καὶ τὰ περὶ τὸν παῖδα, πέμπουσα κήρυκα παρὰ Κῦρον ἔλεγε τάδε: “Ἀπληστε αἵματος Κῦρε, μηδὲν ἐπαρθῆς τῷ γεγονότι τῷδε πρήγματι, εἰ ἀμπελίνῳ καρπῷ, τῷ περ αὐτοὶ ἐμπιπλάμενοι μαίνεσθε οὕτως ὥστε κατιόντος τοῦ οἴνου ἐς τὸ σῶμα ἐπαναπλέειν ὑμῖν ἔπεα κακά, τοιούτῳ φαρμάκῳ δολώσας ἐκράτησας παιδὸς τοῦ ἐμοῦ, ἀλλ’ οὐ μάχη κατὰ τὸ καρτερόν. Νῦν ὦν ἐμέο εὖ παραινέουσης ὑπόλαβε τὸν λόγον· ἀποδούς μοι τὸν παῖδα ἄπιθι ἐκ τῆσδε τῆς χώρας ἀζήμιος, Μασσαγετέων τριτημορίδι τοῦ στρατοῦ κατυβρίσας. Εἰ δὲ ταῦτα οὐ ποιήσεις,</p> <p>ἦλιον ἐπόμνυμί τοι τὸν Μασσαγετέων δεσπότην, ἧ μὲν σε ἐγὼ καὶ ἄπληστον ἐόντα αἵματος κορέσω.”</p> <p>1.213</p> <p>Κῦρος μὲν ἐπέων οὐδένα τούτων ἀνενειχθέντων ἐποιέετο λόγον. Ὁ δὲ τῆς βασιλείης Τομύριος παῖς Σπαργαπίσης, ὡς μιν ὁ τεοῖνος ἀνῆκε καὶ ἔμαθε ἵνα ἦν κακοῦ, δεηθεὶς Κύρου ἐκ τῶν δεσμῶν λυθῆναι ἔτυχε, ὡς δὲ ἐλύθη τε τάχιστα καὶ τῶν χειρῶν ἐκράτησε, διεργάζεται εἰς αὐτόν.</p>	<p>exército persa retornaram para o Araxes, deixando a parcela mais frágil do exército. Um terço do exército dos masságetas liquidou o exército deixado por Ciro, que tentava se defender. Então, quando viram o banquete exposto, tendo já subjugado o inimigo, se reclinaram e banquetearam. Depois de se saciarem com a comida e de se embebedarem com o vinho, dormiram. Os persas então retornaram e mataram muitos deles, capturaram ainda mais outros, entre esses outros estava o filho de Tómiris, o então general do masságetas, cujo nome era Espárgapises.</p> <p>1.212</p> <p>Ela, quando soube o que tinha ocorrido com seu exército e com seu filho, enviou um arauto para Ciro dizendo: “Ciro, sedento de sangue, não se alegre com esses acontecimentos, pois, se pelo fruto da videira, com o qual vós vos enlouqueceis, de tal modo que, conforme o vinho desce pelo corpo, sobem para a língua palavras ruins, se foi com essa droga que dominaste meu filho, mas não pela batalha, usando a força, então agora te darei um bom conselho: devolva meu filho e afasta-te desse território sem nenhum dano, ainda que tenha insultado um terço do exército masságeta. Se não fizeres isso, juro pelo sol, senhor dos</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>1.214</p> <p>Καὶ δὴ οὗτος μὲν τρόπῳ τοιούτῳ τελευτᾷ. Τόμυρις δέ, ὡς οἱ Κῦρος οὐκ ἐσήκουσε, συλλέξασα πᾶσαν τὴν ἑωυτῆς δύναμιν συνέβαλε Κύρῳ. Ταύτην τὴν μάχην, ὅσαι δὴ βαρβάρων ἀνδρῶν μάχαι ἐγένοντο, κρίνω ἰσχυροτάτην γενέσθαι. Καὶ δὴ καὶ πυνθάνομαι οὕτω τοῦτο γινόμενον. Πρῶτα μὲν γὰρ λέγεται αὐτοὺς διαστάντας ἐς ἀλλήλους τοξεύειν, μετὰ δέ, ὡς σφι τὰ βέλεα ἐξετετόξευτο, συμπεσόντας τῆσι αἰχμησί τε καὶ τοῖσι ἐγχειριδίοισι συνέχεσθαι. Χρόνον τε δὴ ἐπὶ πολλὸν συνεστάναι μαχομένους καὶ οὐδετέρους ἐθέλειν φεύγειν· τέλος δὲ οἱ Μασσαγῆται περιεγένοντο. Ἡ τε δὴ πολλὴ τῆς Περσικῆς στρατιῆς αὐτοῦ ταύτη διεφθάρη καὶ δὴ καὶ αὐτὸς Κῦρος τελευτᾷ, βασιλεύσας τὰ πάντα ἐνὸς δέοντα τριήκοντα ἔτεα. Ἀσκὸν δὲ πλήσασα αἵματος ἀνθρωπηίου Τόμυρις ἐδίζητο ἐν τοῖσι τεθνεῶσι τῶν Περσέων τὸν Κύρου νέκυν, ὡς δὲ εὔρε, ἐναπῆκε αὐτοῦτὴν κεφαλὴν ἐς τὸν ἀσκόν· λυμαιομένη δὲ τῷ νεκρῷ ἐπέλεγε τάδε· “Σὺ μὲν ἐμὲ ζώουσάν τε καὶ νικῶσάν σε μάχῃ ἀπώλεσας παῖδα τὸν ἐμὸν ἐλὼν δόλω· σὲ δ' ἐγώ, κατὰ περ ἠπέιλησα, αἵματος κορέσω.» Τὰ μὲν δὴ κατὰ τὴν Κύρου τελευτὴν τοῦ βίου πολλῶν λόγων λεγομένων ὅδε μοι ὁ πιθανώτατος εἴρηται.</p>	<p>masságetas, que essa tua ambição por sangue, eu mesma irei saciá-la”.</p> <p>1.213</p> <p>Ciro não deu nenhuma importância quando essas palavras lhe foram reportadas. O filho da rainha Tómiris, Espargápis, quando o efeito do vinho passou, reconheceu que estava em péssima situação. Pediu, então, a que se libertasse dos grilhões em que se encontrava preso, logo que se viu livre e com poder sobre suas mãos, matou-se.</p> <p>1.214</p> <p>Esse foi o modo como ele encontrou o fim. Tómiris, como não havia escutado-o, convocou toda sua força e se lançou contra ele. Esta batalha, de quantas já travadas entre os bárbaros, distingo-a como a mais violenta. Além disso, compreendi que ocorreu assim: dizem que primeiro atiraram flechas separadamente uns contra os outros, depois disso, quando as flechas foram atiradas, lançaram-se uns contra os outros, com suas lanças e punhais. Durante muito tempo mantiveram-se batalhando e nenhum deles tencionava fugir. Por fim, os masságetas venceram. Grande parte do exército persa foi destruído nessa batalha, entre eles, o próprio Ciro encontrou seu fim, tendo</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>reinado no total de vinte e nove anos. Tómiris encheu uma bolsa de pele com sangue humano e procurou entre os persas o cadáver de Ciro, assim que o encontrou introduziu sua cabeça na bolsa, ultrajando o cadáver, enquanto dizia as seguintes palavras: “ainda que eu esteja viva e tenha vencido a batalha, tu me destruístes quando capturou meu filho através de um ardil, mas sou eu que, para cumprir uma ameaça, sacio-te de sangue”. A respeito da morte de Ciro, muitas versões são contadas, essa é para mim a mais convincente que encontrei.</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

CONCLUSÃO

A princípio, estudar a participação feminina no conflito narrado pode apenas demonstrar a necessidade atual em afirmar a atuação do gênero feminino nas narrativas escolhidas por formarem a história da sociedade ocidental, entretanto, ao aprofundar-se nessa questão, rapidamente se percebe que a atuação feminina é o fim do processo de pesquisa. O que se exige, em igual importância, é entender como essa participação configurou-se, quais os critérios usados pelos autores para inseri-la em seus textos e quais as ferramentas narrativas aplicadas ao descrevê-las.

Debruçar-se sobre o tema pode ser uma das facetas da solução para o problema da pouca participação de mulheres em atividades sociais do âmbito público atualmente, pois demonstra a representatividade do gênero feminino nos episódios estruturantes da História. Sendo assim, o que pode ser visto nas *Histórias* é, juntamente com a performance masculina, um protagonismo feminino que atua para ou manter a estabilidade de um reino/cultura ou interromper a continuidade da sociedade da qual ela(s) faz(em) parte.

O caminho escolhido nessa dissertação buscou, antes de tudo, ancorar o ponto de vista adotado em importantes estudos anteriores, como de Dewald (1980 e 1981), a partir da pesquisa dela foi realizado então um recorte da participação feminina apenas no primeiro livro. Com essas questões apresentadas, optou-se em seguida por privilegiar dois aspectos sobre a participação de mulheres na obra: a carga literária homérica da qual Heródoto provavelmente recebeu influência para compor seu relato e o lugar ocupado por cinco mulheres na organização do poder político representado no Livro I.

As duas propostas de análise não apresentam relação entre si quando pensadas isoladamente, de forma separada, porém, vinculam-se na esfera mais ampla da produção de Heródoto, que é a formação do quadro onde as mulheres estão ativamente participando dos motivos que levaram à guerra entre gregos e o Império Aquemênida. As análises representadas são pequenos fios da trama narrativa das *Histórias* que ajudam a formar o quadro geral dessa obra, e que dão coerência ao enredo do universo literário proposto por Heródoto.

A criação desse universo literário busca conectar-se de alguma forma com seu público ouvinte, os atenienses contemporâneos a ele, uma vez que o foco da obra herodoteana recai sobre esse povo, todavia Heródoto evidentemente extrapolou esse limite e sua produção conectou-se com diversos povos e com períodos históricos diferentes, assimilando suas respectivas questões sociais. É o caso, por exemplo, da participação feminina na organização

do poder político, que sofre há muito tempo um processo de apagamento ou atenuação, tendo sua atuação relegada às atividades do lar e/ou da criação de filhos.

Evidentemente, as atividades do âmbito privado das quais convencionalmente as mulheres se ocupam não são desnecessárias ou menos importantes do que aquelas realizadas nas esferas públicas, como as guerras, o trabalho fora de casa ou a organização política, o fato é que são absolutamente indispensáveis para que a sociedade opere da melhor maneira possível. O problema reside em acreditar que a capacidade das mulheres se restringe à administração do lar e dos filhos, o que gera não apenas a falta de reconhecimento do esforço feminino para o equilíbrio e êxito de uma sociedade, mas também a ausência de direitos essenciais e de oportunidades fora do lar para esse gênero, conforme pode ser observado na maior parte dos registros da nossa história.

Alguns episódios da tentativa de mulheres em obter direitos reforçam essa ideia, como a luta na Revolução Francesa de Olympe de Gouges para alcançar a igualdade de direitos, o esforço de mulheres que também ocupavam postos de trabalho das fábricas na Revolução Industrial para ter reconhecidos os seus direitos trabalhistas, e o próprio direito ao voto, marco da participação política da mulher na sociedade, que só foi possível depois de muitos enfrentamentos.

Heródoto apresenta uma proposta que se choca com a maioria dos registros históricos sobre a atuação de personagens mulheres, pois constrói seus papéis de forma complexa, trazendo vários elementos e aspectos que dialogam com a necessidade atual de restituir à mulher a abrangência de sua atuação na história do desenvolvimento da humanidade.

Do ponto de vista da criação literária, o autor manteve características e comportamentos já conhecidos no mundo grego e não por acaso teve muitas das suas técnicas associadas à produção homérica, ele usa praticamente a mesma régua de valores dos personagens da *Iliada* e na *Odisseia* em seus personagens e acrescenta valores, que antes eram aplicados apenas aos homens, em algumas das suas personagens femininas, tal como se buscou reproduzir nessa dissertação.

Ao se debruçar sobre a investigação histórica, a obra se apresenta ainda mais inovadora, por considerar mulheres ocupando lugares de liderança e protagonismo social e por traçar – intencionalmente ou não – paralelos entre a participação feminina e as estruturas de poder que ela buscou representar. Parece existir um esforço do autor em demonstrar que homens e mulheres atuam de forma semelhante quando estão em posição de poder equiparável, como é o caso das monarquias ocidentais, bem como em mostrar que a ação de

ambos os gêneros é indispensável para que o equilíbrio social seja mantido, ou se necessário, restabelecido.

Assumindo o valor da obra de Heródoto como um importante documento histórico, é possível supor que ele usou o seu poder de registro de forma inovadora, ao selecionar personagens femininas e situações onde elas atuam como protagonistas, além de retratá-las nos papéis secundários (mães, esposas, irmãs, servas, grupos étnicos e sacerdotisas), esse poder de escolher o que é digno de nota é o mesmo que diversas vezes promoveu o apagamento da participação da mulher, favorecendo seu esquecimento ao privilegiar a atuação masculina.

A partir dos postulados apresentados, essa dissertação tem a intenção de juntar-se aos estudos atuais a respeito da participação feminina, seja no campo artístico-literário, seja nos registros oficiais da história, a fim de resgatar e cultivar a memória da atuação das mulheres e com isso impulsionar seu reconhecimento. A configuração social contemporânea encaminhou a pesquisa acadêmica para um tema com tantas contribuições, (participação/papel da mulher nos diversos textos do mundo grego antigo) direcionando questionamentos e respostas para as fontes textuais mais antigas da história ocidental.

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, A. L. Duas rainhas em Heródoto: Tómiris e Artemísia. **HUMANITAS**, Coimbra, v. 46, p. 17-41, 1994. Disponível em: <https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas46/02_Curado.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2020.

ANHALT, E. K.; COLLEGE, S. L. Seeing is Believing: Four Women on Display in Herodotus' Histories." **New England Classical Journal**, New England, v. 35, n. 4, p. 269-280, 2008.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2015.

BARAHWAGNATH, E. **Motivation and Narrative in Herodotus**. New York: Oxford University Press, 2008.

BAILLY, A. **Dictionnaire Grec-Français**. Paris: Hachette, 2000.

BLOK, J. Women in Herodotus' Histories. In: BEKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de; WEES, H. van. (Eds.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002, p. 225-242.

BOEDEKER, D. Epic Heritage and Mythical Patterns in Herodotus. In: BEKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de; WEES, H. van. (Eds.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002, p. 225-242.

BLUNDELL, S. **Women in Ancient Greece**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1995.

CAMERON, A.; KUHRT, A. **Images of Women in Antiquity**. London: Routledge, 1993.

COHEN, D. Seclusion, Separation, and the Status of Women in Classical Athens. **Greece & Rome**, Cambridge, v. 36, n. 1, p. 3-15. 1989.

CONDILO, C. **Heródoto, as tiranias e o pensamento político nas Histórias**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

DEWALD, C. Biology and Politics: Women in Herodotus "Histories". **Pacific Coast Philology**, Pennsylvania, v.15, p.11-18, 1980.

_____. Women and Culture in Herodotus "Histories". In: FOLEY, H. P. (Ed.) **Reflections of Women in Antiquity**, Philadelphia, p. 91-125, 1981.

DEWALD, C.; KITZINGER, R. Herodotus, Sophocles and the woman who wanted her brother saved. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 122-129.

DEWALD, C.; MARINCOLA, J. Introduction. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 1-12.

EURÍPEDES. **Medeia**. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2010.

FLOWER, M. Herodotus and Persia. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 274-289

FORSDYKE, S. Herodotus, political history and political thought. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 224-241.

HARTOG, F. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Tradução de Jacynto Lins Brandão. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

HERÓDOTO. **Herodoti Historiae** recognovit brevique adnotatione critica instrvxit Carolus Hude (Karl Hude). v.1. Oxford: Clarendon Press, 1908.

_____. **Herodoti Historiae** recognovit brevique adnotatione critica instrvxit Carolus Hude (Karl Hude). v.2. Oxford: Clarendon Press, 1920.

HÉRODOTE. **Histoires**. Texte établi et traduit par Philippe-Ernest Legrand. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1963-70.

HERÓDOTO. **Histórias Livro I**. Tradução José Ribeiro de Sousa e Maria de Fátima Silva e Introdução Geral de Maria Helena Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 2014.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e Introdução de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora/SESI-SP Editora, 2018.

HOMERO. **Odisséia**. Tradução e Introdução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

HORNBLOWER, S. Herodotus' influence in antiquity. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 306-318

HOW, W. W.; WELLS, J. **A Commentary on Herodotus**. 2 Vols. Oxford: Oxford University Press, 1967.

KUHRT, A. Babylon. In: BEKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de; WEES, H. van. (Eds.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002, p. 225-242.

LIDDELL, H. G.; SCOTT, R.; JONES, S. **Greek-English lexicon**. 9. ed. Oxford: Clarendon Press, 1996.

LURAGHI, N. The Importance of Being λόγιος. **The Classical World**, Atlantic States, vol. 102, n.4, p. 439-456, 2009.

MARINCOLA, J. Herodotus and the poetry of the past. In: DEWALD, C.; MARINCOLA, J. (Eds.). **The Cambridge Companion to Herodotus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, p. 13-28.

MIKALSON, J. D. Religion in Herodotus. In: BEKKER, E. J.; JONG, I. J. F. de; WEES, H. van. (Eds.). **Brill's Companion to Herodotus**. Leiden: Brill, 2002, p. 225-242.

MORAIS, C. **Maravilhas do Mundo Antigo: Heródoto, pai da História?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

MUNSON, R.V. **Telling Wonders: Ethnographic and Political Discourse in the Work of Herodotus**, Michigan, 2001.

POWELL, J. E. **A Lexicon to Herodotus**. Cambridge: University Press, 1938.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TANK, H. **Irony and Women in Herodotus**. 2012. A Dissertation submitted to the University of Wales Trinity Saint David in fulfilment of the requirements for MA Classics. 2012.

TOURRAIX, A. La femme et le pouvoir chez Hérodote. **Dialogues d' Histoire Ancienne**, Lyon, v. 2, n. 1, p. 369-386, 1976.